



**ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

LUCAS TELES BOEIRA

**JORNALISMO CONVENCIONAL E JORNALISMO LITERÁRIO AVANÇADO
NAS NARRATIVAS DO G1-GLOBO E EL PAÍS AMÉRICA LATINA**

**CAXIAS DO SUL
2022**

LUCAS TELES BOEIRA

**JORNALISMO CONVENCIONAL E JORNALISMO LITERÁRIO AVANÇADO
NAS NARRATIVAS DO G1-GLOBO E EL PAÍS AMÉRICA LATINA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo, pela Universidade de Caxias
do Sul.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Luiza
Cardinale Baptista

**CAXIAS DO SUL
2022**

LUCAS TELES BOEIRA

**JORNALISMO CONVENCIONAL E JORNALISMO LITERÁRIO AVANÇADO
NAS NARRATIVAS DO G1-GLOBO E EL PAÍS AMÉRICA LATINA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo, pela Universidade de Caxias
do Sul.

Banca Examinadora

Dra Maria Luiza Cardinale Baptista (orientadora)

Universidade de Caxias do Sul

Me Jacob Raul Hoffmann

Universidade de Caxias do Sul

Ma Jennifer Bauer Eme

Universidade de Caxias do Sul

Para mim, a natureza do Jornalismo está no medo. O medo do desconhecido, que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer.

Felipe Pena

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo geral analisar o uso do Jornalismo Convencional e do Jornalismo Literário Avançado na construção das narrativas do G1-Globo e *El País* em sua edição América Latina. Buscou-se definir o que é Jornalismo Convencional, o que é Jornalismo Literário Avançado (JLA) e como identificá-lo em textos jornalísticos. Também procurou-se entender as diferenças entre o que é ou não JLA e elencar as características, tanto do Jornalismo Literário Avançado quanto do Jornalismo Convencional. Nesse sentido, o referencial teórico é composto por autores cujos trabalhos sobre Jornalismo Convencional e JLA ajudaram na construção dos capítulos desta pesquisa, em especial Juarez Bahia (2009), Edvaldo Pereira Lima (2009; 2014), Felipe Pena (2005) e Cremilda Medina (1978). A pesquisa é qualitativa e, neste sentido, tem como estratégia metodológica a Cartografia dos Saberes, de Baptista (2014; 2020), com a análise de produções jornalísticas nos dois veículos, associada ao trabalho teórico. Como principais resultados, foram elencadas as características que definem o Jornalismo Convencional e o JLA, e foi apresentada a análise das produções jornalísticas, com a identificação de traços do JLA.

Palavras-chave: Jornalismo; Jornalismo Convencional; Jornalismo Literário; Jornalismo Literário Avançado; narrativas.

ABSTRACT

The present Course Completion Work has as general objective to analyze the use of Conventional Journalism and Advanced Literary Journalism in the construction of the narratives of G1-Globo and El País in its Latin America edition. We sought to define what is Conventional Journalism, what is Advanced Literary Journalism (JLA) and how to identify it in journalistic texts. We also sought to understand the differences between what is or is not JLA and to list the characteristics of both Advanced Literary Journalism and Conventional Journalism. In this sense, the theoretical framework is composed of authors whose works on Conventional Journalism and JLA helped in the construction of the chapters of this research, especially Juarez Bahia (2009), Edvaldo Pereira Lima (2009; 2014), Felipe Pena (2005) and Cremilda Medina (1978). The research is qualitative and, in this sense, has as its methodological strategy the Cartography of Knowledge, by Baptista (2014; 2020), with the analysis of journalistic productions in both vehicles, associated with theoretical work. As main results, the characteristics that define Conventional Journalism and the JLA were listed, and the analysis of journalistic productions was presented, with the identification of traits of the JLA.

Keywords: Journalism; Conventional Journalism; Literary Journalism; Advanced Literary Journalism; narratives.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Primeiros jornais impressos nas províncias brasileiras	27
Figura 2 - Formato de veículos jornalísticos no Brasil	42
Figura 3 - Pirâmide Invertida	56
Figura 4 - Captura de tela Matéria 1	97
Figura 5 - Captura de tela Matéria 1	98
Figura 6 - Captura de tela Matéria 1	99
Figura 7 - Captura de tela Matéria 1	100
Figura 8 - Captura de tela Matéria 1	101
Figura 9 - Captura de tela Matéria 1	101
Figura 10 - Captura de tela Matéria 1	102
Figura 11 - Captura de tela Matéria 1	102
Figura 12 - Captura de tela Matéria 2	105
Figura 13 - Captura de tela Matéria 2	105
Figura 14 - Captura de tela Matéria 2	106
Figura 15 - Captura de tela Matéria 2	106
Figura 16 - Captura de tela Matéria 2	107
Figura 17 - Captura de tela Matéria 3	109
Figura 18 - Captura de tela Matéria 3	110
Figura 19 - Captura de tela Matéria 3	111
Figura 20 - Captura de tela Matéria 3	111
Figura 21 - Captura de tela Matéria 4	113
Figura 22 - Captura de tela Matéria 4	114
Figura 23 - Captura de tela Matéria 4	115
Figura 24 - Captura de tela Matéria 4	115
Figura 25 - Captura de tela Matéria 4	116
Figura 26 - Captura de tela Matéria 4	117
Figura 27 - Captura de tela Matéria 4	118
Figura 28 - Captura de tela Matéria 4	118
Figura 29 - Captura de tela Matéria 5	120
Figura 30 - Captura de tela Matéria 5	121

Figura 31 - Captura de tela Matéria 5	121
Figura 32 - Captura de tela Matéria 5	122
Figura 33 - Captura de tela Matéria 5	122
Figura 34 - Captura de tela Matéria 6	124
Figura 35 - Captura de tela Matéria 6	124
Figura 36 - Captura de tela Matéria 6	125
Figura 37 - Captura de tela Matéria 6	126
Figura 38 - Captura de tela Matéria 6	127
Figura 39 - Captura de tela Matéria 6	128
Figura 40 - Captura de tela Matéria 6	128

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ASPECTOS METODOLÓGICOS	14
2.1 A ESCOLHA DOS VEÍCULOS	15
3 JORNALISMO CONVENCIONAL	18
3.1 CONTEXTUALIZANDO	18
3.2 COMO SURTIU O JORNALISMO	19
3.2.1 Gutenberg e a prensa	20
3.2.2 Jornalismo no Brasil	21
3.2.3 Correio Braziliense	24
3.2.4 A expansão dos jornais pelo Brasil	26
3.2.5 As diferentes fases do Jornalismo brasileiro	30
3.2.6 A quarta fase e a migração para o <i>webjornalismo</i>	36
3.3 ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA O TRABALHO JORNALÍSTICO	43
3.4 A MANEIRA TRADICIONAL DE FAZER JORNALISMO	46
3.5 AS TEORIAS DO JORNALISMO	49
3.6 CARACTERÍSTICAS	55
3.6.1 <i>Lead</i>	56
3.6.2 Imparcialidade	60
3.6.3 Superficialidade	63
3.6.4 Agilidade para transmitir informações	66
3.7 RELEMBRANDO	68
4 JORNALISMO LITERÁRIO AVANÇADO	69
4.1 VIAGEM AO PASSADO	70
4.1.1 Afinal: o que é Jornalismo Literário Avançado?	76
4.2 COMO SER JORNALISTA LITERÁRIO	81

4.3 JLA: COMO IDENTIFICAR?	82
4.3.1 Jornada do Herói	83
4.3.2 Narrativas de transformação	86
4.3.3 Contextualização e foco nos personagens	87
4.4 JLA NA PRÁTICA	89
4.4.1 Decifra-me ou te devoro	90
4.4.2 Lição de ecologia e cidadania	91
4.4.3 Campo, cidade, vida	92
4.5 RELEMBRANDO	93
5 ANÁLISE DAS MATÉRIAS	95
5.1 MÉTODO DE ANÁLISE	96
5.1.1 Matéria 1	97
5.1.2 Matéria 2	104
5.1.3 Matéria 3	109
5.1.4 Matéria 4	113
5.1.5 Matéria 5	120
5.1.6 Matéria 6	123
5.2 EXPLICAÇÕES COMPLEMENTARES À ANÁLISE	131
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	138

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo estudar a relação entre o Jornalismo Convencional e o Jornalismo Literário Avançado, na construção das narrativas dos veículos de imprensa G1 e El País - Edição América Latina. A proposta inicial era analisar os veículos de imprensa G1 e El País Brasil, mas não pôde ser mantida, já que, em meados do final de 2021, houve o anúncio do fechamento da edição brasileira do El País. Para a versão final desta pesquisa, que tinha sido iniciada no primeiro semestre de 2021, na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) I, houve a escolha por dar sequência ao estudo utilizando o mesmo veículo de imprensa - além do portal de notícias da Rede Globo - só que em sua versão expandida, originalmente no idioma espanhol, que engloba notícias e opiniões abrangendo todo o território da América Latina.

Muitos foram os fatores que contribuíram para escolher este tema. Entre os principais, estão minha paixão pela Literatura e pelo Jornalismo, exatamente nesta ordem, já que minha relação com a leitura iniciou antes mesmo da definição da profissão que pretendo seguir até o fim da vida. Enxergo no TCC II a oportunidade perfeita para dar, de fato, início a uma carreira científica como pesquisador, unindo dois assuntos sobre os quais sinto desejo de aprofundar meus conhecimentos posteriormente à conclusão da graduação no Curso de Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Um dos argumentos que procuro levar em consideração em todos os momentos é o de que quando falamos ou escrevemos sobre algo que seja do nosso interesse, tudo fica mais leve, divertido e prazeroso. Isso ocorre mesmo em um processo que se chama Trabalho de Conclusão de Curso. É um trabalho, assim como o Jornalismo cotidiano, mas a oportunidade de produzir sobre uma temática próxima, sobre a qual tenho interesse em aprender, suaviza o processo. Nesse sentido, encarei o TCC como um desafio saudável, que me motivou e ainda motiva a superar meus próprios limites e a buscar incansavelmente sempre mais.

Durante a Graduação, lamento por ter tido tão pouco contato com o Jornalismo Literário, mas mesmo assim, a curiosidade falou mais alto. Assim que conheci essa área do jornalismo, fiquei fascinado e comecei a pesquisar, procurando me aprofundar. Dessa forma, pude entender que unir Jornalismo e

Literatura para chegar ao mesmo objetivo (informar) era algo possível. Isso me chamou a atenção, ao mesmo tempo em que me empolgou e apresentou uma trilha profissional até então desconhecida para mim.

Neste sentido, elaborou-se a questão-problema desta pesquisa: Quais são as características do JLA presentes nos veículos G1, da Rede Globo, e El País América Latina?

Para responder à questão-problema desta pesquisa, os objetivos específicos também foram de grande valia: Apresentar reflexões sobre o Jornalismo Convencional, a partir de aspectos históricos e de suas características; Apresentar reflexões sobre o que é Jornalismo Literário Avançado (JLA) e como identificá-lo em textos jornalísticos; Discutir as diferenças entre Jornalismo Convencional e JLA e; definir quais características permitem identificar o uso do JLA na construção das narrativas dos veículos de imprensa.

Como a própria construção do conceito sugere, quando falamos em “Jornalismo Literário”, "Jornalismo" vem antes de "Literário", ou seja, antes de ser literatura, o texto precisa ser jornalístico. Conforme Edvaldo Pereira Lima, em sua obra *Jornalismo Literário para Iniciantes* (LIMA, 2010, p.11) o jornalismo literário é um estilo diferenciado de prática da reportagem e ocupa um lugar especial na cultura contemporânea. Indo por este caminho, o interesse por descobrir quais características definem o Jornalismo Literário Avançado e como identificá-las em um texto também serviu de inspiração para esta pesquisa.

O referencial teórico desta pesquisa envolveu autores cujos trabalhos foram essenciais para a construção desta pesquisa em cada uma de suas etapas. Sobre Jornalismo Literário Avançado são citados, por exemplo, Edvaldo Pereira Lima (2014), Zuenir Ventura (2005), Cremilda Medina (1978), Felipe Pena (2005) e Nelson Traquina (2005), autores renomados nesse estilo de escrita no Brasil.

A estratégia metodológica foi a Cartografia dos Saberes, de Baptista (2014, 2020), estruturada em quatro Trilhas de Investigação: Saberes Pessoais, Saberes Teóricos, Usina de Produção e Dimensão Intuitiva da Pesquisa. Em termos de procedimentos operacionais, além da produção de textos pessoais e levantamento bibliográfico, foi feita a análise dos conteúdos jornalísticos publicados no site do G1 e do El País América Latina, selecionados aleatoriamente em seus respectivos sites.

O estudo resultou em seis capítulos. No capítulo dois deste TCC, estão explanados os aspectos metodológicos da pesquisa e a justificativa para a escolha das publicações dos veículos G1 e El País como fonte de análise.

No capítulo três, intitulado Jornalismo Convencional, a abordagem remete às práticas e dinâmicas do modelo tradicional do “fazer Jornalismo”. O objetivo é entender e caracterizar o Jornalismo Convencional, por meio de uma contextualização histórica, com foco no Brasil. Também são abordadas as quatro diferentes fases do Jornalismo brasileiro, assim como a definição de *webjornalismo*. No final do capítulo, há a listagem das características do Jornalismo Convencional e também são contextualizados exemplos de como é possível identificá-las em um texto jornalístico e do seu efeito na precarização das notícias.

No capítulo quatro desta pesquisa, intitulado Jornalismo Literário Avançado, há a explicação sobre o conceito e sua origem. Desde os primeiros relatos do surgimento do JLA ao tempo presente, com foco no Jornalismo Literário brasileiro. A exemplo do que ocorre no capítulo três, também há a listagem das características principais do JLA e como é possível identificá-las no texto jornalístico.

No quinto capítulo, entramos na parte da análise das matérias divulgadas no G1-Globo e El País América Latina. Foram selecionadas três publicações de cada veículo, de diferentes editorias, na tentativa de classificar quais os elementos presentes em cada uma, tanto de JLA quanto Jornalismo Convencional. No sexto capítulo, as considerações finais sobre a pesquisa e, posteriormente, as referências bibliográficas.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A estratégia metodológica utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa científica foi a Cartografia dos Saberes (BAPTISTA, 2014; 2020), “aceitando as alterações do percurso, inerentes a episódios imprevistos, ao caráter vivo da pesquisa” (BERNARDO, 2020, p.5). Como ensina a Cartografia dos Saberes, foi levado em conta a Trilha dos Saberes Pessoais - com base em toda a informação que absorvi e venho absorvendo ao longo de 11 semestres da graduação, acrescida da minha própria história de vida. Além disso, a Trilha dos Saberes Teóricos, também indispensável, envolve todas as referências listadas neste trabalho. A Usina de Produção da Pesquisa, outra trilha da Cartografia dos Saberes, refere-se ao processo de produção do início ao fim, desde a delimitação do objeto de estudo e dos objetivos geral e específicos até as considerações finais. Por último e igualmente importante, houve sempre a procura por seguir à risca a Dimensão Intuitiva da Pesquisa, agindo de acordo com as decisões e os posicionamentos - meus e dos autores citados ao longo do trabalho - que julguei serem os mais apropriados para cumprir com tudo aquilo que foi proposto.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram utilizados todos os recursos metodológicos necessários - citados a seguir - a fim de atingir os objetivos previstos. Não houve entrevistas, as fontes de pesquisa foram obras de autores relacionados com Jornalismo Literário Avançado e Jornalismo Convencional, tanto em suas versões impressas (livros físicos) quanto *online* (buscas na internet).

Entre os autores utilizados para embasar a construção de cada capítulo da pesquisa, estão nomes como Zuenir Ventura (2005), Juarez Bahia (2009), Cremilda Medina (1978), Felipe Pena (2005), Marialva Barbosa (2013 e Edvaldo Pereira Lima (2014). Este último, teve um destaque maior, já que seus estudos acerca do tema foram os principais para o desenvolvimento deste trabalho. Além destes autores já citados, a internet também serviu como fonte de busca para ser possível encontrar outras referências sobre o assunto.

Na *Web*, foram feitas buscas por artigos científicos relacionados ao Jornalismo Literário Avançado e Jornalismo Convencional, que também serviram de embasamento para a definição das características de ambos os estilos de escrita jornalística, que envolve elementos da literatura. Materiais foram acessados no

acervo digital da Universidade de Caxias do Sul (UCS), assim como em outros *sites*, todos devidamente listados nas referências bibliográficas ao final desta pesquisa. Foi priorizada a busca por artigos publicados de autores vinculados a universidades, faculdades, centros universitários, além de eventos em nível nacional ou internacional, como o Intercom, por exemplo. Isso foi feito, buscando dar mais autoridade às citações e demais argumentos contidos no presente trabalho.

2.1 A ESCOLHA DOS VEÍCULOS

Como veículos a serem analisados, optei pelos *sites* do G1 - Globo e El País - América Latina. A escolha pelo G1 se deu conforme a abrangência do veículo em território nacional. Como afirma o título e a linha de apoio de uma notícia de 2018, do próprio G1, - portal de notícias que pertence ao grupo Globo - “Grupo Globo bate recorde de acessos no digital e passa de 100 milhões de usuários únicos. Pesquisa aponta que 8 em cada 10 brasileiros com acesso à rede (internet) consumiram conteúdo nas plataformas do Grupo” (G1, 2018). A pesquisa em questão, como noticiado pela matéria, refere-se a um estudo realizado pela empresa americana de medição e análise de mídia, ComScore. Foram utilizados como fonte de informação os dados mais recentes, até então, sobre o uso da internet no Brasil.

De acordo com o material ao qual a ComScore teve acesso, segundo a reportagem, em 2018 eram 120 milhões de brasileiros conectados na *web*. Ou seja, se 8 a cada 10 dessas 120 milhões de pessoas consumiam, na época, algum tipo de conteúdo do Grupo Globo - centralizados no G1 -, o público total atingido soma mais de 100 milhões de brasileiros. Isso equivale a quase metade de toda a população brasileira, que em 2018, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estava na casa dos 209,9 milhões de pessoas. Conforme a mesma matéria, ainda seguindo os resultados apurados pela ComScore, as notícias publicadas no G1 ultrapassaram os 3,1 bilhões de visitantes, somente naquele ano.

Outro resultado importante no levantamento da ComScore é a consolidação da liderança da Globo em seus pilares de conteúdo no ambiente digital. Líder na categoria notícias, o G1 acumula 3,1 bilhões de visitas e 56 milhões de visitantes únicos. (G1, 2018).

Outro fator relevante para a escolha do G1 é a alta periodicidade de conteúdos publicados. Diariamente, há dezenas de novas notícias, que incluem texto e seus complementos, como vídeos, imagens, infográficos e outros recursos que ampliam a informação. Os conteúdos - ao menos até o dia 10 de maio de 2022 -, são divididos em 20 editorias.

O El País, em sua edição América Latina, foi o plano alternativo para o que havia sido pensado inicialmente: a versão brasileira do periódico. O El País Brasil iniciou em 2013 e teve o encerramento de suas atividades divulgado no dia 14 de dezembro de 2021. O motivo, segundo o próprio veículo, em nota oficial divulgada em seu *site* e para a imprensa, foram razões financeiras. Em oito anos atuando em território brasileiro, a filial do jornal espanhol não conseguiu números que possibilitassem sua sustentabilidade econômica. Conforme reportagem divulgada no *site* da Folha de S. Paulo, “a equipe local, de 17 jornalistas, foi pega de surpresa pelo anúncio” (FOLHA, 2021). A nota divulgada pelo El País Brasil destaca que:

Neste tempo, apesar de ter atingido grandes audiências e um número considerável de assinantes digitais, ela não alcançou sua sustentabilidade econômica, o que levou à decisão por sua descontinuidade. [...] Queremos agradecer aos profissionais do EL PAÍS Brasil por seu grande esforço e dedicação. Como também à fidelidade de nossos leitores, que poderão acompanhar a informação sobre a região e o resto do mundo em nossa edição da América (BRASIL, 2021).

Seguindo, portanto, a indicação do próprio El País, a escolha pela análise das publicações da versão América Latina se tornou óbvia. O interesse no veículo parte da concepção de que os conteúdos publicados em seu *site* valorizam tanto o factual/momentâneo quanto um conteúdo mais aprofundado, focado nos personagens e em contar suas histórias. Estilo que vai ao encontro do que preza o Jornalismo Literário Avançado, que nas palavras de Edvaldo Pereira Lima:

Procura transcender o nível importante - mas meramente informativo - de uma boa parte da produção jornalística, para alçar voos de maior ambição. Realiza esse propósito almejando maestria narrativa. Por isso literário. Por isso cativa o coração e a mente de autores de talento. E de leitores que se encantam com bons textos da vida real (LIMA, 2014, p.10)

Caso as palavras de Lima citadas acima ainda não façam sentido para o leitor desta pesquisa, é porque o desenvolvimento desses conceitos ocorrerá no decorrer dos capítulos três e quatro. As publicações em espanhol serão traduzidas para o

idioma português brasileiro, utilizando a ferramenta de tradução do Google e o conhecimento intermediário do autor sobre o idioma estrangeiro. Isso se faz necessário porque alguns traços essenciais poderiam ser perdidos no momento da análise, se as publicações estivessem em seu idioma original. Um exemplo disso é que em espanhol, especialmente na América Latina, há a predominância do sentido formal ou informal em um mesmo texto, enquanto no português brasileiro há a possibilidade de mesclar argumentos formais e informais dentro de um mesmo texto. (FOOLS, 2022).

Sobre o número de leitores da edição América Latina do periódico digital, dados de 2017, divulgados pela extinta versão brasileira, mas ainda disponíveis *online*, afirmam que, naquele ano, o jornal espanhol alcançou a marca de 100 milhões de leitores no mundo todo. “Exatamente 100,3 milhões é o recorde absoluto marcado pelo jornal em outubro (de 2017), de acordo com dados internos. Desse número, metade dos usuários vêm de fora da Espanha, especialmente da América Latina” (BRASIL, 2017). Por mais que os dados sejam de quase cinco anos, eles mostram que, na época, o El País já contava com uma forte presença global.

O levantamento das matérias analisadas foi feito em um período de uma semana, selecionando matérias publicadas durante o período. Houve um desmembramento de cada elemento da matéria: título, linha de apoio, fotos, vídeos e conteúdos gráficos inseridos no texto. Com isso, a análise usou como base a lista de características que ajudam a identificar a presença do Jornalismo Literário Avançado em uma publicação textual - descrita no capítulo quatro desta pesquisa. Os *prints* - capturas de tela - das reportagens foram adicionados no presente trabalho para elucidar o que está sendo analisado, tornando tudo mais visual para o leitor.

Para chegar a essa lista com as características que definem o Jornalismo Literário Avançado, antes, foi necessário um aprofundamento sobre a versão mais “bruta” da produção jornalística, chamada aqui de Jornalismo Convencional - termo baseado na definição de Edvaldo Pereira Lima. Segundo Lima, a respeito do Jornalismo Convencional: “em geral, o repórter é condicionado a escrever a matéria de um jeito impessoal, até mesmo frio e seco” (LIMA, 2014, p.23). No capítulo a seguir, portanto, há o estudo sobre o Jornalismo Convencional, sua base histórica e desenvolvimento até chegar ao que ele é nos dias de hoje.

3 JORNALISMO CONVENCIONAL

Neste capítulo, são abordadas as práticas e dinâmicas do Jornalismo Convencional, seguindo os estudos de diversos autores sobre o tema. O objetivo é entender e definir o que caracteriza o Jornalismo Convencional, partindo de uma contextualização histórica até o tempo presente. Além disso, há explicações sobre as diferentes fases do Jornalismo brasileiro, assim como a definição de *webjornalismo*. Por fim, há a listagem das características próprias do Jornalismo Convencional e exemplos de como é possível identificá-las em um texto jornalístico e do seu efeito na precarização das notícias.

3.1 CONTEXTUALIZANDO

“Um trabalho como este acabou se tornando um instrumento para me trazer algumas certezas. A primeira delas é que o modelo jornalístico tradicional realmente está afastado da realidade, da contemporaneidade” (VIEIRA, 1996, p.94). Esta citação, escrita por Toni André Scharlau Vieira, foi retirada do livro *Econautas - Ecologia e Jornalismo Literário Avançado (1996)*. Uma produção coordenada pelo professor e pesquisador Edvaldo Pereira Lima, na disciplina Jornalismo Literário Avançado I, no curso de pós-graduação da Escola de Comunicação e Arte (ECA), da Universidade de São Paulo (USP), que contou com a colaboração de diversos autores-jornalistas, incluindo a orientadora desta pesquisa, professora doutora Maria Luiza Cardinale Baptista.

As reportagens presentes na obra *Econautas* buscam abordar a ecologia nos centros urbanos da época, que permanecem os mesmos até hoje, como Porto Alegre e São Paulo, onde se passam a maioria das histórias. Mais do que contar histórias, “procuramos compreender, mas também vamos sentir” (LIMA, 1996, p.9). O livro, que incentiva o uso do Jornalismo Literário Avançado na construção das narrativas, ao mesmo tempo em que evidencia o reencontro dos autores-jornalistas com a paixão pela profissão, parece destacar as “deficiências”, segundo os próprios escritores, do Jornalismo Convencional. A frase escrita por Toni Scharlau Vieira, em 1996, serve como um gancho introdutório para o estudo presente neste capítulo,

sobre as definições de como funciona o Jornalismo Convencional e quais características lhe são próprias. Estar afastado da realidade é uma delas?

3.2 COMO SURTIU O JORNALISMO

Uma das profissões mais antigas do mundo, o jornalismo tem os primeiros relatos de seu nascimento remontando à data de 59. a.C (JORNALISTA, 2022). Na época, o então imperador do Império Romano, Júlio César, decretou ser obrigatória a publicação diária de uma folha contendo os principais acontecimentos do dia e que tinham algum impacto sobre o governo. César também instruiu seus súditos, no sentido de que esse informativo deveria ser exposto em espaço público, visível a todos. Entre as informações dispostas no papel estavam listados os principais acontecimentos do dia, fossem casamentos, batizados, nascimentos - da nobreza -, assim como novas leis aprovadas e quando estas entrariam em vigor (JORNALISTA, 2022).

A *Acta Diurna* (Atos do Dia, em tradução do latim), como ficou conhecida a folha de notícias de César, sobreviveu por séculos no império. Os relatos são de que, desde a sua primeira edição, em 59 a.C, passaram-se 72 anos em que ela foi mantida como fonte de informação do governo à época, sendo oficialmente extinta em 131 a.C. (BRASIL, 2019). O militar e político de uma das maiores civilizações da humanidade, portanto, confiou a escrita da *Acta Diurna* aos primeiros “jornalistas” do mundo, chamados de Correspondentes Imperiais (*Correspondentes Imperialibus, em latim*). Esses homens a serviço do governo foram enviados para todas as regiões e províncias sob domínio do Império Romano, a fim de espalhar as principais notícias de Roma e escrever sobre fatos de interesse público das regiões onde estavam localizados. (VIANA, 2017, p.20).

Por conta da produção de papel ser bastante cara e escassa há cerca de dois milênios atrás, a *Acta Diurna* era publicada junto de placas brancas de madeira, como forma de prolongar a vida útil do papel durante o seu manuseio ou exposição. Outro fato interessante diz respeito ao tempo em que as notícias demoravam para chegar até seus destinos. (VIANA, 2017, p. 19-20). Segundo historiadores, como o transporte era feito a cavalo e muitas cidades demandavam dias de viagem até chegar a Roma, por mais que a *Acta Diurna* fosse publicada diariamente, apresentava aos moradores das outras regiões notícias atrasadas, de dias,

semanas ou mesmo meses. A parcialidade também é fator de destaque. Uma publicação financiada pelo governo, como era a *Acta Diurna*, continha apenas informações que fossem benéficas ao próprio governo. Dessa forma, notícias sobre derrotas do exército em batalha, escândalos políticos, entre outras, jamais eram publicadas.

3.2.1 Gutenberg e a prensa

Estima-se que o Jornalismo, próximo de como o conhecemos hoje, surgiu com a invenção da prensa de Gutenberg. “O jornalismo surgiu no mundo por volta do século XVII como uma consequência da invenção de Gutenberg, a prensa de tipos móveis, que foi usada para iniciar a impressão em massa” (PONCHIROLLI, 2019). O equipamento, inovador para a época, “juntamente com a formação de estados nação (países), deu início a publicações periódicas conhecidas como jornais” (PONCHIROLLI, 2019).

Antes de 1450, período em que Gutenberg criou sua prensa, os jornais e demais informativos produzidos desde a *Acta Diurna* até então eram escritos e replicados manualmente, sem qualquer grande processo tecnológico envolvido. (SUPERINTERESSANTE, 2011; 2018). Além de isso exigir muito das habilidades de escrita dos homens responsáveis pelos jornais e demais publicações, qualquer erro de palavras poderia comprometer todo o produto.

Gutenberg foi, como explica o autor Adelcio Machado dos Santos em seu artigo *Gutemberg: a era da imprensa*, um dos protagonistas da montagem de uma prensa melhorada, que serviu como requisito para a formação da impressão tipográfica. O objetivo dessa invenção envolvia um aspecto religioso. “Inicialmente trabalhava como ourives, até aprender, na cidade de Estrasburgo, a arte gráfica. Ao retornar a sua cidade natal, no ano de 1448, tinha o sonho de imprimir uma Bíblia”. (SANTOS, 2012, p.15 e 16).

Para tornar seu sonho possível, ao voltar para a cidade de Mainz, na Alemanha, Gutenberg procurou o advogado Johan Fust, que aceitou investir uma quantia em dinheiro para financiar o projeto. Nesse sentido, Santos também destaca a opinião do filósofo francês Régis Debray, que trata o investimento de Fust em Gutenberg como a entrada da troca simbólica no plano comercial.

O papel não é somente um acelerador: é também um redistribuidor de excedentes e, antes de tudo, financeiros. Desencadeia a primeira industrialização da memória e, pelo viés de um consumo de massa do suporte escrito, a entrada da troca simbólica no plano comercial. Um livro impresso é um suporte vegetal, uma reserva metálica (chumbo, estanho) e um saber prático (artesanato do metal). O suporte custa caro: 60 a 70% do preço de custo. Daí, a necessidade de capitais para colocar em ação os fatores de produção. Nascimento do trio, de que ainda não nos livramos, banqueiro-impressor-livreiro. Reunião em Mayence de um banqueiro que pretende fazer frutificar seu dinheiro, de um copista que conhece seus textos e de um trãnsfuga da corporação dos ourives: Fust, Schöffer, Gutenberg (DEBRAY, 1993, p.212 apud SANTOS, 2012, p.16)

Foi a partir desse momento que houve uma ressignificação na imprensa, onde seu poder de influência pôde ser aumentado. Como Santos cita, “Gutenberg teria dito uma frase que sabemos que é verdade: ‘um exército de 26 soldados pode conquistar o mundo através da imprensa’, referindo-se ao poder da imprensa através da divulgação rápida de alguma ideia” (SANTOS, 2012, p.16). Não foi somente a imprensa, no entanto, que se beneficiou da prensa de Gutenberg. No campo da literatura, o invento também barateou os custos de publicação dos livros, servindo para baratear também os preços de venda, tornando as obras mais acessíveis para um público maior de pessoas que não somente a elite da sociedade da época.

A partir disso, o Jornalismo teve presença marcante em diferentes períodos na história da humanidade. Conforme explica Viana (2017, p.23), com a disseminação da tecnologia da prensa de tipos móveis de Gutenberg, a publicação de livros, jornais, livretos e panfletos se tornaram cada vez mais populares. Porém ainda não havia uma periodicidade nas publicações. (VIANA, 2017, p.23). Viana cita que, por volta da primeira metade do século XVII, começam a ser produzidos os primeiros jornais modernos. O autor destaca os periódicos *Avisa Relation oder Zeitung* (Alemanha, 1609), *Nieuwe Tijdingen* (Bélgica, 1616) e *Gazette* (França, 1631). Uns anos mais tarde, mais precisamente em 1665, surge também o *London Gazette*. O periódico inglês é usado até hoje como diário oficial do Poder Judiciário nacional. (VIANA, 2017, p.23). Nos séculos seguintes, outras ferramentas de comunicação foram surgindo, como o rádio, a televisão e, mais recentemente, a *internet*.

3.2.2 Jornalismo no Brasil

De acordo com o historiador e jornalista brasileiro, Juarez Bahia: “É sob o signo do oficialismo e com atraso de três séculos que se inaugura a imprensa no Brasil, em 1808” (BAHIA, 2009, p.9). O primeiro movimento jornalístico no Brasil, conforme Bahia, foi a Imprensa Régia e a *Gazeta do Rio de Janeiro*. Antes disso, graças à administração portuguesa, herança da colonização, a prática jornalística era proibida no Brasil, assim como a tipografia. Tudo mudou, no entanto, com a chegada de D. João VI, em 1808. Em maio daquele ano, com o aval do príncipe regente português, foram instaladas oficinas autorizadas a imprimir toda a legislação e papéis diplomáticos provenientes das repartições reais e quaisquer outras (MAPA, 2016).

Nesse período, o Brasil ainda era colônia portuguesa e, justamente por isso, não eram permitidas críticas ao governo imperial. Por isso, entre 1808 e 1822, Hipólito da Costa editou o *Correio Braziliense*, também conhecido como *Armazém Literário*, em Londres, diretamente do seu exílio. (BAHIA, 2009, p.9). Bahia (2009) afirma que o jornal de Costa era “moderno, dinâmico, crítico”. As principais características do *Correio Braziliense*, ainda segundo Bahia, eram presar pela opinião e pela informação política. Hipólito da Costa, mais tarde, se tornaria membro da Academia Brasileira de Letras e “patrono da cadeira nº 17, por escolha do fundador Sílvio Romero” (ACADEMIA, 2022). De acordo com a própria Academia, Costa é o patrono da imprensa e dos estudiosos da realidade brasileira.

Na época, segundo Bahia (2009), a arte gráfica no Brasil era proibida formalmente pelo governo, sendo considerada clandestina. O autor também destaca que o pensamento livre no Brasil era asfixiado pela dominação portuguesa: “O domínio português, de 1500 até o desembarque da comitiva de D. João VI, se exerce para asfixiar toda e qualquer manifestação livre de pensamento. (BAHIA, 2009, p.10). Marialva Barbosa, em seu livro *História da comunicação no Brasil* (2013), explica o motivo pelo qual D. João VI veio ao Brasil e transferiu sua Corte para cá. O fato está diretamente relacionado com a impressão regular da *Gazeta do Rio de Janeiro*.

Segundo consta nos relatos do século XIX, foi o próprio Antônio de Araújo de Azevedo, o Conde da Barca, que aconselhou ao príncipe regente, apesar da oposição de muitos, a mudar a Corte para o Brasil. E na bagagem do rei viera o material necessário para que aqui se imprimisse regularmente o primeiro jornal (BARBOSA, 2013, p.32).

Barbosa (2013), assim como Bahia (2009), ressalta que o fato de o Brasil se tornar a sede do governo português não diminuiu a censura praticada contra o livre pensamento.

Mas a transformação do Brasil em vice-reinado e sede da coroa portuguesa não significou o abrandamento da censura. Muito pelo contrário. Além da Mesa do Desembargo do Paço, que passou a funcionar no Rio de Janeiro, criou-se a Junta Diretora da Imprensa Régia, formada por homens ilustrados da mais estrita confiança de D. João VI, que se reunia duas vezes por semana para decidir o que seria publicado na Gazeta (CABRAL, 1881, apud BARBOSA, 2013, p.34).

Bahia (2009) complementa o que Marialva Barbosa cita sobre a Junta Diretora da Imprensa Régia, ressaltando a censura praticada pela organização.

A Junta Diretora da Imprensa Régia é, de fato, um conselho de censura prévia [...] entre as suas atribuições está [...] ‘examinar os papéis e livros que se mandassem publicar e fiscalizar que nada imprimisse contra a religião, o governo e os bons costumes’ (BAHIA, 2009, p.15).

A periodicidade semanal da *Gazeta*, explica Barbosa (2013), durou apenas uma semana, a primeira semana desde sua fundação. “A partir da segunda semana, a *Gazeta* passou a sair também às quartas-feiras, além de continuar sendo publicada aos sábados”. (BARBOSA, 2013, p.34). Já Bahia (2009) explica que é provável que em poucas semanas a *Gazeta do Rio de Janeiro* tenha alcançado 1 mil subscritores. Barbosa (2013), também destaca que em 14 anos de existência, que foram de 10 de setembro de 1808 até 31 de dezembro de 1822, a *Gazeta* publicou 1.763 edições, sendo que destas 192 foram extraordinárias. Barbosa também apresenta um panorama do valor do jornal em réis, moeda da época. “[...] custava 80 réis e a assinatura semestral era de 1.900 réis; era distribuído diretamente na casa dos assinantes, mas os leitores podiam comprar números avulsos na loja [...] Paulo Martin Filho” (BARBOSA, 2013, p.34-35).

Nos anos seguintes ao encerramento das atividades da *Gazeta do Rio de Janeiro*, novos jornais surgiram no Brasil e conquistaram a adesão de uma parcela do público, entre eles a *Gazeta do Brasil*, que “em 1827 [...] registra 793 assinaturas entre negociantes nacionais, pessoal do Exército, padres, negociantes estrangeiros, pessoal da Marinha, [...] pessoal do Senado e da Câmara [...] e outras pessoas” (BAHIA, 2009, p.16).

3.2.3 Correio Braziliense

Como explicado no subcapítulo anterior, o governo do Brasil no início do século XIX era contra a liberdade de pensamento e, por consequência, de imprensa. Como citado anteriormente, ao mesmo tempo em que a Imprensa Régia e a *Gazeta do Rio de Janeiro* eram instaladas em território brasileiro, sob o olhar da coroa portuguesa, Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça - ou apenas Hipólito da Costa -, diretamente de Londres, funda o *Correio Braziliense*.

Em 1808, no Brasil, o jornal é um risco, uma temeridade, uma aventura. E também uma questão de oportunidade, necessidade, dever. [...] Em 1807, as forças francesas ocupam Lisboa. Em janeiro de 1808, a família real transfere-se para o Brasil. Hipólito vê chegar a hora do *Correio Braziliense* ou Armazém Literário. A nova capital do reino vai conhecer uma imprensa livre, independente (BAHIA, 2009, p.24-25).

César Agenor Fernandes da Silva, em seu trabalho intitulado *O Correio Braziliense e seu projeto de civilização* (2006) explica que “a linguagem crítica do *Correio* não era muito polida, era, sim, irônica e direta” (SILVA, 2006, p.73). Silva também esclarece que por conta dessa essência “rebelde” do *Correio*, o veículo sofreu com muitas tentativas de censura ao longo dos anos, por parte do governo brasileiro à época.

A primeira delas, segundo Mecenas Dourado, foi a publicação de um aviso, em 27 de março de 1809, que alertava sobre o conteúdo do periódico. Após a publicação do aviso a censura confiscou 13 volumes. Em dezembro de 1810, o governador do Rio Grande de São Pedro, D. Diogo de Sousa, revogou a permissão que havia dado para a leitura do *Correio* em uma casa mercantil (SILVA, 2006, p.73).

E as tentativas de censura não pararam por aí. Silva (2006) destaca que o próprio D. João VI proibiu a publicação do *Correio* em território nacional. “Em 1811, D. João despachou ordens à Mesa do Desembargo do Paço proibindo a entrada e publicação em todo o reino o periódico de Hipólito” (SILVA, 2006, p.74). Ainda de acordo com Silva, em 1817, outro edital foi publicado tanto no Brasil quanto em Portugal, reforçando a proibição da circulação do jornal de Hipólito da Costa. O autor cita em seu trabalho, um trecho original do edital, onde D. João deixa claras suas ordens.

Manda El Rey nosso senhor excitar a exata observância da sua Real ordem de 17 de setembro de 1811, participada á Meza do Desembargo do Paço, em 22 de março de 1812, e que prohibiu nestes Reynos a entrada e publicação do periódico intitulado Correio Brasiliense, e de todos os escriptos de seu furioso e malvado Author. E por que ainda são mais sediciosas e incendiárias, se he possível, as terríveis máximas de outro

periódico intitulado o *Portuguez*, que também se redige a concitar tumultos e revoluções nos povos, para perturbar a harmonia estabelecida, em todas as ordens do estado, e introduzir a anarchia, fazendo odiosos os dous supremos poderes, que Deus ordenou para governar os homens, com o evidente objecto de destruir os altares e os thronos: [...] Palacio Governo, em 17 de junho de 1801 [sic]. Com rubrica dos Governadores do Reyno (SILVA, 2006, p.74-75).

A proibição, no entanto, não se referia somente ao *Correio*. Outro periódico, chamado *O Portuguez ou Mercúrio Político, Comercial e Literário*, de 1814. O jornal, segundo Silva, foi criado pelo português João Bernardo da Rocha Loureiro, e permaneceu em circulação até 1822. O estilo jornalístico tanto do *Correio* quanto d'*O Portuguez*, ao contrário do estilo governamental adotado pela *Gazeta*, era, como explica Silva, de ensaio.

O interessante a ser observado nessa passagem é que os jornalistas do período defendiam um jornalismo de ensaio, ou seja, queriam tratar os assuntos de acordo com a sua opinião e de maneira aprofundada, não da forma passageira que a abordagem apenas de fatos permitia. Hipólito um pouco antes, em 1809, ao responder críticas em seu periódico, também escreveria sobre a função de sua empresa: “De que deve constar uma obra dessa natureza, senão da exposição de fatos, e das reflexões, que se oferecem ao redactor sobre elles? (sic)” (SILVA, 2006, p.75).

De acordo com o autor, o estilo prezado pelo *Correio* fez com que o renomado sociólogo, crítico literário e professor brasileiro, Antônio Cândido, apontasse Hipólito da Costa como o “pai” do Jornalismo de ensaio no Brasil.

Antonio Candido (sic) disse que Hipólito da Costa inaugurou o jornalismo de ensaio no Brasil, característica esta que se manteve por boa parte do séc XIX. No Brasil, sobretudo após a instauração da Imprensa Régia e do aumento da liberdade de imprensa – desde que obedecidas as normas estabelecidas pelo poder régio –, o que caracterizou os primeiros passos dessa emergente forma de expressão, a imprensa periódica, foi justamente o estilo ensaístico (SILVA, 2006, p.75).

Silva (2006) também afirma que a imprensa livre sempre foi defendida pelo *Correio Braziliense*, mas que o termo “imprensa” tem um sentido diferente daquele que atribuímos atualmente. Conforme Silva: “No *Correio*, a palavra não ganha o sentido de conjunto de jornais, [...] ela carrega [...] a significação correspondente a quase todo tipo de letra que imprimisse nas ‘caixas de letras de imprensa” (SILVA, 2006, p.73-74).

Juarez Bahia (2009), por sua vez, descreve o que Hipólito da Costa e o *Correio Braziliense* significaram para o Jornalismo brasileiro.

“Talvez nunca o Brasil tirou da imprensa mais benefícios do que lhe foram oferecidos nessa publicação”, escreve Varnhagen sobre o *Correio*

Braziliense. Da primeira reportagem, editada em livro como *Diário de viagem para Filadélfia*, ao último editorial do *Correio*, Hipólito da Costa fez um jornalismo desassombrado e persistente (BAHIA, 2009, p.24).

Hipólito da Costa criou um veículo atemporal, cujo renome atingiu barreiras internacionais e se tornou referência. “O *Correio* associa à natureza de jornal brasileiro o caráter de um veículo de referência internacional. Igualmente nisso é pioneiro” (BAHIA, 2009, p.23). O veículo e o jornalista se colocaram à serviço da população brasileira, indo contra diversos tipos de repressão à sociedade, como também explica Bahia. No entanto, há quem não concorde com o pioneirismo de Hipólito da Costa no Jornalismo brasileiro, como é o caso do autor Nelson Werneck Sodré. Para ele, o *Correio* “nada tem a ver com a imprensa brasileira, embora tenha sido um acontecimento importante” (SODRE, 1966 apud HOHLFELDT & VALLES, 2008, p.71).

Em Londres, local onde era editado, não sofreu com as ameaças provindas do então governo brasileiro. Estava sob a garantia da lei e a proteção do Duque de Sussex, maçom e amigo de Hipólito (BAHIA, 2009, p.24). Também em 1822, ano que marca a Independência do Brasil, Costa decide, motivado pelo novo regime brasileiro, encerrar o *Correio Braziliense*, que teve sua última edição publicada em dezembro do mesmo ano. Costa considera, segundo Bahia (2009), que sua tarefa e seu propósito ao criar o *Correio* foram cumpridos, por isso, julga ser a hora de voltar ao Brasil. É nomeado, porém, pelo imperador D. Pedro I, cônsul-geral do Brasil em Londres. Hipólito da Costa, então, decide permanecer na capital inglesa e, pouco mais de um ano após a Independência, em 11 de setembro de 1823, morre aos 49 anos de idade. (BAHIA, 2009, p.24).

Atualmente, o periódico conta com uma versão homônima, fundada no ano de 1960, por Assis Chateaubriand, outro ilustre personagem do Jornalismo brasileiro. A primeira edição foi publicada em 21 de abril daquele ano. O jornal tem sede em Brasília.

3.2.4 A expansão dos jornais pelo Brasil

Conforme a autora Marialva Barbosa (2013), dois anos antes da Independência, em 1820, houve a formação de uma esfera pública brasileira “que representou a expansão dos jornais e, sobretudo, a formação de uma opinião

pública que fazia dos impressos a possibilidade de fazer ecoar opiniões sobre em torno do momento político em que se vivia” (MOREL, 2005 apud BARBOSA, 2013, p.56). Uma das principais motivações para esse movimento, conforme a autora, foi a revolução constitucional ocorrida na Espanha e em Portugal, naquele mesmo ano. O fato teve “influência direta na possibilidade de expansão da palavra impressa sob a forma de jornal” (BARBOSA, 2013, p.56). Barbosa explica as medidas que sucederam esse evento.

Uma das primeiras medidas da Junta de Governo português após a revolução constitucional foi decretar a liberdade de imprensa, em 21 de setembro de 1820. Menos de um mês depois, em 13 de outubro, foi liberada a circulação dos impressos portugueses fora de Portugal. Tudo isso teria influência direta no Brasil, que neste momento sediava a monarquia portuguesa (BARBOSA, 2013, p.56-57).

Barbosa (2013) salienta que, mesmo após a liberdade de imprensa ter sido concedida por escrito, documentada e registrada como lei, em 1824, a censura perdurou, possivelmente motivada por aspectos culturais. “[...] a censura se manteria, já que durante muito tempo ainda dominaria a ideia do Antigo Regime que via o escrito como uma espécie de texto secreto, reservado a alguns iniciados” (BARBOSA, 2013, p.56). É válido lembrar que os primeiros registros de um processo de alfabetização no Brasil datam de 1554, com a chegada dos padres jesuítas e também do período colonial. As primeiras tentativas de organizar a educação brasileira, no entanto, começaram apenas em 1876, mesmo período em que iniciou o movimento pela Proclamação da República. Nesse ano, foram implementados os primeiros métodos de ensino de leitura. (ESCRIBO, 2019). Os índices de analfabetismo, portanto, até o final do século XIX eram extremamente altos. Isso fez com que o jornal impresso ganhasse o *status* de “voltado para a população burguesa”, mais instruída e que sabia ler.

Na época, a Carta Constitucional de 1824 “assegurava a livre manifestação do pensamento por qualquer meio e sem censura”, como explica a autora Thalyta dos Santos (2016, p.108), em seu trabalho intitulado *A Liberdade de Expressão na República Federativa do Brasil: aspectos destacados acerca da ratificação da convenção americana sobre direitos humanos pelo Brasil*, publicado na Revista DIREITO UFMS, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. A mesma lei, como destaca Marialva Barbosa, também determinava que as pessoas “deveriam responder pelos ‘abusos que cometerem no exercício deste Direito, nos casos, e

pela forma que a Lei determinar” (BARBOSA, 2013, p.57). Esse dispositivo, entretanto, só seria regulado em setembro de 1830, sendo integrado ao Código Criminal em dezembro do mesmo ano e aí permanecendo até 1890 (NEVES, 200. p.92 apud BARBOSA, 2013, p.57).

Barbosa (2013) cita que o período entre 1820 e 1840 ficou marcado por ser quando a palavra impressa começa a sua expansão em massa pelo território brasileiro. “[...] ocorre a explosão [...] pelo território, como uma época marcada pelo processo de independência, consolidação da monarquia e de formação do Estado Nacional” (BARBOSA, 2013, p.58-59). Para ilustrar o crescimento dos periódicos brasileiros nesse período, Barbosa (2013) afirma que “o Catálogo de Periódicos da Biblioteca Nacional registra, apenas na década de 1820, 53 novos periódicos” (*Anais da Biblioteca*, vol.85, 1985 apud BARBOSA, 2013, p.59).

Figura 1 - Primeiros jornais impressos nas províncias brasileiras

Ano	Província	Jornal
1811	Bahia	Idade d'Ouro do Brasil
1821	Pernambuco	Aurora Pernambucana
1821	Maranhão	O Conciliador do Maranhão
1822	Pará	O Paraense
1823	Minas Gerais	O Compilador Mineiro
1824	Ceará	Diário do Governo do Ceará
1826	Paraíba	Gazeta do Governo da Paraíba do Norte
1827	São Paulo	O Farol Paulistano
1827	Rio Grande do Sul	Diário de Porto Alegre

1829	Rio de Janeiro (Niterói)	O Eco na Vila Real da Praia Grande
1830	Goiás	Matutina Meyapontense
1831	Alagoas	Íris Alagoana
1831	Santa Catarina	O Catarinense
1832	Rio Grande do Norte	O Natalense
1832	Sergipe	Recopilador Sergipano
1849	Espírito Santo	Correio de Vitória
1851	Amazonas	Cinco de Setembro
1854	Paraná	O Dezenove de Dezembro

Fonte: *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. 114, 1994, p. 93.

Fonte: *Anais da Biblioteca Nacional*

Com o passar dos anos, agora em um país que ao menos em teoria permite a liberdade de expressão, novos jornais surgem, como o *Diário de Pernambuco*, ainda em circulação. “Seu fundador é José de Miranda Falcão, que em 1831 transfere a propriedade e direção a Manuel Figueiroa de Faria” (BAHIA, 2009, p.37). Juarez Bahia atribui a Figueiroa o sucesso conquistado pelo *Diário*.

Falcão vende seu jornal sem acreditar que faria dele algo melhor do que já teria feito. Porém, Figueiroa, que já se iniciara no ramo tipográfico e é um homem de negócios nato, joga tudo no empreendimento. Em 1835, ao conseguir a fusão com o bem-posto *Diário da Administração Pública*, num lance de argúcia e visão, define o destino do *Diário de Pernambuco* (BAHIA, 2009, p. 37).

Outro jornal popular que surgiu nesse período é o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, em 1827. Durante o ano de 1854, disputa com o *Diário de Pernambuco* “o título de jornal mais completo do Império do Brasil” (BAHIA, 2009, p.37). Figueiroa, como afirma Bahia, dirigiu o *Diário* até 1866. Um dos momentos mais marcantes dele no comando do periódico foi quando, em 1859, determinou que o *Diário* deveria “ganhar o formato do *Times*, de Londres, e o mesmo número de páginas, por ser editado na cidade ‘mais oriental do Brasil, intermediária entre a Europa e as outras cidades do Império’” (BAHIA, 2009, p.37).

Destaca Bahia (2009) que, ao mesmo tempo em que houve a expansão dos jornais e muitos abriram, nem todos tiveram uma longa vida. “Muitos jornais aparecem e fecham entre 1830 e 1854” (BAHIA, 2009, p.41). Alguns dos principais motivos para se manterem ativos por um curto período de tempo, ainda conforme Bahia, derivam de queixas recorrentes de jornalistas e impressores.

Sobretudo nas províncias, derivam substancialmente de dois fatores que persistirão até 1880: a improvisação, associada ao partidarismo, e a tutela do poder político, que limita a liberdade de iniciativa e impõe pressões econômicas para avaliar ou calar opiniões contrárias (BAHIA, 2009, p.42).

Conforme Fernanda Rios Petrarca, doutora em sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em seu artigo intitulado *Por uma Sociologia Histórica do Jornalismo no Brasil* (2007), até a geração de 1870, o trabalho jornalístico era extremamente próximo do trabalho político. Era, por isso, segundo a autora “impossível a distinção entre ‘intelectuais’, ‘políticos’ e ‘jornalistas’” (ALONSO, 2002 apud PETRARCA, 2007, p.4). Essa aproximação perdura e afeta toda uma geração. “[...] o trabalho jornalístico tornava-se indissociável do trabalho político, e

por isso se perpetua por toda geração de 1870, para a qual o trabalho intelectual, de maneira geral, é inseparável do exercício político” (PETRARCA, 2007, p.4).

Sobre o teor do conteúdo dos periódicos do período expansionista do Jornalismo brasileiro, Barbosa (2013) explica que “cada vez mais priorizavam informações oriundas dos territórios onde estavam inseridos. As notícias da Europa que tinham primazia na velha *Gazeta do Rio de Janeiro* ocupavam agora cada vez menos espaço” (BARBOSA, 2013, p.62). A respeito do formato, Petrarca explica que os jornais brasileiros: “Do seu surgimento até 1880, a imprensa caracterizava-se pela panfletagem, pela criação de vários jornais de curta duração e pelas folhas avulsas” (PETRARCA, 2007, p.3).

3.2.5 As diferentes fases do Jornalismo brasileiro

Os autores Antonio Hohlfeldt e Rafael Rosinato Valles, em seu trabalho intitulado *Conceito e história do jornalismo brasileiro na “Revista de Comunicação”* (PUC-RS, 2008), dividem o jornalismo em quatro fases, baseando-se no estudo de Juarez Bahia. Hohlfeldt e Valles também utilizaram uma obra clássica do Jornalismo brasileiro como fonte para seu estudo, o livro *História da Imprensa no Brasil*, de Nelson Werneck Sodré, publicado em 1960.

Juarez Bahia, no livro *Jornal, história e técnica*¹²², busca realizar um panorama da imprensa no Brasil, durante os séculos XIX e XX. Para isso, dividiu esse período em três fases: a fase inicial, que compreende o início da imprensa no Brasil, de 1808 até aproximadamente 1880; a fase de consolidação, ocorrida entre 1880 até as décadas de 1920 e 1930; a fase moderna, a partir de então (HOHLFELDT; VALLES, 2008, p.70).

A primeira fase do Jornalismo no Brasil, explorada nos subcapítulos anteriores, “compreende o início da imprensa no Brasil, de 1808 até 1880” (HOHLFELDT; VALLES, 2008, p.70). A segunda fase, iniciada a partir de 1880, é considerada como a fase de consolidação do Jornalismo no país. “Esta é a fase que Juarez Bahia veio a chamar de consolidação da imprensa nacional, quando começam a ocorrer alterações administrativas” (HOHLFELDT; VALLES, 2008, p.73). O período também marca o Jornalismo adentrando no mercado como um empreendimento mercantil.

Não só o processo de feitura, com a introdução da nova maquinaria e a equação do jornal como empresa gráfica autônoma, independente da tipografia, que tomou o caráter comercial, para servir as chamadas casas de obras, mas igualmente a qualificação do jornalismo como profissão, a necessidade de expansão e criação de mercados consumidores internos e

externos, o advento da propaganda como fonte de renda e organização específica, as responsabilidades estimadas na legislação própria, são aspectos de primeira plana no desenvolvimento da imprensa, na sua segunda fase, a fase da aventura industrial e de consolidação (BAHIA, 1964 apud HOHLFELDT; VALLES, 2008, p.73).

Bruno Pessoa Sampaio e Vitor Pachioni Brumatti, em seu *Breve estudo exploratório sobre a evolução do jornalismo* (2017), publicado no Portal Intercom, definem o veículo de imprensa, nesse período, tomando forma como empresa capitalista. “A partir da evolução tecnológica da metade do século XIX surge o *segundo jornalismo*, no qual o jornal é tido como grande empresa capitalista” (MARCONDES FILHO, 2009 apud SAMPAIO; BRUMATTI, 2017, p.3).

O crescimento econômico do Brasil na segunda metade do século XIX em alguns setores do mercado, como a produção de café, por exemplo, e o desenvolvimento da sociedade urbana, contribuíram para a ampliação do mercado. (RIBEIRO, 1994 apud HOHLFELDT; VALLES, 2008, p.73). Hohlfeldt e Valles apontam que isso também serviu para aumentar a preocupação da imprensa com relação às exigências do público.

Como resultado dessas transformações, começavam a surgir outras preocupações para a imprensa, relacionadas diretamente à exigência do público, como as vendas avulsas e a periodicidade, além de informações e recursos visuais diferenciados (HOHLFELDT; VALLES, 2008, p.73).

Sampaio e Brumatti (2017) complementam o que dizem Hohlfeldt e Valles, com base nos estudos de Marcondes Filho (2009).

A grande mudança que se realiza nesse tipo de atividade noticiosa é a grande inversão da importância e da preocupação quanto ao caráter de sua mercadoria: seu valor de troca, a venda de espaços publicitários (para assegurar a sustentação e a sobrevivência econômica) passa a ser prioridade em relação ao seu valor de uso, a parte puramente redacional-noticiosa dos jornais (MARCONDES FILHO, 2009, p. 21 apud SAMPAIO; BRUMATTI, 2017, p.3).

A segunda fase do Jornalismo brasileiro se estende até por volta da década de 1930. Ainda de acordo com Hohlfeldt e Valles, a preocupação quanto às exigências do público continuou aumentando no início do século XX.

[...] ao longo das primeiras décadas do século XX, periódicos como O Globo, Folha de São Paulo e Gazeta Mercantil, além da revista O Cruzeiro que, durante o século, viriam a se consolidar, não somente enquanto jornais, mas também como empresas jornalísticas (HOHLFELDT; VALLES, 2008, p.74).

A terceira fase do Jornalismo brasileiro inicia a partir de 1930 e se estende até por volta da década de 1970. Ela é chamada por Juarez Bahia (1964) de

“moderna”. Para Bahia (1964) (apud HOHLFELDT; VALLES, 2008) ela ocorre através do desenvolvimento dos meios gráficos, a evolução dos processos de compor e imprimir gazetas, a melhoria do conteúdo, a definição da forma. Sampaio e Brumatti, no entanto, afirma que essa modernização também trouxe algumas ameaças para o Jornalismo brasileiro e mundial, devido aos grandes conflitos da primeira metade do século XX e ao autoritarismo político.

O terceiro jornalismo, como afirma o autor (Marcondes Filho, 2009) só será ameaçado pelas grandes guerras e pelos governos autoritários do século XX. Porém é o desenvolvimento da indústria publicitária e de relações públicas como novas formas de comunicação que marcam este século, competindo diretamente com o jornalismo até descaracterizá-lo (SAMPAIO; BRUMATTI, 2017, p.4).

O papel do Jornalismo no Brasil, contudo, mesmo ameaçado durante a sua terceira fase, continuou com seu protagonismo. É o que afirma a autora e jornalista Marialva Barbosa (2006), em seu trabalho publicado na revista *Em Questão*, intitulado *Imprensa e poder no Brasil pós-1930*. “No Brasil pós-1930, os meios de comunicação assumiram em muitos momentos políticos decisivos, sobretudo ao que diz respeito aos grandes centros (Rio e São Paulo), o papel de protagonista” (BARBOSA, 2006, p.219).

O protagonismo, como afirma Barbosa (2006), fez com que houvesse um movimento de centralidade, no mesmo período marcado na história brasileira como Estado Novo. “[...] quando os meios de comunicação ganham relevo na difusão da ideologia estadonovista, fundamental para a formação do pensamento conservador brasileiro e para a construção de uma ‘revolução passiva’” (BARBOSA, 2006, p.219).

Complementando o discurso de Barbosa (2006), Hohlfeldt e Valles (2008) citam que a “Revolução de 30 foi um fator determinante para o ingresso nesta terceira fase (do Jornalismo brasileiro), na medida em que veio denunciar o atraso socioeconômico do país” (HOHLFELDT; VALLES, 2008, p.73). A liberdade de empresa, no entanto, para os autores, foi tensionada por conta disso.

O jornalismo opinativo, de cunho político-partidário, que tanto marcou o século XIX, entra em decadência, cedendo espaço para o jornalismo informativo de cunho empresarial, que se consolida, praticamente um século depois da sua implementação no país, com o Diário do Rio de Janeiro, em 1808 (HOHLFELDT; VALLES, 2008, p.74).

Por volta de 1938, havia 23 jornais registrados oficialmente no Distrito Federal brasileiro, considerando matutinos e vespertinos (BARBOSA, 2006). A periodicidade

das publicações também aumenta, com tiragens altas para a época. “As tiragens dos matutinos mais populares situam-se em torno de 40 mil exemplares, já vespertinos como O Jornal podem atingir 120 mil exemplares” (BARBOSA, 2006, p.221). O modelo europeu de fazer jornalismo, entre as décadas de 1930 e 1940, começa a perder força no Brasil, sendo substituído pelo estilo norteamericano. “É neste contexto que os periódicos formados durante a segunda fase se consolidam e compõem o mercado da imprensa durante as décadas de 1930 e 1940, mas que a seção” (HOHLFELDT; VALLES, 2008, p.73).

Nessa mesma época (1930-1940), eis que surge o rádio como principal veículo de comunicação de massa, como afirma Marialva Barbosa:

O rádio surge na década como principal veículo para atingir um público urbano cada vez mais diversificado e é através desse meio que a sociedade política irá instaurar alguns mitos fundamentais da ideologia estadonovista: entre eles o mito Vargas, construindo-se a imagem do presidente como pai dos pobres, líder das massas urbanas e defensor dos grupos menos favorecidos (BARBOSA, 2006, p.221).

Na década de 1950, o estilo jornalístico estadunidense já está consolidado no Brasil. Prova disso é o estudo realizado por Daiana Maciel Areas, intitulado *Imprensa e política na década de 1950: o caso do Correio da Manhã* (2012), onde a historiadora afirma que: “Além das transformações na produção das notícias, que passaram a seguir orientações do modelo norte-americano, o parque gráfico foi modernizado com a chegada de novas máquinas, de fabricação americana” (AREAS, 2012, p.9).

Essa modernização citada por Areas (2012), começou a ser implementada em 1955 e obrigou uma mudança no então formato dos jornais da época, “passando de 55 cm e nove colunas para 50 cm e oito colunas” (AREAS, 2012, p.9). Hohlfeldt e Vellas (2008), complementam essa afirmação, explicando que “esta fase moderna traria ainda, para a imprensa, outras alterações profundas” (HOHLFELDT & VALLES, 2008, p.73). As alterações, ainda conforme os autores, dizem respeito justamente à influência do jornalismo estadunidense, que se consolidou no Jornalismo nacional e firmou o Jornalismo investigativo. O período “moderno”, como complementa Barbosa (2006), também passa por uma influência política do então presidente Juscelino Kubitschek e sua ideia de modernizar o Brasil.

[...] fazendo o trabalho de construção do País que levaria cinquenta anos em apenas cinco, resume o processo que tomou conta das redações dos principais jornais do Rio de Janeiro na década de 1950. De acordo com o

espírito do tempo, em que desenvolvimentismo e modernização são palavras de ordem, também os jornais diários mais importantes da cidade apressam-se em se transformar e, o mais importante, em construir aquele momento como marco fundador de transformações decisivas no campo jornalístico (BARBOSA, 2006, p.222).

Entrando na década de 1960, o período final da terceira fase do Jornalismo Brasileiro foi marcado por diversos acontecimentos históricos. Nessa época, o Brasil passava por uma série crise financeira. Conforme Alexandre Hamilton Bugelli (2008): “A partir de 1962 as taxas de crescimento do Produto Interno Bruto passaram a decrescer em relação aos períodos anteriores, chegando a apenas 0,6% de crescimento em 1963” (BUGELLI, 2008, p.8). No campo dos periódicos, Barbosa (2006) explica que a década de 1960 é marcada pela concentração dos maiores jornais na região Sudeste do Brasil. “A década de 1960 é caracterizada também por vertiginoso processo de concentração dos periódicos, que alcançaria o seu auge nos anos seguintes” (BARBOSA, 2006, p.226).

A afirmação de Barbosa (2006) é complementada pelo que explica Dayana Cristina Guarnieri (2021): “Os periódicos que representavam a grande imprensa escrita eram oriundos, principalmente, de São Paulo e do Rio de Janeiro” (GUARNIERI, 2021, p.2). Segundo Guarnieri, 90% dos jornais e revistas do Brasil estavam instalados nesses dois estados na década de 1960. Com o golpe militar de 1964, a pauta “censura” voltou a ganhar foco no Brasil e criar problemas para os veículos de imprensa, como mostra uma publicação feita no *site* governamental brasileiro, *Memórias Reveladas*. “A imprensa foi alvo da censura durante a ditadura instaurada pelo golpe civil-militar de 1964, que assumiu múltiplas formas: a lei da imprensa de 1967, a censura prévia, em 1970, a autocensura (MEMORIA, 2022).

Os grandes jornais tiveram que se adequar à censura. Isso, no entanto, ajudou a criar um novo viés jornalístico no País, como contam Hohlfeldt e Velles.

Esta época, posterior ao ano de 1964, marcou, para a imprensa, um movimento jornalístico de cunho sociopolítico, relacionado diretamente com a existência da Ditadura Militar entre os anos de 1964 até 1985: a imprensa alternativa. Esse tipo de imprensa despontou no cenário nacional como forma de contestação ao regime vigente, à medida que a grande imprensa teve que se adequar à censura, tornando-se um espaço sem liberdade editorial (HOHLFELDT; VALLES, 2008, p.78).

É válido lembrar que a grande maioria dos veículos de comunicação da época apoiaram o golpe, tanto da imprensa escrita quanto rádio e TV, como afirma o *site Memórias da Ditadura*.

A maioria esmagadora dos meios de comunicação (da imprensa escrita, do rádio e da TV) apoiou a ditadura e se submeteu aos ditames da censura oficial e dos patrões. Mas a imprensa liberal-conservadora que deu sustentação ao golpe, depois de quatro anos, também veio a conhecer a tesoura da censura estatal. Mesmo jornais conservadores, como O Estado de S. Paulo e o Tribuna da Imprensa, foram duramente censurados, principalmente a partir de 1970 (MEMORIAS, 2022).

Mas nem toda a grande imprensa aceitou e/ou apoiou as imposições do governo militar brasileiro. À medida que os anos de censura passaram, alguns veículos de expressão começaram a se rebelar, como explica Guarnieri (2021).

O primeiro a se rebelar contra o governo militar foi o Correio da Manhã, que em 31 de março e em primeiro de abril de 1964 publicou os famosos editoriais Basta e Fora contra o governo de Goulart, mas ainda em abril de 1964 escreve as primeiras denúncias sobre as prisões e torturas realizadas pelo regime militar. Cabe lembrar, que os principais periódicos, O Globo, Jornal do Brasil, Folha de S. Paulo e o Estado de S. Paulo, garantiram seu apoio, principalmente, durante os quatro anos iniciais do regime militar (GUARNIERI, 2021, p.4).

Na década de 1970, última da terceira fase do Jornalismo brasileiro, a imprensa alternativa continua em expansão. De acordo com a autora Vaniucha de Moraes, em seu artigo *Mobilização jornalística nos anos 70: a imprensa alternativa como movimento social*, no período, o ativismo estava se tornando cada vez mais presente em movimentos sociais pela democracia.

A proposta de pensar a imprensa alternativa dos anos 70 como um movimento social, conduz a caminhos que implicam associá-la tanto aos movimentos que foram a ela contemporâneos como aos paradigmas que lhe serviram de inspiração (MORAES, 2014, p.12).

Seguindo essa linha de pensamento, Hohlfeldt e Valles complementam, citando o jornalista brasileiro Bernardo Kucinski, que é possível distinguir a imprensa alternativa brasileira em dois diferentes segmentos:

1- jornais predominantemente políticos, com raízes nos ideais de valorização do nacional e do popular dos anos 1950 e no marxismo vulgarizado dos meios estudantis dos anos 1960. Em geral, pedagógicos e dogmáticos; 2- jornais com raízes nos movimentos de contracultura norte-americanos e, através deles, no orientalismo, no anarquismo e no existencialismo de Jean-Paul Sartre. Rejeitavam a primazia do discurso ideológico, sendo mais voltados à crítica aos costumes e à ruptura cultural (HOHLFELDT; VALLES, 2008, p.79).

Ainda sobre os jornais alternativos na década de 1970, Vaniucha Moraes (2014) é outra autora a citar o estudo de Kucinski. “No Brasil existiram cerca de 150 jornais alternativos entre os anos de 1964 e 1980 de acordo com a extensa revisão realizada por Bernardo Kucinski” (MORAES, 2014, p.1). O jornalista,

segundo ela, também categorizou os periódicos alternativos da época em sete diferentes fases, relacionando suas motivações e caráter “entre seus protagonistas e deles com a sociedade civil (MORAES, 2014, p.2).

A primeira fase do ciclo, do lançamento de Pif-Paf em junho de 1964 até o fim da Folha da Semana em 1966, foi marcada pelo impacto do golpe de abril de 1964. A segunda geração surgiu em 1967 sob a égide da revolução cubana e a proposta de uma guerrilha continental, momento em que surgiram O sol, Poder Jovem e Amanhã. Em 1968, houve um intervalo preenchido com as passeatas do movimento estudantil fruto da reverberação do maio de 1968 na França em sinergia com as próprias questões nacionais. [...] Entre 1971 e 1972 aconteceu a quinta fase caracterizada pelo tratamento de assuntos sob o viés do humor e pelo uso dos cartoons estrangeiros em Grilo e Balão [...] No ano de 1974 ganharam liberdade os primeiros presos políticos e os jornais alternativos incharam de colaboradores. Em 1976 há uma sexta fase sob o signo da crise do milagre econômico e dela nasceram grandes projetos alternativos como Versus e Movimento. [...] Na sequência, o processo de diversificação temática soma-se à campanha pela anistia, e dessa aliança se produziram os jornais Repórter, Resistência e Maria Quitéria (MORAES, 2014, p.2).

A busca por um Jornalismo livre do olhar do governo militar, porém, não era simples. Hohlfeldt e Valles (2008) destacam que uma das principais características que marcam a imprensa alternativa no Brasil é a fugacidade. “... um a cada dois jornais não chegava ao primeiro ano de existência, além de cerca de apenas 25 jornais, nascidos de articulações mais densas, terem vida de até cinco anos” (HOHLFELDT; VALLES, 2008, p.79). A imprensa alternativa foi um expoente na luta contra a censura imposta pela ditadura, vivendo seu auge entre 1964 e 1985, período onde diferentes governos militares estiveram à frente da governança do Brasil.

A década de 1970, como citado anteriormente neste subcapítulo, foi a última da terceira fase do Jornalismo brasileiro. Nela, uma nova fase iniciou, com o surgimento de tecnologias inovadoras para a época. O Jornalismo, diante disso, precisou se adaptar e foi nesse momento que começou a migração do Jornalismo impresso para o que hoje conhecemos como *webjornalismo*.

3.2.6 A quarta fase e a migração para o *webjornalismo*

A evolução para a quarta e atual fase do Jornalismo brasileiro provém da maior utilização da tecnologia e da aproximação com a contação de histórias com foco nos lugares e seus personagens, a partir da década de 1970, como explicam

Sampaio e Brumatti (2017), baseados nos argumentos defendidos por Marcondes Filho:

Dentro dessa nova orientação do jornalismo, assuntos associados ao curioso, ao insólito, ao imagetivamente impressionante ganham mais espaço no noticiário, que deixa de ser “informar-se sobre o mundo” para ser “surpreender-se com pessoas e coisas” (MARCONDES FILHO, 2009, p.37 apud SAMPAIO; BRUMATTI, 2017, p.4).

Os autores Ivo Henrique Dantas e Heitor Costa Lima da Rocha, em seu artigo intitulado *Webjornalismo: dos portais às redes sociais* (2016), publicado no Intercom, afirmam que a transformação do Jornalismo conhecido até então para o *webjornalismo* iniciou ainda em 1970. Segundo Dantas e Rocha (2016), a revolução das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) vem antes mesmo do surgimento da internet como conhecemos. Ainda na década de 1970, quando a Apple lançou o primeiro computador pessoal, com interface gráfica e disquetes (DANTAS & ROCHA, 2016, p.2).

Marcondes Filho, conforme Hohlfeldt e Valles, explica porque vê a quarta fase como a última e atual fase do Jornalismo brasileiro:

Marcondes Filho vê, nesta fase, o jornalismo da era tecnológica, onde se acoplam dois processos: a expansão da indústria da consciência, no plano das estratégias de comunicação e persuasão, dentro do noticiário e da informação; e a substituição do agente humano jornalista pelos sistemas de comunicação eletrônica, pelas redes, pelas formas interativas de criação, fornecimento e difusão de informações (MARCONDES FILHO, 2000, p.30 apud HOHLFELDT; VALLES, 2008, p.80).

Entre 1980 e 1990, o Jornalismo brasileiro estava vivendo um intenso período de migração de um “fazer” analógico, para a introdução de cada vez mais tecnologias às práticas jornalísticas cotidianas. É o que explica Alexandre Bergamo (2020), em sua obra *“Antigos” e “novos” no jornalismo brasileiro dos anos 1980 e 1990: uma identidade profissional em disputa*.

Os anos de 1980 e 1990 representaram, para o jornalismo brasileiro, um período de profundas transformações no mercado de trabalho e também de intensos debates sobre a profissão, debates esses que ficaram marcados na memória de seus profissionais como o conflito entre “antigos” e “novos” jornalistas (BERGAMO, 2020, p.340).

A década de 1970, como explicado, foi um marco para o Jornalismo brasileiro. A entrada de novas tecnologias nas redações, no entanto, acabou criando um conflito de gerações que, conforme Bergamo, ficou evidente no mercado de trabalho e, conseqüentemente, na profissão. Os profissionais mais experientes, que

o autor classificou de “antigos”, “seriam aqueles que já trabalhavam a certo tempo na profissão e, principalmente, não possuíam o ‘diploma de jornalista’, exigência que se impôs a partir de 1969”. Já os “novos”, ainda de acordo com o autor, “seriam justamente aqueles profissionais que haviam sido formados pelas recém-criadas escolas de jornalismo, cujo número aumentava com o passar dos anos” (BERGAMO, 2020, p.340).

Os novos processos de executar os deveres da profissão, empregados pelos “novos” jornalistas, culminam em outro importante marco para a época: os manuais de redação. Bergamo (2020), a respeito disso, define os manuais da seguinte forma: “embora iniciativa de algumas das maiores empresas de comunicação [...], passaram a ser largamente utilizados pelas escolas de jornalismo e ajudaram a consolidar certos modelos de exercício profissional” (BERGAMO, 2020, p.341). Ainda segundo o autor, essa consolidação aconteceu “por meio do trabalho sistemático sobre a escrita e, com isso, sobre a própria ‘forma jornalística’” (2020, p.341-342).

A antropóloga Fernanda Peixoto, em seu trabalho intitulado *Os anos 80, o novo jornalista e a imprensa no Brasil* (1998), explica que o decreto para regulamentação da profissão jornalística também contribuiu para a criação desses dois grupos de jornalistas citados por Bergamo.

A década de 80 assinala um ponto de inflexão na história da imprensa brasileira no que se refere à formação do profissional. O novo decreto de regulamentação da profissão, firmado em 1979 (o original é de 1969), determina a obrigatoriedade do diploma em curso superior de jornalismo (PEIXOTO, 1998, p.32).

Ainda conforme Peixoto (1998), sobre esse embate de gerações, a partir de 1980 pode ser observada uma substituição geracional evidente nas redações brasileiras, com a entrada em cena dos novos jornalistas (1998, p.32). A soma desses fatores (manuais de redação, regulamentação da profissão e novos profissionais no mercado de trabalho), é que, nos anos 1980, “se consolidam como importantes ‘referências’ para a ‘escrita profissional jornalística’” (BERGAMO, 2020, p.342). Peixoto complementa dizendo que a Academia começou, portanto, a ser vista como uma “ameaça” aos “velhos” jornalistas.

Se o ‘velho’ jornalista não possuía formação especializada - e muitas vezes encontrava-se abrigado nas redações por razões políticas, sobretudo nos anos 60 e 70 -, o “jornalista de hoje”, mão-de-obra das grandes empresas

jornalísticas, "aprendeu o ofício na escola, e não nas redações (PEIXOTO, 1998, p.32).

O termo “ameaça” é usado por Bergamo para ilustrar a relação entre as duas gerações de jornalistas nas décadas de 1980 e 1990. “... entre eles a visível ‘ameaça’ a práticas e valores então estabelecidos: defesa da reportagem, [...] mas também a gradativa diminuição do número de repórteres nas posições de comando”(BERGAMO, 2020, p.345). O conflito de gerações, que impactou o modo como a profissão de jornalista era desenvolvida na época, também teve impacto no próprio Jornalismo, criando termos que se tornaram bastante populares e são assunto de debates até hoje. O “novo Jornalismo” e o “velho Jornalismo” expunham duas diferentes formas de fazer Jornalismo, como explica Peixoto.

O processo extremamente veloz de substituição geracional ocorrido no interior do jornalismo brasileiro pode ser observado de perto pela experiência da Folha de S. Paulo, que na década de 80 implantou, através do "Projeto Folha", um rápido programa de modernização do veículo⁷. Este projeto, levado a cabo por jornalistas na faixa de 25 e 35 anos, reformulou não apenas a fisionomia gráfica do jornal, como também o seu conteúdo: matérias mais curtas, maior número de cadernos especializados, maior ênfase na parte cultural do órgão; maior aproximação de setores intelectualizados ligados à Universidade; maior atenção ao público jovem (PEIXOTO, 1998, p.33).

Os anos 1980 também trouxeram um declínio para os veículos de imprensa que eram patrocinados pela iniciativa privada. “Com a consolidação da formação acadêmica e os cursos de treinamento das empresas, esses foram os responsáveis por ocupar os espaços das novas iniciativas editoriais” (HOHLFELDT; VALLES, 2008, p.31). Em contrapartida, o âmbito acadêmico, conforme os autores, continuou se consolidando. Hohlfeldt e Valles (2008) explicam que a valorização acadêmica fez com que os periódicos publicados por entidades de graduação, grupos de pesquisa e pós-graduação ganhassem mais prestígio, citando, como exemplo, o INTERCOM, uma associação nacional de comunicação.

A mídia eletrônica começa a ganhar mais força na década de 1990. No final do século XX, o Jornalismo *online* começava a criar forma, como explica a autora Renata Portela Oliveira, em seu trabalho *Site “Pinha Pinhão” e os recursos da linguagem de webjornalismo* (2011). “O início do jornalismo *online*, no final do século XX, constituiu-se por uma simples transposição dos conteúdos e formatos já existentes para o ambiente digital” (OLIVEIRA, 2011, p.17). Oliveira (2011) também explica que os jornais diários foram os pioneiros na migração do analógico para o

digital. Conforme ela, a página inicial dos *sites* era semelhante a sua versão impressa, enquanto os conteúdos eram os mesmos da versão impressa, apenas transcritos para uma página da *web*.

O uso da mesma linguagem analógica no digital não era exclusivo dos jornais impressos, mas também do rádio e televisão. A *internet* proporcionou uma migração em larga escala dos chamados *mass media*, ou “veículos de massa”, para o *online*, “mas sem que se tenha verificado qualquer alteração de linguagem” (OLIVEIRA, 2011, p.17). Ou seja, dentro dos conceitos já abordados neste subcapítulo, é possível afirmar que as características do “fazer jornalístico” permaneceram as mesmas do modelo impresso.

Suzana Meireles Rodrigues, coautora de *1000 perguntas sobre teorias da comunicação* (2012), explica que a *internet* como meio de comunicação passou a ganhar mais espaço a partir de 1994. “A partir de 1994, conhecemos o fenômeno do jornalismo *on-line*” (RODRIGUES, 2012, p.273). A autora também afirma que a *internet* fomentou ainda mais a “brevidade” no Jornalismo. Segundo ela:

A internet certamente mexe com um dos critérios mais badalados do jornalismo atual: a brevidade. À notícia imediata tem sido dado um valor imenso porque, cada vez mais, as pessoas precisam de maior quantidade de informações num menor espaço de tempo. A parte negativa dessa tendência é que, muitas vezes, as notícias não são checadas e as políticas de publicação *on-line* correm por normas frouxas, fazendo com que a possibilidade de erro seja maior (RODRIGUES, 2012, p.73).

Rodrigues (2012) também acrescenta que o excesso de “informação de fácil acesso” proporcionado pela *internet* não constitui, de fato, um problema, mas sim a sobrecarga dessas informações. Para ela, “a expressão individual na internet é muito grande. [...] a internet em si é um conjunto de expressões individuais; qualquer um pode publicar qualquer coisa em quantos endereços diferentes quiser” (RODRIGUES, 2012, p.275). Concluindo seu raciocínio, Rodrigues explica que a sobrecarga de informações gera uma falta de atenção.

[...] quanto maior o número de informações com que somos bombardeados, menos as absorvemos. Esse é o principal problema do excesso de informação na rede: os fatos acabam sendo encarados mais superficialmente. É como se a mesma notícia tivesse valores diferentes se lida na internet ou vista na TV, por exemplo. Isso se deve ao fato de que, na *web*, não há como se separar o joio do trigo: somos expostos hipodermicamente a toda e qualquer informação (RODRIGUES, 2012, p.275).

Rodrigues (2012) ressalta que a *internet* é passível de manipulação e “se encontra totalmente vulnerável à pressão das grandes corporações e da ideologia dominante” (RODRIGUES, 2012, p.275). A rede, no entanto, é, para ela, o meio de comunicação mais democrático que existe. “... pela liberdade e individualidade de expressão, falta de rigidez no controle de publicação e possibilidade quase garantida de anonimato” (2012, p.275).

A liberdade e individualidade destacadas por Rodrigues (2012), contudo, possuem limites que devem ser respeitados, caso contrário, caso haja algum tipo de ofensa ou discriminação, por exemplo, são passíveis de punição, como estipula a lei. “O ofensor poderá ser responsabilizado tanto na esfera criminal [...] quanto em âmbito cível” (MINAS, 2022).

Sobre a terminologia do Jornalismo da quarta fase, feito de forma *online*, o autor Vilso Junior Chierentin Santi comenta que não há um consenso, por mais que alguns termos tenham se popularizado mais que outros.

Em linhas gerais, observa-se que autores norte-americanos utilizam o termo “jornalismo on-line” ou “jornalismo digital”, já os autores de língua espanhola preferem o termo “jornalismo eletrônico”. Também são utilizadas as nomenclaturas “jornalismo multimídia” ou “ciberjornalismo”. De forma genérica, pode-se dizer que autores brasileiros seguem os norte-americanos (sic), utilizando com maior frequência o termo “jornalismo on-line” ou “jornalismo digital” (SANTI, 2009, p.184).

E entre todas essas nomenclaturas, uma têm se destacado ao longo dos anos: *webjornalismo*. O termo também não é um consenso entre estudiosos do assunto. Os autores Alex Fernando Teixeira Primo e Marcelo Träsel, em seu trabalho chamado *Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias* (2006), classificam o *webjornalismo* em diferentes gerações.

A primeira geração é a da transposição do modelo impresso para as redes digitais. Na segunda geração, alguns elementos específicos da Web passam a ser agregados à notícia online, embora esta continue seguindo o padrão de texto da edição impressa. Porém, passa-se a oferecer recursos de hipermídia, listas de últimas notícias e matérias relacionadas, bem como material exclusivo para a versão online. Já na terceira geração as publicações online incorporaram a hipermídia à produção do texto, aprofundando a hipertextualidade e a multimodalidade permitidas pela convergência das mídias digitais (PRIMO; TRÄSEL, 2006, p.7).

O *webjornalismo*, logo que começou a se popularizar, também ganhou um *status* de “salvação para todos os problemas”, como explica Ivo Dantas, em seu TCC intitulado *O webjornalismo e suas potencialidades: um estudo de caso do portal NE10* (2013). “Desde então, até o início dos anos 2000, um otimismo exagerado

tomou conta dos estudiosos e empresários, que acreditavam na internet como a salvação para todos os problemas” (DANTAS, 2013, p.25). Ainda conforme Dantas (2013, p.25), as empresas de tecnologia foram jogadas nas Bolsas de Valores de todo o mundo para aproveitar esse otimismo.

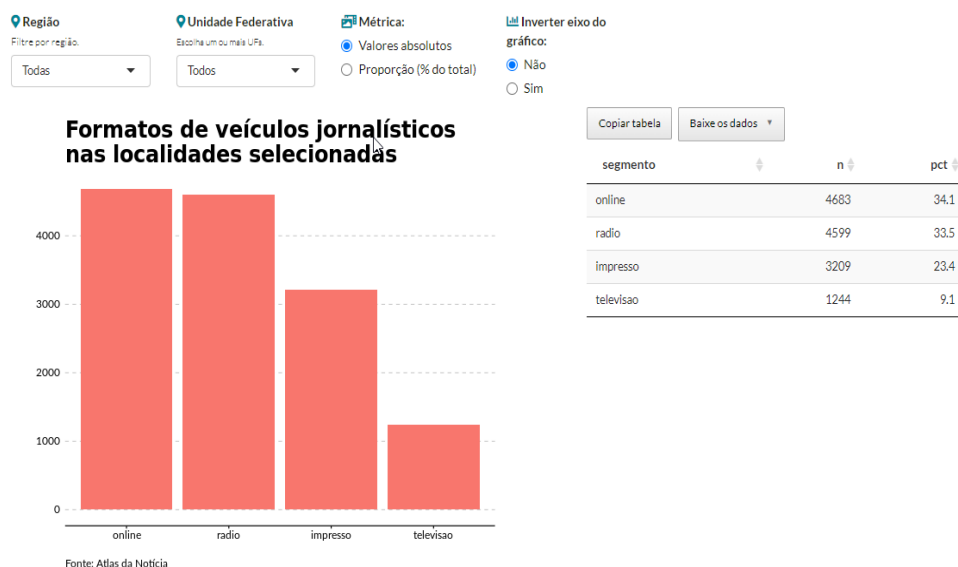
Quanto às características do *webjornalismo*, Deuze (2000, apud SANTI, 2009, p.185), aponta que quatro elementos são principais, “interatividade, customização de conteúdo, hipertextualidade, personalização e memória”. Além desses quatro elementos, há cinco características: multimídia/convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização e memória.

Santi (2009) também define o *webjornalismo* em quatro gerações. De acordo com ele, na primeira geração, os produtos oferecidos foram ou são meras reproduções de partes dos grandes jornais impressos, que passavam a ocupar o espaço na “Internet”. Na segunda geração, o *webjornalismo*, mesmo favorecido pelo desenvolvimento da estrutura técnica da *web*, ainda era ou é atrelado ao modelo do jornalismo impresso. Na terceira geração, esse cenário começa a se modificar com o surgimento de iniciativas tanto empresariais quanto editoriais destinadas exclusivamente para a Internet. Na quarta geração, também marcada pelo surgimento da *internet* 4G, vai se utilizar de banco de dados que, devido à tecnologia internet, junto com as linguagens de programação muito dinâmicas, passaram a gerar páginas que somente existem devido às solicitações do usuário ao navegá-las; e/ou telas que podem apresentar áreas de informações flexíveis em estruturas que possibilitam a correlação de dados e de campos informativos. (SANTI, 2009, p.186-187).

Assim se chega ao momento atual do Jornalismo brasileiro, que, cada vez mais, migra do impresso para o digital. Conforme o *site* jornalístico *Plural Curitiba* e segundo dados do *Atlas da Notícia*, divulgados pelo Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor), em fevereiro de 2022, os jornais digitais tornaram-se maioria no Brasil (PLURAL,2022).

De acordo com o *Plural*, a pesquisa também aponta que o Brasil conta com 4.670 iniciativas jornalísticas na internet, o que representa crescimento de 206% comparado com 2017, quando foram mapeadas 2.263 iniciativas em meio digital. O rádio é o segundo mais encontrado no país, conta com 4.597 iniciativas. Além disso, conforme o gráfico abaixo, a porcentagem de veículos impressos - entre os mais de 13 mil analisados pelo *Atlas* é de 23,4% contra 34,1% *online*.

Figura 2 - Formatos de veículos jornalísticos no Brasil



Fonte: Atlas da Notícia, 2022.

Atualmente, há a *internet* 5G em fase de desenvolvimento. Para chegar ao Brasil, a quinta geração de redes móveis, que conta com uma velocidade de conexão mais rápida do que qualquer outra antes vista, deve demorar de “2 a 4 anos” (G1, 2021) para operar em definitivo. Será que a conexão 5G abrirá espaço para uma quinta geração do *webjornalismo*?

3.3 ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA O TRABALHO JORNALÍSTICO

Para Rennê Nunes (2012), coautor de *1000 Perguntas sobre Teoria da Comunicação*, o jornalista, como repórter, atualmente, não segue mais uma função específica, se dedicando apenas em ser repórter. Para Nunes, a evolução tecnológica faz com que esteja sendo exigida uma formação técnica genérica, citando o exemplo de que “hoje, um bom repórter acaba sendo também apurador, pauteiro e editor da própria reportagem”. (NUNES, 2012, p.309).

O autor segue sua linha de raciocínio sobre a função de um jornalista, definindo o trabalho desse profissional da seguinte forma: “Em suma, o jornalista apura acontecimentos, seleciona os que devem virar notícia e os narra para a sociedade. Sua atividade envolve um grande poder.” (NUNES, 2012, p.309). Nunes

também se baseia na Teoria Organizacional, de Leland Bradford, para definir os elementos condicionantes do trabalho jornalístico.

Pela teoria organizacional (sic), o trabalho jornalístico é dependente de meios utilizados pela organização. Toda organização dispõe de meios específicos para realizar seu trabalho, e eles influenciam diretamente o resultado desse trabalho, ou seja, o produto final (NUNES, 2012, p.309).

Já para o professor e jornalista Edvaldo Pereira Lima (2009), o Jornalismo está envolto por realidades maiores, externas, que condicionam seu comportamento, num jogo contínuo de ação-reação com o seu ambiente. Lima ainda cita Cremilda Medina (1978), que, em sua obra *Notícia: um produto à venda*, analisa a informação jornalística como produto da comunicação de massa.

[...] é preciso examinar o problema no seu enquadramento geral: informação jornalística como produto da comunicação de massa, comunicação de massa como indústria cultural e indústria cultural como fenômeno da sociedade urbana e industrializada (MEDINA, 1978, p.20 apud LIMA, 2009, p.11).

Lima segue sua análise sobre os elementos do trabalho jornalístico afirmando que o Jornalismo exerce o que ele chama de *função aparente*.

O jornalismo, como segmento da comunicação de massa, exerce a função *aparente* de informar, explicar e orientar. As funções subjacentes são muitas, variadas, incluindo-se no rol a função econômica, a ideológica, a educativa, a social, entre outras. Mas o que diferencia de fato o jornalismo de outras atividades é o desempenho da tarefa informativa e orientativa (LIMA, 2009, p.11).

O professor e jornalista destaca outro ponto interessante, agora focando no Jornalismo contemporâneo, que é resultado de um processo que remonta a um tempo longínquo. Para Edvaldo Pereira Lima (2009), o Jornalismo no século XXI é caracterizado pela produção *standardizada*, em larga escala, que começa a nascer no século XIX, a partir das primeiras cadeias de jornais e das agências de notícias formadas nos Estados Unidos e na Europa. (LIMA, 200, p.16). O autor cita que nessa época encontrou-se uma “fórmula básica” de comunicar o elemento notícia. E utiliza a definição do termo “notícia” apresentada em uma das disciplinas do programa de pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes (ECA), da USP: “Notícia é a comunicação de uma estrutura fática, atual ou atualizada, que corresponde, consciente ou inconscientemente, a uma vigência social de um grupo específico” (MORAES, 1970 apud LIMA, 2009, p.16).

Para Rafael Paes Henriques, em seu artigo intitulado *O lugar de onde se fala: o jornalismo e seus princípios fundamentais*, a primeira tarefa dos jornalistas é definir o que é notícia.

Diante de uma infinidade de fenômenos da realidade, é preciso emitir juízos, hierarquizar, determinar o que tem importância, para, dessa forma, selecionar alguns, e descartar vários outros que não serão objeto da cobertura jornalística (HENRIQUES, 2009, p.3).

Henriques utiliza o *Manual de Redação da Folha de S. Paulo* para exemplificar o que seriam os critérios para definir o que é ou não notícia, também defendidos por ele.

1) Ineditismo (a notícia inédita é mais importante do que a já publicada). 2) Improbabilidade (a notícia menos provável é mais importante do que a esperada). 3) Interesse (quanto mais pessoas possam ter sua vida afetada pela notícia, mais importante ela é). 4) Apelo (quanto maior a curiosidade que a notícia possa despertar, mais importante ela é). 5) Empatia (quanto mais pessoas puderem se identificar com o personagem e a situação, mais importante ela é). 6) Proximidade (quanto maior a proximidade geográfica entre o fato gerador da notícia e o leitor, mais importante ela é) (Manual, 2001, p. 43 apud HENRIQUES, 2009, p. 3).

Conforme o autor, outro elemento básico que fundamenta o trabalho jornalístico é a liberdade. Ele acredita que, para exercerem suas atividades, os profissionais jornalistas precisam ser livres, senão, todo o conteúdo fica comprometido ou inviabilizado (HENRIQUES, 2009, p.4). Além disso, Henriques defende a independência e autonomia para que a profissão seja exercida da maneira correta. “Devido à importância da liberdade, outro valor essencial desta comunidade interpretativa é a independência e a autonomia dos profissionais em relação aos outros agentes sociais” (TRAQUINA, 2005, p. 131 apud HENRIQUES, 2009, p.5). Outros elementos fundamentais ao exercício do Jornalismo, para Henriques, são: credibilidade, onde o autor constrói uma relação de confiança com o leitor; verdade, sendo que a notícia precisa, acima de tudo, ser um fato verdadeiro; rigor e exatidão, garantindo que o texto esteja devidamente apurado; e honestidade, cujo valor obriga que o relato seja produzido de maneira completamente honesta.

Segundo Henriques, outros dois tópicos são importantes para o desempenho do trabalho jornalístico: a objetividade/equidade e a comunicabilidade/interesse. Somando todas as características listadas pelo autor, é correto afirmar que, na visão dele, para ser idôneo, o profissional jornalista precisa exercer o Jornalismo de forma que valorize a presença de todos esses elementos, em conjunto. “[...] o jornalismo

se apresenta como relato livre, independente e autônomo, credível, verdadeiro, rigoroso, exato e honesto” (HENRIQUES, 2009, p.10).

Felipe Pena (2012), no entanto, em seu livro *1000 Perguntas sobre Jornalismo*, não acredita que o jornalista é, de fato, autônomo em seu ofício. O que refuta a ideia de Henriques de que para exercer o trabalho jornalístico, uma das características mais importantes é a liberdade do profissional. “Embora o jornalista seja participante ativo na construção da realidade, não há uma autonomia incondicional em sua prática profissional, mas sim a submissão a um planejamento produtivo”. (PENA, 2012, p.48). Pena (2012) também afirma que a aplicação da noticiabilidade é baseada no que ele chama de “valores-notícia”. Os valores-notícia são os critérios e operações usados para definir quais acontecimentos são significativos e interessantes para serem transformados em notícia. Além disso, para Pena, o jornalista não decide o valor desses critérios sozinho, a noticiabilidade é negociada por repórteres, editores, diretores e outros atores no processo produtivo na redação.

A definição desses elementos fundamentais para o trabalho jornalístico tem um impacto direto sobre a forma mais tradicional do “fazer” Jornalismo: o Jornalismo Convencional. O objetivo do subcapítulo a seguir é entender se o Jornalismo Convencional é o resultado da não-autonomia enfatizada por Pena, impulsionado pela evolução tecnológica que incentiva, cada vez mais, o dinamismo nas redações e deixa de lado a notícia mais aprofundada. Se o Jornalismo Convencional é fruto da liberdade pregada por Henriques e embasada no *Manual de Redação da Folha de S.Paulo*, que, ao mesmo tempo que alega que o jornalista precisa ser livre para exercer suas atividades, impõe sobre ele uma série de recomendações. Ou se há outra definição capaz de ajudar a listar quais as características que definem o Jornalismo Convencional.

3.4 A MANEIRA TRADICIONAL DE FAZER JORNALISMO

O Jornalismo Convencional é a maneira tradicional de fazer jornalismo e envolve diversos critérios estipulados pelos próprios jornalistas e veículos de comunicação. É o que explicam os autores Emerson Urizzi Cervi, Michele Goulart Massuchin e Camila Wada Engelbrecht, em seu artigo intitulado *Jornalismo Público ou Convencional: que faz diferença para a democracia brasileira?* (2009).

Meios de comunicação com processos produtivos convencionais apresentam critérios próprios de noticiabilidade e a partir deles editores e jornalistas escolhem assuntos considerados relevantes para serem publicados. Trata-se de uma visão autoritária da definição da agenda, pois parte do princípio que alguns integrantes do processo têm capacidade de identificar quais as demandas do público sobre temas e formas de abordagem (CERVI; MASSUCHIN; ENGELBRECHT, 2009, p.5).

De acordo com Cervi, Massuchin e Engelbrecht (2009), o processo de seleção das notícias incorpora um conjunto de critérios dos produtores que levam em consideração as supostas necessidades dos consumidores. Isso remete ao estudo das Teorias do Jornalismo, realizado por autores como Nelson Traquina (2005) e Felipe Pena (2005), em suas obras *Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional* e *Teoria do Jornalismo*, respectivamente.

Traquina (2005) cita outro autor, Walter Lippmann, para afirmar a posição dos “*media*” (meios - referindo-se aos veículos) dentro da comunicação. “Lippmann [...] defendia que os *media* são a principal ligação entre os acontecimentos no mundo e as imagens que as pessoas têm na cabeça acerca desses acontecimentos”. (LIPPMANN, 1922 apud TRAQUINA, 2005, p.15). Ainda conforme Traquina, os *media* têm um grande “poder” em relação à definição dos assuntos que são ou não comentados. “A vasta literatura sobre o jornalismo reconhece o poder do jornalismo não apenas na projeção social dos tópicos mas também no poder de enquadrar esses tópicos como recurso de discussão pública” (MOLOCH; LESTER, 1974 apud TRAQUINA, 2005, p.16).

Edvaldo Pereira Lima (2014) destaca o modo impessoal como o repórter precisa escrever seu texto, quando está operando na lógica do Jornalismo Convencional. “[...] o repórter é condicionado a escrever a matéria de um jeito impessoal, até mesmo frio e seco” (LIMA, 2014, p.23). O objetivismo é uma das características principais desse modelo de Jornalismo, como veremos adiante. E sobre essa impessoalidade, Lima (2014) lista alguns “requisitos” que todo jornalista convencional segue.

Precisa ser objetivo, ater-se aos fatos básicos, sem nenhuma ousadia ou compreensão mais aberta dos significados escondidos por trás da aparência das coisas. Em muitas situações, o repórter é quase um transmissor de recados, apenas. Tem pouca autonomia para escrever a matéria da maneira que julga mais procedente (LIMA, 2014, p.23).

Em seu *blog*, o mesmo autor também afirma que o Jornalismo Convencional está mais focado na divulgação do problema do que na busca por soluções.

[...] o jornalismo convencional tende a focar em demasia os problemas da sociedade, ignorando em muito o foco nas soluções. Ao mesmo tempo, adota uma visão de mundo demasiadamente limitada, baseada em modelos científicos de percepção da realidade que hoje se revelam parciais ou insuficientes frente a avanços extraordinários da própria ciência de vanguarda (LIMA, 2022).

Lima (2014) continua sua caracterização do Jornalismo Convencional explicando que, no Brasil, há uma “mania” de quantificação. Segundo o autor, foi adotada uma “forma pobre de determinismo para explicar as coisas” (LIMA, 2014, p.52). O professor cita que o foco das notícias acaba sendo uma insinuação do que causou determinado problema. Para tal comparação, cita o exemplo de manchetes de reportagens - sem especificar se são fictícias ou não. “Ah, o avião caiu porque houve erro do piloto; O time perdeu porque o artilheiro errou o pênalti” (LIMA, 2014, p.52). Ou seja, para Lima, o Jornalismo Convencional se atém à busca pelos fatores que determinam as coisas.

Em 2013, em uma entrevista dada ao *blog Jornalismo Literário*, o professor Edvaldo Pereira Lima já destacava que o futuro dos veículos de imprensa que insistissem por mais tempo no Jornalismo Convencional não seria promissor.

Já na década de 1990 constatei algo que ainda hoje me deixa pasmo: o quanto a mídia tradicional – especialmente os “jornalões” diários impressos – não enxerga o óbvio: não há futuro nobre para os periódicos dessa natureza se continuarem a insistir com o jornalismo convencional, apenas informativo e opinativo, de hoje em dia. [...] Ao mesmo tempo, embora o jornalismo convencional tenha se modernizado no último século, isso aconteceu quase sempre unicamente de maneira cosmética: a tecnologia da informação é vasta, a linguagem plástica e visual dos veículos gráficos é muito mais estética, a informação quantitativa é apresentada de maneira muito mais interessante do que há 100 anos. Mas o conteúdo, a visão de mundo são ultrapassados. O jornalismo continua a ler a realidade com os olhos – já míopes e de lentes embassadas – que lhe deu a ciência do século XIX (LIMA, 2013).

Nos dois subcapítulos a seguir, há o aprofundamento sobre as diferentes teorias do Jornalismo e a listagem das características do Jornalismo Convencional. As teorias servem como base para entender os diferentes vieses, as diferentes visões do Jornalismo Convencional e as características ajudam a entender como é possível identificar o Jornalismo em seu modelo tradicional nos textos escritos tanto para periódicos *online* ou impressos.

3.5 AS TEORIAS DO JORNALISMO

As teorias do Jornalismo ajudam a explicar melhor sobre a construção da notícia por parte dos jornalistas e o processo de seleção que ela enfrenta. São 10 as teorias do Jornalismo mais conhecidas e estudadas, de acordo com Pena (2005): *espelho; newsmaking; gatekeeper; organizacional; gnóstica; agendamento; instrumentalista; etnográfica; dos definidores primários e a espiral do silêncio; Nova História*. A seguir, há uma explicação mais detalhada sobre cada uma.

A *Teoria do Espelho*, de acordo com Pena (2005), “foi a primeira metodologia utilizada na tentativa de compreender porque as notícias são como são, ainda no século XIX” (PENA, 2005, p.125). O autor Alexandre Castro (2013), em seu artigo intitulado *Teorias do Jornalismo, Universidade e Profissionalização: Desenvolvimento Internacional e Impasses Brasileiros*, afirma que a *Teoria do Espelho* surgiu nos Estados Unidos, por volta de 1850, usando como base o trabalho de Pena (2010). “Ela surgiu no contexto das profundas mudanças que se processavam na imprensa dos Estados Unidos, com o desenvolvimento de uma rentável indústria noticiosa de massas” (PENA, 2010 apud CASTRO, 2013, p.5).

Conforme Pena (2005), na *Teoria do Espelho*, o jornalista é um mediador desinteressado. Seu papel é o de apenas observar a realidade do fato e emitir um relato equilibrado e honesto sobre suas observações, sempre cuidando para não transparecer opiniões pessoais ou juízos de valor. O *Espelho* remete ao sentido de que o papel do Jornalismo é ser um reflexo da realidade, de forma objetiva, com fatos substituindo comentários.

Castro (2013) conclui seu raciocínio sobre o *Espelho* afirmando que:

Nas décadas de 1920 e 1930, estes princípios voltaram a ganhar força nos Estados Unidos, especialmente a partir do lançamento de um livro que se tornaria célebre, *Opinião Pública*, do jornalista Walter Lippmann (1922). Tratava-se do reforço da pregação do uso de métodos científicos contra a subjetividade na profissão, para fazer frente às distorções factuais verificadas na cobertura da Primeira Guerra Mundial (CASTRO, 2013, p.5).

A teoria do *newsmaking*, posterior à do *Espelho*, de acordo com Pena (2005), classifica o Jornalismo como algo longe de ser o espelho do real, contrariando a sua teoria predecessora. Conforme o autor, o Jornalismo: “é, antes, a construção social de uma suposta realidade. [...] é no trabalho de enunciação que os jornalistas produzem os discursos” (PENA, 2005, p.126). Os discursos, para Pena, submetidos

a uma série de operações e pressões sociais, constituem o que o senso comum das redações chama de notícia. (PENA, 2005, p.126).

Os autores Ytalo Silva Castanhede e Sofia Cavalcante Zanforlin, em seu artigo intitulado *As definições do newsmaking: um estudo bibliográfico sobre as perspectivas do conceito* (2020), resumem a teoria do *newsmaking* da seguinte forma: “[...] pressupõe que as notícias cumprem uma rigorosa rotina industrial determinada pelos veículos de comunicação por causa da quantidade excessiva de fatos presentes no cotidiano (CASTANHEDE; ZANFORLIN, 2020, p.1). Pena (2005), complementa essa afirmação ao destacar que, embora a notícia não se esgote na sua produção, é com ela que o *newsmaking* está preocupado.

Pena (2005) também se embasa os estudos da socióloga Gaye Tuchman para destacar as três vertentes principais do *newsmaking*, cujos veículos de comunicação, de acordo com a teoria, deveriam seguir. “A cultura profissional dos jornalistas, a organização do trabalho e os processos produtivos” (TUCHMAN, 1978 apud PENA, 2005, p.127). Ainda segundo a socióloga, o *newsmaking* também exige o cumprimento de três obrigações por parte dos órgãos de informação, para produzir o noticiário.

Tornar possível o reconhecimento de um fato desconhecido com acontecimento notável; elaborar formas de relatar acontecimentos que não tenham a pretensão de dar a cada fato ocorrido um tratamento idiossincrático; organizar, temporal e espacialmente, o trabalho de modo que os acontecimentos noticiáveis possam afluir e ser trabalhados de uma forma planejada. (TUCHMAN, 1978 apud PENA, 2005, p.129).

Bruno Fernandes, em sua pesquisa intitulada *A Teoria Clássica do Gatekeeper e Newsmaking no Rádio: o caso da RDP* (2011), resume, por fim, o objetivo do *newsmaking* no Jornalismo. “[...] o *newsmaking* vem mostrar a importância da cultura profissional dos jornalistas e da organização do trabalho e dos processos produtivos” (FERNANDES, 2011, p.25).

A teoria seguinte, do *gatekeeper* (porteiro, em tradução literal), vê o Jornalismo como um “prédio” e o jornalista como o porteiro que determina quem ou o que entra nele ou não. Pena (2005) corrobora esta afirmação. “O conceito refere-se à pessoa que tem o poder de decidir se deixa passar a informação ou se a bloqueia” (PENA, 2005, p.133). O autor exemplifica a teoria do *gatekeeper* dizendo que o jornalista é o principal responsável pela progressão ou “morte” da notícia. Pena (2005) também afirma que estudos realizados no século XX pelo pesquisador

David Manning White concluíram que, entre outras questões, o fator tempo teve uma importância significativa para a publicação ou não das notícias. (TRAQUINA, 1993 apud PENA, 2005, p.134).

Já a teoria *organizacional*, ainda conforme os estudos de Pena (2005), afirma que “toda organização dispõe de meios específicos para realizar seu trabalho e eles influenciam diretamente o resultado desse trabalho, ou seja, seu produto final” (PENA, 2005, p.135). Ou seja, a teoria *organizacional* limita o jornalista às práticas da empresa onde trabalha. Segundo o autor Pedro de Figueiredo (2016), em um primeiro momento, os profissionais jornalistas não costumam a aceitar as imposições dos veículos onde trabalham por três motivos:

[...] normas de ética da profissão, do fato dos staffers serem geralmente mais liberais do que os publishers e pelo tabu que impede que os chefes obriguem os subordinados a aceitarem suas imposições (BREED, 1999 apud FIGUEIREDO, 2016, p.2).

A não concordância, porém, é possível de ser “burlada”, conforme Figueiredo (2016).

O primeiro mecanismo que promove o conformismo é a socialização do redactor (sic) no que diz respeito às normas do seu trabalho. Quando o jornalista inexperiente começa o seu trabalho, não lhe é dita qual é a política editorial. Nem nunca lhe será. [...] Basicamente, a aprendizagem da política editorial é um processo através do qual o novato descobre e interioriza os direitos e as obrigações do seu estatuto, bem como as suas normas e valores. Aprende a antever aquilo que se espera dele, a fim de obter recompensas e evitar penalidades (BREED, 1999, p.154-155 apud FIGUEIREDO, 2016, p.2).

A teoria *organizacional* é uma das que classifica o Jornalismo como “refém” das práticas capitalistas. Os veículos de comunicação são vistos como as empresas que realmente são e, portanto, visam o lucro, como explica Pena (2005). “O jornalismo é um negócio. E, como tal, busca o lucro. Por isso, a organização está fundamentalmente voltada para o balanço contábil” (PENA, 2005, p.135). Por fim, o mesmo Pena (2005) também utiliza o estudo de Breed (1993) para afirmar que a linha editorial das empresas é quase sempre seguida, apesar das possibilidades de transgressão por parte dos jornalistas que não se submetem à política editorial.

A teoria *gnóstica*, segundo Pena (2005), pode ser traduzida como um tipo de conhecimento esotérico que se transmite por tradição e mediante ritos de iniciação (2005, p.138). O termo no Jornalismo, porém, não tem nenhum traço da sua definição religiosa, “mas no que tange ao caráter fáustico e restrito aos costumes,

comportamento, perfil, códigos secretos da tribo, vocabulário e ritos de iniciação pertencentes à comunidade e que só entende quem foi iniciado” (COMUNIQUEIRO, 2022). Ou seja, o gnosticismo aqui, refere-se a uma tradição própria de um grupo específico - no caso, dos novatos no Jornalismo.

Pena (2005) explica que essa relação de tradição pregada pela teoria *gnóstica* possui diferentes características:

Começo pelos rituais de iniciação. O profissional novato recebe o nome de foca e tem uma espécie de batismo nas redações. Na televisão, os veteranos pedem que ele pegue a lâmina de corte para a edição. Nos jornais, mandam o sujeito até a calandra e pedem para entrevistá-la. [...] Na relação com os jornalistas mais velhos, os neófitos passam pelo processo de acumulação de saberes específicos sobre a profissão. E só então começam a fazer parte da tribo (PENA, 2005, p.139).

O site *Observatório da Imprensa* cita, em uma de suas publicações, alguns exemplos de “rituais da redação” que estariam incluídos na teoria *gnóstica*.

A reunião de pauta pode ser considerada um ritual em homenagem ao “deus da informação”. Pessoas pensam nos sacrifícios a serem feitos por ele; como deixá-lo feliz para que ele mande seus “anjos dos anúncios”, a fim de ocupar os hiatos econômicos que mantêm a integridade da tribo. Editores-chefes são os caciques, aqueles dotados da mais afluente sabedoria e capazes de ensiná-la às próximas gerações. Há também língua própria, o “jornalês” (OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA, 2022).

Concluindo seu raciocínio sobre a teoria *gnóstica*, Pena (2005) reforça a ideia de que a redação jornalística funciona como um templo. “O lugar social da produção das notícias, a redação, funciona como um templo próprio. Sua hierarquização permite aos pajés da tribo um controle rígido sobre seus súditos.” (PENA, 2005, p.141).

A teoria do *agendamento*, conforme a autora Anelise Rublescki, em seu artigo para o Intercom intitulado *Teorias do Jornalismo: Questões Exploratórias em Tempos Pós-massivos* (2010), o conceito de *agendamento* foi apresentado pelos autores McCombs e Shaw em 1972, embora a relação causal entre agenda “mediática” e pública já tivesse sido ventilada por Walter Lippmann, ainda nos anos 1920. (RUBLECKI, 2010, p.9). Pena (2005), reforça a afirmação de Rublescki (2010) e explica que a *agenda setting* - nome pelo qual a teoria do *agendamento* também é chamada -, surgiu como contraponto a outra teoria da época.

O *agenda setting*, como é chamado nos Estados Unidos, surgiu no começo da década de 1970 como uma reação a outra teoria: a dos efeitos limitados, que teve seu auge entre os anos 40 e 60. O agendamento representa a insatisfação da nova geração de pesquisadores em comunicação, que tinha

experiência prática em redações, com o paradigma da limitação dos efeitos midiáticos na vida social (PENA, 2005, p.142).

Rublescki (2010) comenta que da década de 1970 para cá, a teoria do *agendamento* se tornou mais ampla e complexa, citando os estudos de Nelson Traquina sobre o assunto. “Traquina [...] integra o paradigma do agendamento também dentro da literatura do newsmaking, isto é, do ponto de vista dos emissores profissionais” (TRAQUINA, 2000 apud RUBLESCKI, 2010, p.9). A autora cita que o *agendamento* é feito a partir de três angulações: 1) pesquisas sobre a agenda mediática, isto é, estudos do conteúdo dos *media*; 2) os estudos da agenda das políticas governamentais; cujo núcleo é o que se torna notícia a partir das entidades governamentais e 3) estudos da agenda pública, definidos como aqueles que se debruçam sobre os desdobramentos das notícias na agenda dos receptores (RUBLESCKI, 2010, p.10).

Pena (2005) explica ainda que o *agendamento* também representa a evolução de uma perspectiva quantitativa para uma abordagem representativa dos efeitos. “O que vale é o significado daquilo que as pessoas estão expostas e [...] o impacto acumulativo dessa exposição cuja frequência continuada e cotidiana influencia na cognição” (PENA, 2005, p.145). Em resumo, a teoria do *agendamento* afirma que é a mídia a responsável por pautar quais são os assuntos que estarão em foco nas rodas de conversa dos consumidores de notícias (FOCAS, 2022).

A teoria *instrumentalista*, outra das teorias do Jornalismo, afirma que as notícias servem objetivamente a determinados interesses políticos. (PENA, 2005, p.146). Ainda de acordo com Pena (2005), o instrumentalismo parte de um paradigma de pesquisa baseado nos estudos da parcialidade, cujo objetivo é verificar a existência ou não de distorções em textos noticiosos (2005, p.146).

Há duas interpretações sobre a parcialidade das notícias: A versão de "esquerda", que acredita que a imprensa está subordinada aos interesses da elite política e econômica e que o papel dos profissionais da imprensa é reduzido à função de cumpridor de ordens patronais; e a de "direita", que defende que os jornalistas formam uma classe social específica e distorcem as notícias com o objetivo de veicular ideias anticapitalistas. Nela, os jornalistas têm controle pessoal sobre a produção da notícia e estão dispostos a influenciar o noticiário com a defesa de suas ideias (COMUNIQUEIRO, 2022).

O instrumentalismo também tem seus problemas. Para Pena (2005), o principal deles é uma visão determinista sobre os jornalistas. “[...] considerando-os colaboradores da utilização instrumentalista da imprensa ou submissos do capital

(TRAQUINA, 2000 apud PENA, 2005, p.149). Esse determinismo é característica tanto da versão esquerdista quanto direitista da teoria *instrumentalista*, expondo visões diferentes, mas com limitações bastante semelhantes.

A teoria *etnográfica* é caracterizada por Pena (2005) como um dos maiores desafios para qualquer jornalista, que precisam “tentar enxergar os fatos por diferentes pontos de vista” (PENA, 2005, p.150). As autoras Lívia de Souza Vieira e Maria Elisa Máximo, em seu artigo intitulado *Etnografia e Pesquisa em Jornalismo: Aproximações Teórico-Methodológicas para os estudos de newsmaking* (2018), explicam a etnografia no cenário contemporâneo.

No cenário contemporâneo, marcado por intensos processos de desterritorialização e aceleração e pela multiplicação de agentes e interfaces participando das interações, dinâmicas e fenômenos sociais, a etnografia parece despontar como abordagem metodológica por excelência para alcançar nuances e complexidades inatingíveis por metodologias mais pontuais ou, digamos, objetivas. É neste contexto que cresce o interesse pela etnografia nas pesquisas em comunicação e, de modo especial, nas pesquisas em jornalismo (VIEIRA; MAXIMO, 2018, p.3).

O método etnográfico também pode ser incorporado à teoria do *newsmaking* e, assim, dismantelar a teoria *instrumentalista*. É o que afirma Pena (2005) ao dizer que a união de ambas as teorias parece colocar uma pá de cal no instrumentalismo ao perceber que as rotinas profissionais têm muito mais influência na produção das notícias do que uma possível conspiração manipuladora da imprensa. (PENA, 2005, p.153).

A teoria *dos definidores primários e a Espiral do Silêncio* é a mais próxima da teoria *instrumentalista* entre todas as teorias do Jornalismo, segundo afirma Pena (2005). A autora da teoria é a cientista política alemã Elisabeth Noelle-Neumann, que promoveu uma série de pesquisas com o intuito de entender algumas questões políticas pertinentes à época. A *Espiral do Silêncio* parte da premissa de que indivíduos temem o isolamento social e, por isso, desenvolvem uma espécie de “pele estatística” que permite aferir o clima de opinião em torno e adaptar-se, expressando publicamente uma opinião quando está de acordo com a maioria ou, se em desacordo, ficando em silêncio. (FUTURA, 2022).

Os *definidores primários* se referem ao fato de que, segundo a teoria, “a interpretação primária das fontes institucionalizadas define o rumo de qualquer notícia” (PENA, 2005, p.154). Esses norteadores seriam as pessoas em cargos de poder político e norteariam o trabalho jornalístico em determinados casos, já que

são procurados como fontes primárias em algumas situações. Ou seja, o restante do diálogo se desenvolve baseado nas afirmações primárias dessas pessoas. Pena (2005) cita o trabalho de Noelle-Neumann para exemplificar como a teoria funciona, na prática.

Para Noelle-Neumann, as pessoas tendem a esconder opiniões contrárias à ideologia majoritária, o que dificulta a mudança de hábitos e ajuda a manter o *status quo*. A opção pelo silêncio é causada pelo medo da solidão social, que se propaga em espiral e, algumas vezes, pode esconder desejos de mudança presentes na maioria silenciosa (PENA, 2005, p.155).

Uma teoria que também ajuda a compreender o Jornalismo e seus desafios é a da *Nova História*. Ela surgiu na França, a partir dos estudos do teórico Michel de Certeau. “Seu método consiste em interpretar a história não a partir dos eventos, mas tomando como referências os pressupostos para a formação desses mesmos eventos” (PENA, 2005, p.157).

Nesta teoria, Pena (2005) afirma que a mídia reconstrói o acontecimento na operação jornalística, mas, junto com ela, vende a crença de que a montagem não interfere na construção da realidade. Na *Nova História*, o que fica claro é a implementação de de uma nova atitude em relação ao evento, que obrigue o jornalista a ler não a partir da sua realização, mas tomando como base seus pressupostos de formação. (PENA, 2005, p.160).

3.6 CARACTERÍSTICAS

A listagem das características do Jornalismo Convencional é fundamental para a análise das reportagens do G1-Globo e El País América Latina, no capítulo 5 desta pesquisa. Por mais que o intuito seja identificar a presença do Jornalismo Literário Avançado nos textos, isso não seria possível sem antes entender o que não caracteriza o JLA, ou seja, o Jornalismo Convencional.

Os itens listados abaixo foram separados com base em tudo o que foi apresentado sobre o assunto até o momento, neste trabalho, especialmente no estudo de Lima (2014) e do conteúdo do subcapítulo 3.4, intitulado *Jornalismo Convencional*. Sendo assim, foram definidas como características do Jornalismo Convencional: *lead*; imparcialidade; superficialidade; agilidade para transmitir as informações.

A seguir, todas essas características foram expandidas, a fim de facilitar a compreensão do leitor sobre o que define cada uma.

3.6.1 *Lead*

Uma característica que se popularizou no Jornalismo Convencional é o *lead* - ou lide, em sua “forma brasileira”. Segundo a pesquisadora Tatiany Araújo Clemente, em seu trabalho intitulado *A função do lead no jornalismo impresso atual* (2005), a palavra tem origem inglesa e a tradução para o português tem diferentes significados, como conduzir, levar ou guiar. Araújo (2005) complementa sua afirmação com base no estudo de Garcia (1996), dizendo que: “No jornalismo, o *lead* ‘expressa exatamente a função das primeiras linhas do texto de jornal: guiar o leitor, atraí-lo, num processo bem próximo da sedução” (GARCIA, 1996, p.31 apud CLEMENTE, 2005, p.7). Clemente (2005) ainda resume o significado do *lead* afirmando que ele funciona como uma abertura de matéria e precisa constar no primeiro parágrafo do texto. O *lead* deve narrar, segundo ela, de forma resumida, o fato mais relevante da série de fatos que compõem a notícia.

Esses fatos relevantes que Clemente (2005) afirma que o *lead* precisa narrar em um texto jornalístico são narrados a partir das respostas de cinco perguntas, de acordo com o que explica Edvaldo Pereira Lima (2014).

Concluíram que, se pensado do ponto de vista do compromisso de transmitir a informação, todo acontecimento pode ser resumido aos elementos básicos *o que, quem, onde, quando e por quê*. Isto é, se descartamos o conteúdo subjetivo de qualquer ocorrência, podemos entender a parte objetiva por meio desses elementos. É uma solução pragmática, aplicável em qualquer caso (LIMA, 2014, p.36)

A origem do *lead* remonta à Guerra de Secessão dos Estados Unidos (1860-1865). O conflito também é um marco importante na história do Jornalismo, pois foi o primeiro onde houve uma intensa cobertura jornalística, como explica o autor Jorge Pedro Sousa, em sua obra *Uma breve história do jornalismo no ocidente* (2008).

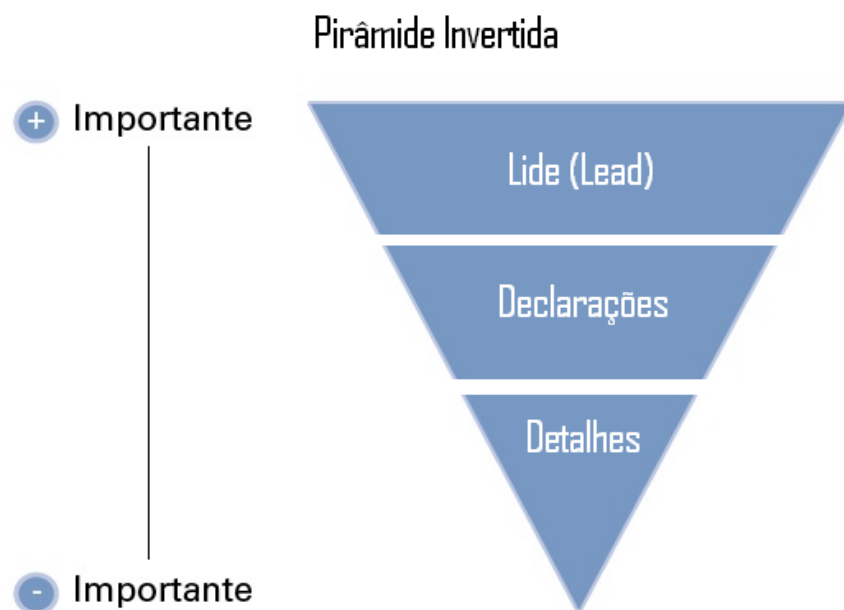
[...] a Guerra Civil Americana foi o primeiro conflito a ser massivamente coberto por centenas de jornalistas, alguns dos quais estrangeiros, devido ao interesse que o confronto gerou na Europa, em particular em Inglaterra, muito ligada às suas ex-colônias norte-americanas (SOUSA, 2008, p.116).

Sousa (2008) também explica que o surgimento do *lead* se deve a forma como as notícias eram transmitidas do *front*, pelos jornalistas, até seus respectivos

veículos de imprensa. Um dos principais aparelhos utilizados para a transmissão era o telégrafo.

A intensa utilização do telégrafo, em especial pelos jornalistas das agências noticiosas, terá tido a sua quota-parte de responsabilidade na sedimentação da técnica de redacção (sic) de notícias vulgarmente conhecida por “pirâmide invertida” (Schneider, 1999: 148), em que a informação mais importante surge no primeiro parágrafo (lead), sendo gradativamente colocada nos parágrafos seguintes a informação menos relevante, igualmente no sentido da mais importante para a menos importante (SOUSA, 2008, p.117).

Figura 3 - Pirâmide Invertida



Fonte: Agência Enlink

O *lead*, ainda conforme Sousa (2008), teve seu uso intensificado não só pela qualidade dos equipamentos de transmissão da época, mas também porque o telégrafo exigia um alto nível de investimento por parte dos veículos de comunicação e seu sinal era instável. “[...] o envio de informações por telégrafo era caro e nem sempre fiável, [...] os jornalistas se habituaram a ser factuais [...] e a dispor da informação no sentido da mais importante para a menos importante” (SOUSA, 2008, p.117-118).

No Brasil, o *lead* chegou somente cerca de 100 anos após a Guerra Civil Americana, como explica Clemente (2005, p.9). “[...] o lead chegou na década de 1950, importado das agências de notícias norte-americanas, numa época que [...]”

corresponde à consolidação do modelo industrial de produção da notícia”. Para a autora, essa também foi uma das causas do declínio do Jornalismo Literário no País (ver estudo sobre Jornalismo Literário Avançado no capítulo quatro desta pesquisa), assim como o surgimento do Jornalismo em seu modelo “informativo”. Clemente também destaca que esse estilo de *lead* da década de 1950 é chamado de *lead* clássico. Ele é ordenado segundo o princípio da precedência da notação mais interessante, constituído de um único período, ocupando de três a cinco linhas datilografadas. Além da forma clássica, existem outros tipos de aberturas (LAGE, 1979 apud CLEMENTE, 2005, p.10).

O conceito de *lead* clássico se assemelha à Pirâmide Invertida de Schneider (1999). Ambas as teses descrevem essa característica do Jornalismo Convencional como sendo uma técnica para descrever primeiro os pontos-chave de um texto jornalístico. Esse estilo de redação, importado dos Estados Unidos para o Brasil, foi adotado primeiro pelo *Diário Carioca*, periódico com sede no Rio de Janeiro (CLEMENTE, 2005, p.10). Clemente (2005) também afirma que o responsável por essa implementação foi o chefe de redação do *Diário* à época, Pompeu de Souza.

[...] comecei a fazer algumas modificações no Diário Carioca, objetivando um jornalismo mais dinâmico e mais moderno e menos nariz-de-cera [...]. Senti que o jornalismo brasileiro precisava ser radicalmente reformado e então resolvi fazer aquilo que os americanos faziam, e que no Brasil ainda não se conhecia (SOUZA, 1986 apud CLEMENTE, 2005, p.10).

A partir do pioneirismo de Pompeu de Souza e do *Diário Carioca*, outros veículos de comunicação aderiram ao modelo do *lead*, graças ao seu imediatismo - uma das características do Jornalismo Convencional, que será abordada adiante, ainda neste capítulo. Um desses veículos é o *Estado de S. Paulo - Estadão*, que, em seu Manual de Redação, deixa explícito o papel do *lead* nas publicações escritas para o jornal.

O *lead* é a abertura da matéria. Nos textos noticiosos, deve incluir, em duas ou três frases, as informações essenciais que transmitam ao leitor um resumo completo do fato. Precisa sempre responder às questões fundamentais do jornalismo: o que, quem, quando, onde, como e por quê. Uma ou outra dessas perguntas pode ser esclarecida no sublead, se as demais exigirem praticamente todo o espaço da abertura (ESTADÃO, 2022).

O *Estadão* também dá suas recomendações tanto em relação ao tamanho do *lead*: “Graficamente, recomenda-se que o *lead* tenha no máximo 4 a 5 linhas de 70 toques”, quanto o divide em diferentes grupos: objetividade, burocráticos,

repercussões e suítes, falta de informações, “humanos”, interpretados, intercalações, não-noticiosos, óbvio ou lugar comum e criatividade. (ESTADAO, 2022).

Há veículos, como os *Canais Globosat*, pertencentes ao *Grupo Globo*, dono da *Rede Globo de Televisão* e de outros vários veículos de imprensa no Brasil, que não possuem, em geral, um documento intitulado “manual de redação”. Contam, no entanto, com uma série de diretrizes chamadas de “Princípios Editoriais”. Nelas, ao contrário do que ocorre no *Estadão*, por exemplo, procura-se adotar uma posição mais “liberal” quanto ao uso do *lead*, cujo termo não é citado ao longo da publicação, disponível *online*. Há de se notar, no entanto, que alguns trechos parecem contrariar essa posição, como a seguir: “A informação tem de ser prestada no menor espaço de tempo da melhor maneira possível, eis a equação diante da qual os jornalistas se veem todos os dias” (EDITORIAIS, 2022). Além disso, outras passagens também reforçam a necessidade de o jornalista produzir com agilidade.

Portanto, é atributo fundamental da qualidade da informação jornalística ser produzida com rapidez. Se a História pode dispor de anos de trabalho para fazer aflorar a realidade, o jornalismo dispõe de algumas horas (no máximo, de alguns dias, se a publicação for semanal ou mensal). É a celeridade com que traça o primeiro retrato dos fatos que ao mesmo tempo dá utilidade à produção jornalística e justifica as suas lacunas. A notícia tem pressa (EDITORIAIS, 2022).

Se, conforme Clemente (2005), Souza (1986), Lage (1979), Sousa (2008) e Martins (2021), o princípio do *lead* é tornar o texto jornalístico mais dinâmico, focado em transmitir primeiro os fatos mais importantes e na sequência os menos importantes, exigir a máxima agilidade do jornalista é, também, exigir o uso do *lead* nas publicações.

Edvaldo Pereira Lima (2014), opta por utilizar o termo *sumário* ao invés de *lead*. O princípio do *sumário*, contudo, se assemelha a algumas das características próprias do *lead*. “No Jornalismo Convencional, o modo corriqueiro é o *sumário*. Como o nome sugere, trata-se de um resumo das coisas. É só uma pincelada nos elementos básicos do que tem para contar, de [...] maneira simplificada, indireta [...] impessoal” (LIMA, 2014, p.14). Lima (2014) expande ainda mais esta definição do *sumário*.

O objetivo é passar a informação básica, colocar ao seu alcance os elementos principais do acontecimento, de modo que tenha uma boa ideia do que ocorreu. Não é compromisso comunicar-lhe detalhes ou elementos complementares para ampliar sua assimilação do ocorrido. [...] O leitor é

informado do *esqueleto* do acontecimento, digamos assim. [...] É um modo bom para transmitir informação de uma forma ligeira, rápida, sem necessidade de aprofundar-se. Esse é o modo dominante no jornalismo (LIMA, 2014, p.14-15).

Ao contrário do *lead*, porém, o *sumário*, conforme Lima (2014), não informa ao leitor *como* determinado fato aconteceu, nem *por que*, dois pontos cruciais de serem adicionados. Já no caso do próprio *lead*, Lima (2014) também faz um resgate histórico sobre a popularização desse recurso no Jornalismo.

O *lide* resolveu um problema dos correspondentes de guerra, ganhando popularidade nos meios jornalísticos. Depois, caiu como uma luva na graça das agências de notícias e dos primeiros jornais de grandes tiragens nos grandes centros urbanos norte-americanos que precisavam conquistar a massa de novos habitantes de escolaridade precária e inglês deficiente. Passou a ser o mantra, o suprasumo da bandeira jornalística pelo texto simplificado e direto (LIMA, 2014, p.36).

Lima (2014) conclui dizendo que o *lead* se tornou um símbolo do Jornalismo Convencional, um método que tomou conta das redações e uma “ponta de lança da escola de prática do sumário”. (LIMA, 2014, p.36).

3.6.2 Imparcialidade

Por definição, o termo “imparcial”, de acordo com o dicionário *Michaelis* (2022) remete a algo de “caráter ou qualidade de imparcial, equanimidade, justiça, neutralidade”. Outros dicionários também colocam “isenção” como sinônimo ou definição de “imparcial”. A professora licenciada em Letras, Daniela Diana, em artigo publicado no *site Toda Matéria*, descreve a imparcialidade como característica fundamental da linguagem jornalística. Segundo ela: “A linguagem jornalística é em prosa e deve ser clara, simples, imparcial e objetiva de modo a expor para o emissor as informações mais relevantes sobre o tema” (MATERIA, 2022). Diana (2022) complementa sua afirmação relacionando a imparcialidade com o uso do *lead*, onde destaca que o Jornalismo deve responder, sempre, às seis perguntas (o quê, quem, como, quando, onde e por que).

Em tese, para um texto jornalístico ser considerado isento, imparcial ou neutro, basta que o jornalista que o está escrevendo, em momento algum, adicione sua opinião pessoal sobre o assunto. Sendo assim, a ausência de palavras como “acho”, “acredito”, “prefiro”, ou quaisquer outras nesse sentido, deveriam ser o suficiente para manter a imparcialidade da matéria. Há, no entanto, outro lado que

necessita de análise para que seja possível uma compreensão maior de imparcialidade.

Se considerarmos o estudo das teorias do Jornalismo, veremos que não é possível um jornalista ser totalmente imparcial. Em teorias como a do *espelho*, que preza pelo jornalista como um mediador desinteressado, ou a do *gatekeeper*, onde o jornalista é o “porteiro” que define quais notícias entram ou não em pauta no veículo onde atua, é necessário o jornalista julgar quais fatos são mais importantes. Dessa forma, é humanamente impossível, ao relatar um fato, o profissional atuar como uma figura desinteressada e imparcial.

O jornalista César Soares, em entrevista concedida ao *site Em Pauta, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)*, acredita na impossibilidade de o jornalista ser totalmente imparcial e não interferir em nada no relato dos fatos presentes na notícia. “Não só acredito, como existe, não digo uma interferência, mas uma aproximação ou identificação com a linha editorial (LE) estabelecida por determinado veículo de comunicação” (PAUTA, 2015). Soares (2015) também discorre sobre a neutralidade e isenção prezados pela grande mídia. Ele afirma que ambas as coisas são relativas e dependem de fatores como o momento-contexto em que a notícia está sendo dada, do tema e da linha editorial seguida pela empresa onde o jornalista trabalha.

O *site* governamental *Repórter Brasil*, em uma publicação feita em 2006, é outro que desconsidera a ideia de um Jornalismo imparcial.

No jornalismo, “imparcialidade” é um conceito muito anunciado, mas impossível de ser conseguido. Em suas peças publicitárias e mesmo em seu discurso editorial, a maioria das empresas jornalísticas se diz imparcial e neutra – mas os próprios manuais de redação indicam que a neutralidade total nunca será atingida (BRASIL, 2006).

Exemplos dessa neutralidade que não pode ser atingida são encontrados, como indica o texto do *Repórter Brasil*, em manuais de redação, códigos de conduta ou quaisquer outros materiais que estipulem as regras do veículo de comunicação. No chamado *Código de ética* do extinto *El País Brasil*, há um trecho onde o periódico destaca que seus jornalistas transmitem apenas os fatos, abstendo suas opiniões pessoais. “O que os jornalistas transmitem aos leitores são notícias comprovadas, se abstendo de incluir sua opinião pessoal. Há uma linha clara e distinta entre informação e opinião” (EL PAIS, 2022).

No texto dos *Princípios editoriais das organizações Globo* (2011), o conceito de Jornalismo é definido como uma atividade cujo propósito central é produzir um primeiro conhecimento sobre fatos e pessoas. Em sua primeira seção, o Grupo Globo descreve a isenção como o primeiro de seus “atributos da informação de qualidade”. Sobre o termo, o veículo salienta que:

Isenção é a palavra-chave em jornalismo. E tão problemática quanto “verdade”. Sem isenção, a informação fica enviesada, viciada, perde qualidade. Diante, porém, da pergunta eterna – é possível ter 100% de isenção? – a resposta é um simples não. Assim como a verdade é inexaurível, é impossível que alguém possa se despir totalmente do seu subjetivismo. Isso não quer dizer, contudo, que seja impossível atingir um grau bastante elevado de isenção. É possível, desde que haja um esforço consciente do veículo e de seus profissionais para que isso aconteça. E que certos princípios sejam seguidos (GLOBO, 2011, p.5).

Outros termos constantemente relacionados com o Jornalismo imparcial são “fatos” e a busca pela “verdade”. Siliana Dalla Costa, autora do artigo *Conceito de Verdade como Compromisso Ético Jornalístico* (2017), descreve o que é a “verdade” no Jornalismo. “A busca pela verdade, por ser um dos principais conceitos do jornalismo enquanto profissão, está intimamente ligada aos conceitos de objetividade e subjetividade”. (COSTA, 2017, p.1). A autora também comenta que a busca pela verdade jornalística, por vezes, significa o constante processo de averiguação dos fatos que estão sendo narrados.

A autora Liriam Sponholz, em seu artigo intitulado *O que é mesmo um fato? Conceitos e suas conseqüências para o jornalismo* (sic) (2009), explica, como pode ser visto na tabela abaixo, como podem ser entendidos os fatos e suas definições.

Tabela 1 - Fatos e suas definições		
Nível de Referência		
Realidade	Proposição sobre a Realidade	
Perspectiva ontológica	Perspectiva epistemológica	Perspectiva comunicativa
Dados crus. (Austin. 1961; Walsh. 1943)	Proposição verdadeira. (Walsh. 1943)	Tipo de ato da fala ou declaração, ao qual o processo de argumentação não se aplica. (Kuhlmann, 1999)
Recorte da realidade. Perspectiva de um evento. Objeto de uma proposição. (Langer. 1933)	Proposição considerada verdadeira. (Walsh. 1943)	Oposto de juízo de valor. (Walsh. 1943)

Tabela 2: Fatos e suas definições. Liriam Sponholz

Um texto imparcial, portanto, conforme determinam os veículos que praticam o Jornalismo Convencional, precisa ser isento de juízos de valor/julgamentos por parte do jornalista. Além disso, o profissional deve apenas relatar os fatos, devidamente averiguados, utilizando o *lead* como recurso. O uso da Pirâmide Invertida (*lead*), lembrando, determina que, em um texto jornalístico, primeiro devem constar as informações mais relevantes e as menos relevantes vêm na sequência.

3.6.3 Superficialidade

Se usa o *lead* e necessita ser imparcial, conseqüentemente, não há espaço para profundidade no Jornalismo Convencional. A superficialidade, termo que também se adequa a esta característica, é vista como algo a ser combatido, como salienta a publicação feita no site do *Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC)* (2005), citando a violência como assunto-exemplo. “[...] na cobertura da violência, o jornalismo brasileiro avançou muito nos últimos anos, abandonando a longa tradição de sensacionalismo, e agora tem outro grande obstáculo a superar: a superficialidade” (NPC, 2005).

O NPC, à época, fez uso de uma pesquisa até então pioneira, realizada pelo *Centro de Estudos da Segurança e Cidadania*, coordenada pela pesquisadora Silvia

Ramos e pela jornalista Anabela Paiva. Foram analisados, segundo a publicação, mais de dois mil textos jornalísticos escritos sobre violência e criminalidade, por veículos com sede em diferentes regiões do Brasil.

O trabalho, coordenado pela pesquisadora Sílvia Ramos e pela jornalista Anabela Paiva, analisou minuciosamente 2.514 textos sobre violência e criminalidade durante 5 meses em 2004 em três jornais cariocas (O Globo, O Dia e JB), três paulistanos (Folha, Estadão e Agora SP) e três mineiros (Estado de Minas, Diário da Tarde e Hoje em Dia) para decifrar as tendências da cobertura através da análise quantitativa. Os resultados não deixam dúvidas: os jornais paulistanos dedicam um espaço enorme à violência no Rio. A recíproca não é verdadeira. A diferença é de quase dez vezes (NPC, 2022).

No Jornalismo esportivo, muito popular no Brasil, também há o destaque para a superficialidade das publicações. Desta vez, trazendo como assunto-exemplo os casos de racismo no futebol, o *site* de notícias *Ludo Pédio* afirma, em uma publicação escrita por Emerson Esteves, que “o jornalismo esportivo ainda trata o racismo no futebol com superficialidade” (ESTEVES, 2020). O autor também relata que, para chegar a esta conclusão, fez um estudo de análise de matérias esportivas sobre o tema, publicadas entre 2016 e 2018.

De acordo com Esteves, de 12 matérias analisadas, seis (50%) não entrevistaram os envolvidos nos casos de suspeita de racismo. Partindo disso, é possível destacar que, segundo o autor, a falta de profundidade foi tamanha que, sequer, a vítima e/ou o acusado foram ouvidos. Em contrapartida, Esteves destaca que, em todos os seis textos, foi coletado o depoimento de um jurista, que contextualizou o tema “racismo na sociedade”. É válido ressaltar que a opinião do jurista se enquadra dentro da teoria dos definidores primários.

Fabiana Reinholz, em publicação feita no *Observatório da Imprensa* (2007), destaca a revista *Pobres e Nojentas* que, de acordo com Reinholz, tem o intuito de ser um contraponto à superficialidade do Jornalismo em seu estilo “coluna social”. A *Pobres e Nojentas*, como destaca a autora, dá voz para os que vivem “à margem da grande mídia e dos *flashes*” - importante destacar que em 2007 as redes sociais ainda não eram populares e difundidas como são atualmente.

Débora Cristina Lopes e Ivo José Dittrich, em seu artigo intitulado *A superficialidade nas reportagens apresentadas pelo Jornal Hoje: uma abordagem ducrotiana do telejornalismo brasileiro* (2005), ressaltam que “muitas vezes, a informação repleta de exigências de pressupostos e subentendidos faz com que a transmissão de um fato jornalístico acabe transmutando-se em informação [...]”

superficial” (LOPES; DITTRICH, 2005, p.6). Como exemplo de superficialidade e de como ela pode dificultar o entendimento, neste caso, do espectador, os autores analisaram uma série de reportagens do *Jornal Hoje*, como a do assunto-exemplo abaixo, que denominam como R1 (Reportagem 1).

Em R1, para que o receptor possa compreender a totalidade das informações, é necessário que tenha, como mínimo, acompanhado as informações anteriores referentes a este tema. (a) “Já estão de volta ao Brasil os pernambucanos que foram à África do Sul vender os rins”. Ao apresentar este trecho como abertura da nota, o jornalista o estrutura como se o receptor já tivesse conhecimento dos desdobramentos anteriores da situação. Para que, de imediato, o interlocutor compreenda corretamente o enunciado, e saiba a que fato ele se refere em seu rol de informações de conhecimento de mundo, é necessário que tenha um bom contexto social. Caso contrário, o enunciado pode ser compreendido erroneamente, por exemplo, quando o texto se refere a vender os rins, a ambigüidade (sic) no discurso pode levar a duas interpretações: 1) os pernambucanos foram vender seus próprios rins; 2) os pernambucanos foram vender rins de terceiros, agindo como intermediadores em um processo de comercialização ilegal (LOPES; DITTRICH, 2005, p.6).

Washington Araújo, também em publicação no *Observatório da Imprensa*, intitulada *O primado da superficialidade* (2011), salienta que a falta de profundidade das notícias pode ter relação com a lógica capitalista de ver o Jornalismo como um produto de consumo. Para ele, a agilidade com que os fatos precisam ser transmitidos - como será aprofundado no subcapítulo seguinte -, faz com que as notícias se tornem superficiais.

Tudo precisa ser feito de imediato e mesmo a notícia necessita ser atualizada a cada instante, algo concebível no mundo virtual. Mas não é de hoje que estamos às voltas com notícias mal-apuradas, notícias que não preenchem requisitos mínimos de qualidade e que – passou a ser corriqueiro – parecem inteiramente divorciadas da verdade: na falta atualizações (sic), estas passam a ser inventadas (ARAUJO, 2011).

Araújo (2011) utiliza outro termo que remete ao Jornalismo Convencional, o Jornalismo instantâneo. “O jornalismo instantâneo é geralmente recheado por temas desimportantes, quando não por frivolidades em pencas. É o artificialismo em transe” (ARAUJO, 2011). O autor segue seu raciocínio afirmando que o Jornalismo, já em 2011, vinha tornando-se cada vez mais raso. Para ele, o bom Jornalismo, fundamentado e pesquisado, tende a ceder um espaço maior ao mau Jornalismo, que classifica como frívolo.

Sobre Jornalismo instantâneo, e trazendo para um contexto atual, do webjornalismo, a então mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC Minas, Carolina Lopes Marques (2020), destaca que

“com o jornalismo digital cada vez mais pautado pelo imediatismo, os acontecimentos se tornam ultrapassados e obsoletos de forma rápida” (MARQUES, 2020).

Outro fator que contribui para a superficialidade da matéria jornalística é a exigência por publicações cada vez mais rápidas. Essa pressão faz com que haja uma falta de profundidade nas notícias e, conseqüentemente, precariza a transmissão da informação para os leitores-ouvintes-espectadores.

3.6.4 Agilidade para transmitir informações

Fechando as quatro características principais do Jornalismo Convencional, há a agilidade para transmitir informações. Esta característica, vale lembrar, é potencializada no Jornalismo digital. O texto *Agilidade é essencial na comunicação* (2014), publicado no site *Publish News*, reforça o conceito de imediatismo presente nas publicações. “O jornalismo está vinculado à atualidade e, por isso mesmo, nem sempre pode esperar” (NEWS, 2014). Sthael Samara (2013), em um artigo publicado no *Observatório da Imprensa*, também aborda a questão da velocidade da informação, dando destaque para as questões éticas envolvidas, de acordo com a opinião do jornalista inglês, James Dart.

Para o jornalista inglês James Dart, do *The Guardian*, as questões éticas são um problema sério no jornalismo esportivo contemporâneo. Durante o Seminário Internacional de Jornalismo Esportivo, Indústria e Sociedade, promovido pelo Instituto Projor/*Observatório da Imprensa* nos dias 7 e 8 de maio, em Brasília (DF), ele indicou que questões relacionadas a anunciantes, patrocinadores e fontes e a velocidade exigida pelo mercado atual são os principais fatores atrelados a conflitos éticos na profissão (SAMARA, 2013).

Aleff Lima (2019) é outro autor que concorda com a agilidade para transmitir informações presente no Jornalismo Convencional. Lima acredita que essa necessidade de rapidez na produção jornalística é causada pela velocidade com que as informações circulam, tornando tudo mais instantâneo. “Se antes o jornalista pautava, apurava e produzia sua matéria. Hoje, com a velocidade de informações circulando, tudo ficou mais corrido, prejudicando muitas vezes a qualidade da apuração de uma notícia” (LIMA, 2019).

O mesmo Lima (2019) explica que a pressa faz com que os critérios de noticiabilidade não sejam levados em consideração. Além disso, coloca as redes

sociais como ferramentas que facilitam a prática do Jornalismo por quem não é, de fato, jornalista.

Atualmente, podemos observar um fenômeno causado pelo surgimento das mídias sociais. *Facebook, YouTube, Twitter, Instagram*, entre tantas outras redes sociais que possibilitaram a produção e a divulgação de conteúdo jornalístico por quem não é necessariamente jornalista. A informação é passada, mas muitas vezes sem a devida apuração ou sem respeitar critérios de noticiabilidade que norteiam a boa prática da profissão (LIMA, 2019).

Uma prova de que as notícias publicadas com pressa e, por consequência, muitas vezes sem um trabalho aprofundado de apuração, prejudicam o Jornalismo é o aumento no número de *fake news* que circulam na mídia. De acordo com publicação da *Agência Brasil* (2018), notícias falsas são 70% mais divulgadas que as verdadeiras. Elas se espalham em uma velocidade alta na *internet*. A afirmação é baseada em uma pesquisa realizada pelo tradicional *Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT)*.

Os pesquisadores Soroush Vosoughi, Deb Roy e Sinan Aral analisaram 126 mil mensagens (não apenas notícias jornalísticas) divulgadas na rede social Twitter entre 2006 e 2017. No total, 3 milhões de pessoas publicaram ou compartilharam essas histórias 4,5 milhões de vezes. O caráter verdadeiro ou falso dos conteúdos foi definido a partir de análises realizadas por seis instituições profissionais de checagem de fatos (BRASIL, 2018).

Ainda de acordo com a pesquisa do MIT, as principais *fake news* analisadas pelo estudo tiveram uma proporção de disseminação oito vezes maior que as verdadeiras. Ou seja, seu alcance é muito maior. Os pesquisadores estimam que enquanto os conteúdos verdadeiros atingem uma média de mil pessoas, os falsos chegam às telas de cem mil pessoas. Há, no entanto, quem credite a agilidade na produção do Jornalismo Convencional à necessidade dos veículos de se adaptar ao “novo leitor”, que está mais exigente e participativo, como explica a autora Marina Diana (2016).

A produção digital de um veículo jornalístico é, via de regra, baseado (sic) em quatro pilares: furos jornalísticos, diversidade de conteúdos relacionados, colunistas e produção multimídia. O leque de “opções”, se assim podemos chamar essa variedade, se deve em função do leitor atual, diferente daquele antes do advento da Internet, ser mais exigente e, claro, participativo (DIANA, 2016).

Outro exemplo de que existe a pressão dos veículos de imprensa por um Jornalismo Convencional ágil na divulgação de notícias pode ser extraído de uma publicação no *site da Universidade Metodista de São Paulo* (2022). No texto, há a

afirmação, referindo-se ao digital, de que ele deu agilidade ao Jornalismo, mas também estimulou o aumento das *fake news*. “A tecnologia facilitou a produção e difusão da informação, mas trouxe particularmente ao jornalista adversidades como abundância das chamadas *fake news* e desrespeito à regulamentação da profissão” (METODISTA, 2022).

O objetivismo também é uma característica do Jornalismo Convencional. Esta, no entanto, não será abordada neste capítulo, pois o autor crê que ele já está inserido na descrição das outras quatro características. Um texto que faz uso do *lead*, busca ser imparcial, é superficial e foca na agilidade em transmitir as informações já está, mesmo que de forma subjetiva, dando a entender que foca em publicar notícias com o máximo de objetividade possível.

3.7 RELEMBRANDO

O objetivo do terceiro capítulo desta pesquisa foi apresentar ao leitor uma contextualização histórica do Jornalismo Convencional, a partir de um breve panorama mundial, citando a criação das *actas diurnas* e da prensa de Gutenberg, e de um aprofundamento da história do Jornalismo impresso e do *webjornalismo* no Brasil. Para isso, houve o estudo das quatro diferentes fases do Jornalismo brasileiro, desde a sua chegada e criação do primeiro veículo de imprensa nacional, até o advento da *Internet* e do Jornalismo digital.

Na sequência, há a conceitualização dos elementos básicos para o “fazer jornalístico”, que, entre outros aspectos, implicam em liberdade e autonomia para o profissional jornalista exercer sua função. Essa conceitualização é a “porta de entrada” para o estudo das definições do Jornalismo Convencional e das teorias do Jornalismo. A partir dessas explicações, foi feita a listagem e o aprofundamento das quatro principais características do Jornalismo Convencional: *lead*; imparcialidade; superficialidade; agilidade para transmitir as informações.

No capítulo quatro desta pesquisa, há o estudo aprofundado sobre o Jornalismo Literário Avançado. Desde a sua contextualização histórica, seguindo o exemplo de contextualização deste capítulo, até chegar em suas características e como identificá-las em uma publicação jornalística.

4 JORNALISMO LITERÁRIO AVANÇADO

União entre Jornalismo e Literatura, o Jornalismo Literário Avançado (JLA) cumpre o papel de informar - característica fundamental do Jornalismo -, mas com um requinte literário que permite um aprofundamento da matéria, como explica Angélica Fabiane Weise (2013).

O jornalismo é fato da realidade. A literatura, da realidade somada à ficção. O jornalismo literário, logo, é uma miscelânea de ambos. Cumpre a missão de informar, preservando a essência jornalística, porém com ganho em vocabulário, estrutura narrativa e aprofundamento de conteúdo. Esse trinômio alicerça e ornamenta o texto que é levado ao leitor. E o jornalismo, enquanto retrato fiel da realidade inspira a literatura, esta, em escala menor, também acresce ao mesmo (WEISE, 2013).

Edvaldo Pereira Lima (2014) complementa a fala de Weise (2013) explicando que nesse âmbito é onde o Jornalismo Literário prospera. Procura transcender o nível convencional-informativo, ambicionando textos de maior profundidade, focando não apenas nos fatos, mas nos personagens. “Realiza esse propósito almejando maestria narrativa. Por isso literário. Por isso cativa o coração e a mente de autores de talento. E de leitores que se encantam com bons textos da vida real.” (LIMA, 2014, p.10).

Conforme Marília Alves da Rosa (2019), o Jornalismo Literário é compreendido através de três categorias.

A primeira delas está relacionada às ferramentas e técnicas que fogem dos modelos convencionais de produzir jornalismo, como por exemplo, a maneira de “captação da realidade” e a interação do jornalista como autor/repórter mergulhado no universo da sua pauta; [...] A segunda categoria diz respeito ao Jornalismo Literário caracterizado pelo seu estilo próprio e voz autoral. [...] No Jornalismo Literário, existe a valorização da individualidade de estilo, personalidade narrativa do autor, bem como sua maneira de reportar o real; a maior diferenciação do Literário para o tradicional é a liberdade e a forma do autor interagir com os personagens da narrativa. A terceira e última categoria proposta por Lima (2009), refere-se à compreensão de mundo sobre o que é revelado intrinsecamente na narrativa (ROSA, 2019, p.44-45).

Rosa (2019) também destaca as dificuldades do repórter em conseguir contar a história de um personagem “comum” de maneira aprofundada, sem esquecer de despertar o interesse da sociedade. “[...] nem sempre é fácil transformar em narrativas jornalísticas a história de uma pessoa comum, pois ao mesmo tempo precisa alcançar também o interesse da sociedade” (ROSA, 2019, p.45). Ainda de

acordo com a autora, é em momentos assim que o jornalista precisa ter seu senso de percepção da realidade aguçado.

Rosa (2019) também vai ao encontro do que afirma Lima (2014) sobre a percepção do real por parte do Jornalismo Literário e, conseqüentemente, do jornalista. “O jornalista literário é prisioneiro da realidade. Só pode trabalhar com elementos que ela lhe entrega em mãos”. (LIMA, 2014, p.17). Lima explica sua frase afirmando que o jornalista literário precisa, em primeiro lugar, se ater aos fatos.

Se chove todos os dias em Belém do Pará após o almoço, no verão, mas naquele dia em que chegou à cidade para fazer uma reportagem sobre os barcos que partem da cidade para a ilha de Marajó, nada aconteceu, o repórter não pode inventar. Não pode dizer que o mal tempo sobre a baía do Guajará fez com que dona Maria Quitéria, mãe de três filhos, recolhesse da rua sua banca de açaí e tapioca às 13h30, torcendo para que o sol voltasse a tempo de ainda completar as vendas do dia com os passageiros que embarcam após o expediente de trabalho, no fim da tarde (LIMA, 2014, p.17-18).

Há pequenas diferenças entre Jornalismo Literário e Jornalismo Literário Avançado - JLA, por mais que não sejam tão latentes. O JLA é um teoria brasileira, proposta por Edvaldo Pereira Lima em sua tese de doutorado em 1990 e tem como grande expoente a chamada Grande Reportagem. O Jornalismo Literário, importado dos Estados Unidos por volta de 1920, também valoriza a presença do “sentimento” no texto. O JLA, contudo, também tem como foco o livro-reportagem - que será abordado posteriormente, ainda neste capítulo.

Para que seja possível compreender o que é, de fato, o Jornalismo Literário Avançado em todas as suas vertentes, é necessária uma contextualização histórica sobre esse movimento iniciado com o *New Journalism* e como ele evoluiu ao longo das décadas até chegar no que é hoje.

4.1 VIAGEM AO PASSADO

Não há um consenso entre pesquisadores sobre uma definição exata do que é Jornalismo Literário, ao menos é o que explica Monica Martinez (2017), em um trecho de seu trabalho intitulado *Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas*. “Aparentemente, até agora todas as tentativas de definição sobre Jornalismo Literário redundaram em fracasso” (CASTRO, 2010 apud MARTINEZ, 2017, p.25).

Martinez (2017) destaca que nem mesmo o nome Jornalismo Literário é uma unanimidade entre os pesquisadores. Segundo ela, há quem reconheça o estilo como Jornalismo Narrativo, Literatura da Realidade, Literatura Criativa de Não Ficção, entre outros. Felipe Pena (2006) também concorda com a dificuldade de definir a prática jornalística literária. “Afinal, o que é jornalismo literário? Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo” (PENA, 2005, p.6). Para o autor, Jornalismo Literário, no entanto, pode ser visto como algo que potencializa os recursos do Jornalismo. Além disso, faz com que certos limites sejam ultrapassados, como é o caso dos acontecimentos cotidianos.

Pena (2006) acredita que uma das principais funções do Jornalismo Literário é proporcionar visões amplas da realidade. Exercer plenamente a cidadania e romper o que chama de “barreiras burocráticas” do *lead*. Ou seja, pode ser visto tanto como uma evolução do Jornalismo Convencional quanto um modelo igual em termos de importância, mas que aborda os temas com maior sensibilidade, seja quais forem. Pena (2006) também destaca que o Jornalismo Literário busca evitar os definidores primários, se desvencilha das figuras de autoridade, a fim de “garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar peixe na feira” (PENA, 2006, p.6). Antes de culminar no movimento conhecido como *New Journalism*, ainda nos séculos XVIII e XIX, com maior presença na Europa, já havia a presença de escritores de literatura em veículos de imprensa, como Alexandre Dumas, Eugène Sue e Xavier de Montépin, na França, e Machado de Assis, José de Alencar e Euclides da Cunha, no Brasil.

O *New Journalism* - Novo Jornalismo, em tradução literal -, surgiu por volta da década de 1960, nos Estados Unidos. O movimento teve como expoentes muitos jornalistas da época, tendo sido mais influentes Tom Wolfe (1930 -2018), Truman Capote (1924 -1984), Gay Talese (1932 - atual) e Norman Mailer (1923 - 2007). O intuito do *New Journalism* era somar ao Jornalismo estadunidense características literárias, junto da tradicional superficialidade das notícias, narrando, assim, o conteúdo de forma mais profunda e pessoal, como explica uma publicação no *site Capital News* (2022).

Há, porém, quem acredita que o *New Journalism* foi criado muito antes, ainda no século XIX, conforme explica Pena (2006). “Segundo o professor Carlos Rogé, o

termo Novo Jornalismo apareceu pela primeira vez em 1887, mas foi usado de forma jocosa para desqualificar o britânico WT Stead, editor da *Pall Mall Gazette*” (PENA, 2006, p.53). Pena (2006), descreve Stead como um jornalista engajado com causas sociais, recriando uma atmosfera de entrevistas nos textos que produzia, também participando, como narrador-personagem, de suas próprias matérias. Por isso é que Stead recebeu de seus colegas à época o apelido de “novo jornalista”, cujo sentido, de acordo com Pena (2006), era desfazer de sua inteligência. Uma definição diferente da americana, mas também presente em um contexto histórico.

Já sobre o *New Journalism* estadunidense, Raphaella Gomes de Lima, também referenciada nesta pesquisa como “Lima”, em seu TCC intitulado *O New Journalism: Análise das produções do gênero jornalístico* (2016) explica que o nascimento do estilo também teve influências políticas, muito fortes no período após a Segunda Guerra Mundial.

Logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo foi dividido em dois grandes blocos políticos-ideológicos, Capitalismo versus Socialismo, Estados Unidos versus União Soviética. Com isso, deu-se o início da corrida armamentista e, no caso dos EUA, a produção em massa de bens de consumo, a fim de mostrar ao mundo as diferenças na qualidade de vida que só o capitalismo era capaz de proporcionar. Começava aí o tão difundido, principalmente nos anos 1950, American Way of Life (LIMA, 2016, p.15).

Gomes de Lima (2016) também comenta que enquanto a cultura do consumismo era instalada na sociedade, por volta da década de 1950 começaram a surgir os movimentos contrários aos padrões da época. Segundo Gomes de Lima (2016), esse movimento de contracultura atingiu seu ápice na década seguinte, de 1960. A autora comenta que os *hippies* lutavam contra o chamado “materialismo exacerbado” (LIMA, 2016, p.16) enquanto se recusavam a lutar na Guerra do Vietnã. Também à época, Lima destaca que o Jornalismo encontrava-se saindo de um período de inércia, onde noticiava as matérias de maneira rasa, sem qualquer profundidade.

Durante os anos 1960, nos Estados Unidos, Gomes de Lima (2016) diz que o Jornalismo começou a mudar de forma e, conseqüentemente, a maneira atual de ver as notícias foi sendo deixada para trás. Algo que esteve bastante presente na cultura americana por anos. “[...] dá-se início ao desprendimento do jornalismo objetivo, em forma de pirâmide invertida, que foi pensado durante a Segunda Grande Guerra, como forma de enviar toda a informação necessária em um curto

período de tempo” (LIMA, 2016, p.16). A autora destaca que, a partir desse momento, surge o *New Journalism* nos Estados Unidos.

Após anos ignorando o que estava acontecendo nos Estados Unidos dos anos 60, a imprensa também começou seu movimento de contracultura. Lançando mão dos meios tradicionais de fazer notícia, alguns jornalistas começaram a unir a literatura com o jornalismo (LIMA, 2016, p.16).

Gomes de Lima (2016) segue sua explicação afirmando que o movimento do Novo Jornalismo não ganhou a aderência de grande parte dos profissionais da época, que se mantinham relutantes quanto a unir Jornalismo e Literatura em um mesmo contexto, utilizando ambos para a produção de notícias. Isso, de acordo com a autora, refletiu também nas redações dos veículos, divididas em dois principais grupos. O primeiro grupo era composto pelos jornalistas apegados ao modelo tradicional, convencional. Esses, noticiavam apenas os fatos, continuando sem dar aprofundamento aos textos e relatando tudo de forma superficial. O segundo grupo era composto pelos profissionais que demonstravam interesse em ir além. Eram jornalistas responsáveis por aprofundar as notícias o máximo possível, proporcionando ao leitor uma experiência imersiva de leitura.

A “veia jornalística”, no entanto, não podia ser perdida. Isso porque, segundo Edvaldo Pereira Lima (2014): “[...] na raiz do jornalismo, seja qual for sua vertente, tem um compromisso com a verdade” (LIMA, 2014, p.51). Os jornalistas, portanto, seguiram escrevendo sobre fatos do cotidiano, porém, de maneira mais literária e aprofundada, como explica Raphaella Gomes de Lima (2016).

O *New Journalism* mudou a forma como se escrevia textos de cunho informativo, porém, não mudou o fato de que os jornalistas escreviam sobre episódios que realmente tinham acontecido, apesar do tom mais dramático dado às matérias, a essência da história não era ficção. Talese afirma no prefácio do seu livro *Aos olhos da multidão* que a verdade deve prevalecer mesmo nas páginas dos livros. O *New Journalism*, embora possa ser lido como ficção, não é ficção. É, ou deveria ser, tão verídico como a mais exata das reportagens, embora buscando uma verdade mais ampla que a possível, através da mera compilação de fatos comprováveis (TALESE apud LIMA, 2016, p. 16-17).

Edvaldo Pereira Lima, em texto publicado no *Caderno da Comunicação*, da Prefeitura do Rio de Janeiro (2003), explica que o *New Journalism* e sua exuberância de narrativa marcaram época no jornalismo estadunidense. Conforme Lima (2003), o Jornalismo Literário foi o combustível necessário para acender corações e mentes de profissionais, motivando-os a produzir matérias de profundidade, com cada repórter mergulhando dentro de uma nova realidade

sempre que escrevia uma nova história. Lima (2003) faz uma comparação entre as diferenças do Jornalismo Literário para a sua prática tradicional, o Jornalismo Convencional. “Trata-se, esta, de um modo de captação, apuração e expressão da realidade, regido por princípios muito bem demarcados, que deixam pouca margem de autonomia para os repórteres” - referindo-se ao Jornalismo Convencional (LIMA, 2003, p.9).

Em seu texto para o *Caderno*, Lima (2003) salienta outros aspectos próprios do Jornalismo Literário, adquiridos historicamente a partir da proposta desenhada pelo *New Journalism*.

Busca expressar a realidade contando histórias, na maioria das vezes com um foco centrado fortemente nas pessoas de carne e osso que dão vida aos acontecimentos. Espera-se, do narrador, uma voz própria, um estilo individualizado de condução do texto (LIMA, 2003, p.10).

A inspiração para a criação do Novo Jornalismo veio de renomados autores da literatura mundial, como explica Lima (2003). Conforme o autor, foram escritores do século XIX, principalmente os nomes mais famosos do chamado “realismo social”, que inspiraram a utilização de técnicas narrativas literárias dentro do Jornalismo. Entre esses autores estava Charles Dickens (1812-1870) e o francês Honoré de Balzac (1799-1850). Lima (2003) também ressalta que o *New Journalism* surgiu em uma época onde o estilo literário já havia sido bastante difundido em outras partes do mundo, especialmente na Europa de Dickens e Balzac.

Quando os novos jornalistas americanos surgiram, o jornalismo literário já havia conquistado espaço considerável ao longo das décadas anteriores, testando as técnicas literárias transplantadas para o jornalismo que, através da produção de gente de prestígio como A. J. Liebling, Joseph Mitchell, Lillian Ross, Ernest Hemingway, Gay Talese e seus contemporâneos dos anos 60 e 70, aperfeiçoaram essas técnicas, assim como inovaram com a introdução de pelo menos duas novas. Tom Wolfe trouxe para o jornalismo a técnica do fluxo de consciência – que fora introduzida na literatura de ficção por James Joyce, em seu trabalho *Ulisses* –, enquanto Norman Mailer criou a técnica do ponto de vista autobiográfico em terceira pessoa (LIMA, 2003, p.12).

O movimento norteamericano, como vimos no capítulo anterior, também inspirou o Jornalismo brasileiro, que se desprende do estilo europeu e começou a adotar um estilo mais “americanizado”. Sobre isso, Lima (2003) afirma que muitos autores nacionais, como Érico Veríssimo e Graciliano Ramos, foram impactados pelo estilo e se tornaram escritores-jornalistas do realismo social.

O Jornalismo Literário, no entanto, chegou ao Brasil muitos anos antes do nascimento do *New Journalism*, por volta de 1840, quando também começa a existir um movimento maior em prol de uma sociedade alfabetizada, conforme explica Mariana Couto Gonçalves (2013). “Só por volta de 1840 o Brasil do Rio de Janeiro, sede da monarquia, passa a exibir alguns dos traços necessários para a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora” (LAJOLO & ZIBERMAN, 1998, p.18 apud GONÇALVES, 2013, p.8). O estilo adotado nas redações e pelos profissionais, entretanto, era o Jornalismo Literário europeu, como visto anteriormente.

O manifesto do *New Journalism* foi escrito, oficialmente, apenas em 1973, por Tom Wolfe, como afirma Pena (2006). O mesmo Pena (2006) destaca que muitos historiadores do gênero colocam Daniel Defoe como o primeiro jornalista literário moderno. A definição de modernidade, aqui, dentro do Jornalismo, segue a definição dada por Marcondes Filho, citada por Pena.

Ciro Marcondes Filho, no livro *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos*, traça um quadro evolutivo de cinco épocas distintas: Pré-história do Jornalismo: de 1631 a 1789 [...] forma semelhante ao livro. [...] Primeiro Jornalismo: 1789 a 1830. [...] conteúdo literário e político, com texto crítico. [...] Segundo Jornalismo: 1830 a 1900. [...] imprensa de massa, marca o início da profissionalização de jornalistas. [...] Terceiro Jornalismo: 1900 a 1960. [...] imprensa monopolista, marcada por grandes tiragens, influências das relações públicas [...] Quarto Jornalismo: 1960 em diante. [...] informação eletrônica e interativa, com ampla utilização da tecnologia (MARCONDES FILHO, 2000 apud PENA, 2006, p.29).

Pena (2006) afirma que a insatisfação de muitos jornalistas com as regras de objetividade do texto presentes nas redações foi um dos principais gatilhos para o surgimento do Novo Jornalismo. O autor também destaca que a ideia básica desse movimento era todas as características do Jornalismo Convencional, especialmente o uso do *lead* nas matérias. O subjetivismo tomou espaço e os profissionais se libertaram da pressão imposta pelos manuais de redação. Pena (2006) também explica quais são os quatro recursos básicos do Novo Jornalismo: reconstruir a história cena a cena; registrar diálogos completos; apresentar as cenas pelo ponto de vista de diferentes personagens; e registrar os hábitos e outras características que servissem para personificar o entrevistado para o leitor.

O *New Journalism* também proporcionou a criação de um estilo derivado, mas considerado muito mais “rebelde”: o Jornalismo Gonzo. Segundo Marcelo Pimenta e Silva (2009), o *Gonzo Journalism* foi um estilo difundido pelo americano Hunter Thompson e uma de suas principais características é ser contracultural. No

Gonzo, o jornalista tem liberdade para escrever a partir de uma abordagem pessoal sobre o fato descrito, se fazendo valer de humor e ironia durante a narração. Pena (2006) explica que o Jornalismo Gonzo é uma versão mais radical do *New Journalism*. Pena (2006) também destaca os meios que Thompson acreditava serem necessários para a prática do estilo Gonzo. “Hunter defendia a noção de que era preciso provocar o entrevistado para que a reportagem rendesse. Ele recomendava que o jornalista respirasse fundo [...] e xingasse o interlocutor” (PENA, 2006, p.57).

Os tempos passaram e o Jornalismo Literário foi perdendo um pouco de seu espaço nos veículos de comunicação. Autores como Pena (2006) e Lima (2003) acreditam que isso ocorreu por causa do Quarto Jornalismo e do uso da tecnologia na imprensa, o que, como vimos anteriormente, impulsionou um Jornalismo feito “com pressa”. Por conta disso, o *lead* voltou a ganhar força e se tornar altamente recomendado pelos manuais de redação da grande mídia. O Jornalismo Literário, no entanto, não morreu com o Novo Jornalismo americano, como afirma Lima (2003).

Seria equívoco imaginar que o jornalismo literário morreu com o new journalism, cuja efervescência, infelizmente, minguou-se há muito. Apesar da diminuição do espaço para a grande reportagem na maioria dos periódicos – um fenômeno presente em muitos países –, a versão século XXI do jornalismo literário continua viva e pulsante em alguns jornais, revistas e, principalmente, no livro-reportagem (LIMA, 2003, p.89).

O Jornalismo Literário Avançado, desenvolvido pelo professor Edvaldo Pereira Lima, também se mantém “vivo” por meio de recursos como o Jornalismo de perfil e o livro-reportagem. Sua definição, porém, vai além disso, como explicado a seguir.

4.1.1 Afinal: o que é Jornalismo Literário Avançado?

Lima (2003) define o Jornalismo Literário Avançado como uma proposta experimental renovadora do Jornalismo Literário. De acordo com o autor, o JLA agrega aos procedimentos de captação e redação do Jornalismo Literário “tradicional” o conhecimento transdisciplinar, próprio para a abordagem de temas mais complexos. Temas onde o jornalista precisa ter uma visão de mundo integradora, contextual e sistêmica. Lima (2003) cita as questões ecológicas como exemplo, lembrando um texto presente no livro *Econautas: Ecologia e Jornalismo Literário Avançado* (1996).

Denis Russo Burgierman, em sua matéria “Trilha”, preparada para o livro-reportagem coletivo *Econautas: Ecologia e jornalismo literário avançado*, enfrenta o desafio de abordar o tema da educação ambiental. Conduz o texto com mestria, transitando-o pela narrativa de uma aula em plena mata, que ele acompanha, e pela exposição de conteúdos conceituais esclarecedores (LIMA, 2003, p.91-92).

Lima (2003) também afirma que o propósito do Jornalismo Literário Avançado, se tratando da reportagem contextualizada, é o de sempre lançar uma luz sobre o mundo. Dessa forma, ajudando o leitor a compreendê-lo e descobrir algum significado, para a sua vida, sobre o tema que está sendo debatido.

A entrevista no Jornalismo Literário Avançado também possui uma característica própria. Conforme Pedro Celso Campos (2004), em matéria intitulada *A entrevista no Jornalismo Literário Avançado*, publicada no *Observatório da Imprensa*, entre as definições de “entrevista”, uma que se destaca é “diálogo”. Na lógica do JLA, a entrevista é comumente encontrada dentro da Grande Reportagem, forma de expressão mais marcante do gênero, junto do livro-reportagem e das reportagens de perfil. Outra diferença é que, de acordo com Campos (2004), o Jornalismo Literário descreve o fato utilizando recursos da literatura, enquanto o JLA emprega recursos inovadores desenvolvidos por Lima (1990), que são a Escrita Total e História de Vida, ambas dentro do contexto de transdisciplinaridade.

Ambas as teorias (Escrita Total e História de Vida), baseiam-se nos estudos de Edvaldo Pereira Lima, como descreve o próprio autor, em seu *blog*. Sobre a escrita total, Lima (2013) explica de onde surgiu o conceito. “Baseado na Teoria dos Hemisférios Cerebrais, no conceito da neuroplasticidade aplicado à criatividade e em conteúdos de vanguarda das ciências” (LIMA, 2013).

Sobre a entrevista na lógica do JLA, Campos (2004) a define como um dos principais instrumentos de pesquisa do repórter. “Com os dados nela obtidos ele pode montar uma reportagem de texto corrido em que as declarações são citadas entre aspas ou [...] montar um texto tipo perguntas e respostas” (CAMPOS, 2004). Bahia (1990 apud CAMPOS, 2004), explica que um dos requisitos mais importantes da entrevista é a autenticidade por parte de todos os envolvidos - repórter e fontes. Dessa forma, as declarações atribuídas ao entrevistado, de acordo com Bahia (1990), podem ser provadas com facilidade.

Campos (2004) comenta que, por mais que o jornalista esteja sempre “preso” a questões financeiras para o desenvolvimento de seu trabalho, não pode haver pressa para produzir o Jornalismo Literário. Característica essa que também

contradiz o que preza o Jornalismo Convencional (agilidade). O autor complementa sua afirmação dizendo que, seja no Jornalismo Literário ou no JLA, não basta apenas registrar os fatos, é preciso pensar nos detalhes da narrativa e de como ela será contada. Para isso, Campos (2004) utiliza exemplos de autores tradicionais do *New Journalism*, como Norman Mailer e Truman Capote.

Norman Mailer, ao descrever "a luta do século" entre Cassius Clay (Muhammed Ali) e George Foreman, realizada em 1974, no Zaire. O autor entrou "em comunhão" com seu personagem, interagindo com ele, sentindo suas dores, experimentando suas alegrias, participando de corridas com ele, convivendo em sua casa, no Zaire, tornando-se quase uma "extensão" da pessoa. [...] O polêmico Truman Capote passou seis anos fazendo entrevistas, coletando dados, lendo documentos, pesquisando, até publicar, em 1965, o clássico *A sangue frio*, por ele considerado o primeiro livro-reportagem com recursos literários, baseado em fato real, narrando um crime ocorrido em 1959 no interior do Kansas, no meio-oeste americano. Para uma verdadeira "imersão" no contexto dos fatos, o autor mudou-se por um ano para a cidadezinha de Holcomb, onde um casal e seus dois filhos foram assassinados friamente, numa tragédia que causou comoção nacional (CAMPOS, 2004).

O próprio Edvaldo Pereira Lima, em seu *blog* pessoal, define o Jornalismo Literário Avançado como sua própria proposta conceitual-prática para o que afirma ser uma atualização do Jornalismo Literário. Segundo Lima (2022), no JLA há a incorporação de paradigmas que lhe garantem a abordagem transdisciplinar necessária para servir à sociedade de uma maneira condizente com o avanço do conhecimento das ciências de ponta, de um lado, de um modo pertinente aos desafios de transformação que a civilização contemporânea enfrenta, de outro. O autor descreve que os principais conceitos que integrou ao JLA, em comparação ao Jornalismo Literário praticado pelo *New Journalism*, referem-se à Jornada do Herói e a Escrita Total, como visto anteriormente. O método de escrita criativa, pregado pela Escrita Total, é ideal para a escrita de qualquer tipo de texto.

Lima (2022) comenta que tem empregado há anos o JLA em seus livros biográficos. Em seu artigo intitulado *Memória do Futuro: Jornalismo Literário Avançado no Século XXI* (2013), dividido em duas partes, o autor parte da análise de um Jornalismo Literário já bem fundamentado na sociedade, para lançar sua proposta conceitual-prática de JLA. Na primeira parte do artigo, Lima (2013) traz uma outra definição para o termo Jornalismo Literário Avançado.

Consiste numa atitude proativa de renovação do Jornalismo Literário, apoiada pela tradição armazenada dessa prática jornalística, bem como pelo saber acadêmico reunido ao longo do tempo, no país e no exterior, de um lado; pela compreensão de que a modalidade é dinâmica, tendo

potencial intrínseco para adaptar-se a novas condições contextuais, à medida que a sociedade se transforma, impulsionada por avanços tecnológicos, mudanças de paradigmas e ascensão de novos valores, de outro lado (LIMA, 2013, p.1).

Lima (2013), afirma que a sua justificativa para a proposta de um Jornalismo Literário Avançado consiste no entendimento de que “três esferas de categorias de conteúdos conformam a prática e o conhecimento do Jornalismo Literário” (LIMA, 2013, p.1). Essas três categorias são divididas da seguinte maneira:

A primeira categoria corresponde ao conjunto de princípios operativos e técnicas que diferenciam sua natureza, em comparação ao modelo convencional predominante de jornalismo. Aqui entram questões como os modos de captação da realidade [...] os recursos narrativos – tais como a construção cena a cena [...] e os modos de edição de matérias. A segunda categoria centra-se no caráter autoral do Jornalismo Literário. A partir do rico conjunto de ferramentas disponíveis, o jornalista literário produz sua matéria com estilo próprio e voz autoral diferenciada. [...] A terceira categoria tem a ver com a visão de mundo, o entendimento intrínseco e implícito a toda narrativa. Os textos do Jornalismo Literário carregam, inevitavelmente, o legado múltiplo dos paradigmas formais ou mesmo inconscientes que conformam o modo com que percebem, interagem com, captam e expressam o real (LIMA, 2013, p.1-2).

Seguindo seu raciocínio, Lima (2013) explica que a realidade é um conceito fundamental do JLA. O JLA, ainda segundo Lima (2013), também está apoiado na física quântica e nas teorias desenvolvidas pelo cientista David Bohm. “[...] a realidade não é constituída apenas pelo mundo objetivo, físico, visível e captável pelos sentidos comuns de percepção” (LIMA, 2013, p.7). Nessa abordagem, o mundo físico é apenas uma das inúmeras dimensões da realidade, denominada “ordem explícita”. Lima (2013) também afirma que o Jornalismo Literário Avançado busca por um desejo de abandono de qualquer leitura preconceituosa da realidade. O entendimento da reportagem parte, em primeiro lugar, dos personagens que dela fazem parte.

Enquanto a imprensa cotidiana limita-se quase que exclusivamente ao universo físico das figuras humanas, o Jornalismo Literário Avançado tem a incumbência de buscar captar, tanto quanto possível, elementos significativas das diversas esferas dos fenômenos de existência que constituem o indivíduo (LIMA, 2013, p.8).

Lima (2013) afirma que outra de suas inspirações para o Jornalismo Literário Avançado é o terapeuta e cientista Carl Jung. Jung, entre tantas contribuições para a sociedade e a ciência, propôs a teoria do inconsciente coletivo, assim como o conceito de sincronicidade. Segundo Lima (2013), ambas as teorias influenciaram o JLA. “Os conceitos de sincronicidade e inconsciente coletivo, de Jung, são

associados no Jornalismo Literário Avançado à radical proposta dos campos morfogenéticos” (LIMA, 2013, p.9). Os campos morfogenéticos, explica Lima, é uma teoria formulada na década de 1930 e estabelece que a natureza cria, armazena e dissemina conhecimentos novos entre os membros de uma mesma espécie.

Pereira Lima (2013) cita, ao fim da primeira parte de seu artigo, o perfil como elemento fundamental para a prática do JLA. Segundo ele, o perfil mergulha em um universo interno onde se passa uma história, para a qual o escritor da vida real abre suas comportas de percepção, localizando o enredo e o tema em desenvolvimento interativo pelos níveis integrados de realidade.

Na segunda parte do artigo *Memória do Futuro: Jornalismo Literário Avançado no Século XXI*, publicada em 2014, Edvaldo Pereira Lima conta mais sobre suas motivações acadêmicas para o estudo do Jornalismo Literário, que culminaria no JLA.

A atitude básica que norteava minha ação acadêmica centrada em Jornalismo Literário consistia de um lado no resgate e mapeamento da tradição brasileira e internacional dessa modalidade narrativa de não ficção. De outro, dizia respeito ao desenvolvimento de propostas proativas que a renovassem, contribuindo para sua adaptação dinâmica a novos ambientes culturais resultantes da natural transformação que o tempo impõe às sociedades (LIMA, 2014, p.1).

Sobre narrativas e cocriação da realidade, Lima (2014) explica que ambas as características servem para constituir um campo temático de pautas interessantes. É a partir dessas pautas que entra o JLA, contribuindo para a cocriação de uma sociedade melhor, dentro de uma realidade social mais saudável. Isso:

[...] quer dizer que, no âmbito do JLA, é mandatário o praticante ter pelo menos uma certa noção de que o ato comunicativo público provoca potencialmente algum efeito na mente individual do receptor e na mente coletiva dos receptores da mensagem (LIMA, 2014, p.7).

Lima (2014) descreve alguns dos caminhos trilhados para a construção do JLA.

Uma das técnicas era a escrita rápida, que consiste na produção livre e veloz de textos, sem preocupação com as regras gramaticais, nem com os formatos tradicionais de coerência e lógica de construção de texto. Fui experimentando esses métodos, aparando arestas, introduzindo técnicas trazidas de outras áreas, criando procedimentos novos, ajustando possibilidades. Experimentei aplicar o mapa mental à redação de textos, assim como fui associando a visualização criativa a uma série de exercícios que criava (LIMA, 2014, p.10).

Por fim, Lima (2014) afirma que o Jornalismo Literário Avançado é, também, uma oferta proativa na direção de uma renovação do Jornalismo Literário.

4.2 COMO SER JORNALISTA LITERÁRIO

Felipe Pena (2006), explica que o Jornalismo Literário não ignora as características do Convencional, mas as aprimora.

O jornalista literário não ignora o que aprendeu no Jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas (PENA, 2006, p.14-15).

Pena (2006) acredita que o Jornalismo Literário também está ligado a uma questão linguística.

Como diria Nietzsche, a linguagem é inseparável do pensamento, cuja natureza é estritamente retórica. A informação que segue viagem pelas estradas neurais do cérebro é sintática e semântica. Estamos sempre “empalavrando” o mundo. [...] Assim, defino o Jornalismo Literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional (PENA, 2006, p.22).

Lima (2009) acredita que o Jornalismo Literário abriu brecha para o surgimento de um Jornalismo interpretativo cada vez mais presente em nossa sociedade. O autor comenta que nesse estilo de texto, “a elucidação do que está mal-explicado se corporifica mediante a inclusão de alguns [...] ingredientes” (LIMA, 2009, p.20). Os ingredientes citados por Lima (2009) são:

O contexto do fato nuclear ou da situação nuclear. [...] Os antecedentes, para resgatar no tempo as origens do problema, como veio crescendo até o eclodir do fato que se examina [...] O suporte especializado, mediante enquete, pesquisas de opinião pública ou entrevistas com especialistas e testemunhas do assunto em questão. [...] A projeção, visando inferir do presente e do passado os desdobramentos do caso [...] O perfil, que é o lado da humanização da reportagem, já que o jornalismo se diferencia também por ser uma forma de comunicação que se volta para o homem, em última instância, como seu foco central e como tal visa emocionar, ao lado da elucidação racional, para transmitir um retrato completo dos temas que aborda (LIMA, 2009, p.20-21).

O Jornalismo de perfil, inclusive - assim como livro-reportagem -, são dois grandes expoentes da prática do Jornalismo Literário, como será melhor explorado adiante. Ademais, Lima (2014) destaca que uma das principais características do

jornalista literário é enxergar além do que está sendo mostrado. “O bom jornalista literário vê. Porque se permite olhar para a realidade não apenas com os olhos limitados a enxergar fatos e afirmações” (LIMA, 2014, p.20).

Para Lima (2014), os jornalistas literários captam a realidade com a inteligência racional e seus sentimentos, unindo razão e intuição para, assim, ver o que ninguém mais vê. A prática, conforme Lima (2014), faz parte de algo maior, chamado de linguagem simbólica.

O símbolo é algo que representa um objeto, uma pessoa, um evento, um momento, procurando traduzir de maneira sintética, concentrada, suas características principais. E uma das formas de símbolo utilizada com habilidade pelos jornalistas literários é a metáfora. Esta, por sua vez, é a representação ou expressão de uma coisa por outra.[...] Metáfora. Olhar para alguma coisa e ver nela outra que ela não é (LIMA, 2014, p.21-22).

Lima (2014), também explica que o jornalista literário mergulha profundamente na realidade da história que está contando.

Diferenciando-o do cientista ou do artista, porém, o autor da modalidade tem sua especificidade. Faz seu trabalho de leitura investigativa mergulhando visceralmente no real. Vai a campo, observa, interage, capta o significado da rede de fatores e forças que configuram um momento e uma situação de realidade. Interpreta. E apresenta sua reprodução desse real de um modo narrativo peculiar (LIMA, 2014, p.2)

Por fim, Lima (2014) resume como é o jornalista literário, dizendo que ele tem a habilidade literária do bom escritor de ficção, mas a adapta à narrativa de não ficção ou ao ensaio de não ficção, se assim for necessário. O profissional tem também à sua disposição um arsenal de formas narrativas, como o perfil, a reportagem temática, o texto de viagem ou de memórias, e até mesmo a biografia.

4.3 JLA: COMO IDENTIFICAR?

As características do Jornalismo Literário Avançado, ao contrário do que se encontra no Jornalismo Convencional, não são tão “visíveis”. Seu subjetivismo requer um esforço de análise maior para compreendê-las e, somente então, entender se e como estão presentes em um texto jornalístico. Seguindo os estudos de Lima (2009), criador do JLA, é possível compreender o estilo partindo de dois pontos. O primeiro é a partir de alicerces fundamentais para a sua prática:

transdisciplinaridade, física quântica, campos morfogenéticos e psicologia humanista (baseada nos estudos de Carl Jung), todos já abordados neste trabalho.

O segundo ponto são as características textuais. A exemplo do que ocorre no Jornalismo Convencional, onde as características são o *lead*, imparcialidade, superficialidade e agilidade para transmitir as informações, é possível eger características para o JLA. São elas: Jornada do Herói, narrativas de transformação, contextualização e foco nos personagens.

A seguir, a exemplo do que ocorreu no capítulo três desta pesquisa, com as características do Jornalismo Convencional, há a expansão das características do Jornalismo Literário Avançado.

4.3.1 Jornada do Herói

Modelo utilizado no Jornalismo Literário Avançado, a Jornada do Herói também é popular no mundo do marketing, por se tratar de uma técnica de *storytelling* (contar histórias/narrativas). Em JLA, a Jornada do Herói, segundo Lima (2009), é um método de estruturação de narrativas adaptado a textos da realidade. De acordo com o autor, a Jornada nasceu da conjunção de estudos de Joseph Campbell e de Carl Jung, e foi sistematizada por Christopher Vogler, que era um consultor de roteiros de cinema em *Hollywood*, nos Estados Unidos.

A Jornada do Herói foi adicionada por Edvaldo Pereira Lima às características do JLA quando, segundo o autor, percebeu sua utilidade prática no Jornalismo Literário. Lima (2009) afirma que, após perceber a importância da Jornada do Herói para o JLA, a ajustou e levou para o seu trabalho na pós-graduação da Universidade de São Paulo (USP).

Segundo Mônica Martinez (2008), Campbell (1992) propõe a Jornada do Herói em 17 etapas, divididas em três fases distintas. São elas: partida; iniciação; e retorno. A “aventura” presente na Jornada é criação do cinema. Ela consiste em transformar um “homem comum” em um “herói”, através das diferentes trilhas que esse personagem precisará percorrer durante sua trajetória. O modelo de Campbell (1992), exemplificado por Martinez (2008) funciona como uma espécie de “passo a passo” para essa transformação de um cidadão comum em herói.

Na fase da partida, de acordo com Martinez (2008) estão incluídas as etapas d’O chamado da aventura, onde ocorre um evento que mudará a vida do herói; a recusa do chamado, com o herói podendo hesitar entre aceitar ou declinar do

chamado; o auxílio sobrenatural, destacando a presença de figuras-mestras, que dão ao herói a segurança ou conselhos necessários para que parta em sua jornada e atinja sua meta. Na sequência, também há a passagem pelo primeiro limiar, onde tem-se a figura do guardião, personagem que tem como função defender o “portal” que separa o herói da experiência; e, por fim, o chamado “ventre da baleia”, cujo herói, exilado de seu cotidiano, passa por um processo de internalização.

Na fase da iniciação, começa com o caminho das provas, com o herói vivenciando provas durante seu período de metamorfose; na sequência, o “encontro com a deusa”, que permite ao herói a assimilação dos atributos do sexo oposto; seguido da “mulher como tentação”, onde o herói necessita buscar equilíbrio, sem cair na tentação de ver o sexo oposto como elemento carnal ou sublimá-lo. A iniciação segue com a etapa da “sintonia com o pai”, ocorrendo uma ruptura decisiva do herói com seus valores passados, fazendo-o visualizar sua missão no mundo; a apoteose, com o herói tornando-se livre para mudar seu nível de consciência; e a “benção última”, onde os limites da imagem terrena são ultrapassados e o herói se encontra diante do desafio final de transcender a simbologia dos ícones.

Na terceira e última fase, há o retorno, cujas etapas são: a recusa do retorno, onde o herói enfrenta o dilema de “voltar” e transmitir seu conhecimento a seus pares; a “fuga mágica”, com alguns heróis precisando de auxílio para retornar ao seu cotidiano; e o resgate com auxílio externo, podendo envolver a presença ativa de outras personagens na narrativa. Seguindo, há a passagem pelo limiar do retorno, com a reentrada do reino místico ao cotidiano; o “senhor de dois mundos”, cuja mentalidade do herói faz com que ele tenha um papel benéfico junto de seus contemporâneos; e, por fim, a “liberdade para viver”, onde o herói, renascido de sua jornada, pode desfrutar de uma nova biografia pessoal e abrir-se para novas experiências que o aguardam.

Martinez (2008) explica que Vogler, roteirista citado por Lima (2009), trabalhava, nos anos 1980, para a *Walt Disney Company* e queria entender o mecanismo de uma boa história.

Nos anos 80, um analista de roteiros da Companhia Walt Disney queria entender o mecanismo de uma boa história. Ao se deparar com o livro “Herói de Mil Faces”, Christopher Vogler entende que o padrão que intuíra havia sido mapeado pelo mitólogo. Ele elaborou um memorando de sete páginas intitulado “Guia Prático de O Herói de Mil Faces”, no qual

exemplifica a idéia por meio de filmes clássicos e da época. Com o tempo, o manuscrito é enriquecido e publicado com o título *The Writer's Journey*, pela Michael Wiese Productions. No Brasil, a obra -- *A Jornada do Escritor – Estruturas Míticas para Contadores de Histórias e Roteiristas* -- é lançada em 1997 pela Ampersand Editora (MARTINEZ, 2008, p.3).

Entre as sugestões de Vogler, conforme explica Martinez (2008), estão a humanização do herói, colocando-o como personagem principal da história. O roteirista também explana a necessidade de um elenco de co-atores (coadjuvantes) de inspiração arquetípica, que acompanha o herói em sua jornada. Martinez (2008) comenta que Vogler simplificou o método de Campbell para 12 etapas, divididas em três atos.

No primeiro ato, há o Mundo Comum, Chamado à Aventura, Recusa do Chamado, Encontro com Mentor, Travessia do Primeiro Limiar. No segundo ato, os Testes, Aliados e Inimigos, Provação Suprema e Recompensa. No último ato, Caminho de Volta, Ressurreição e Retorno com Elixir.

Em adição, Vogler cria duas novas etapas. Na primeira, Mundo Comum, contrasta o cotidiano vivido pelo protagonista com a aventura prestes a começar. Na segunda, Encontro com o Mentor, ressalta o papel de uma personagem mais experiente, que induz o protagonista à ação. A etapa Testes, Inimigos e Aliados permite compreender também outro avanço proposto por Vogler: a definição clara de seis tipos de personagens secundárias, ancoradas em modelos arquetípicos (MARTINEZ, 2008, p.4).

Os modelos arquetípicos citados por Martinez (2008) contam com o Mentor, que prepara o protagonista para a jornada; o Guardiã do Limiar, que testa se o herói está decidido a enfrentar sua jornada; o Arauto, que anuncia as mudanças; o Camaleão, dinâmico e que intriga o protagonista; o Pícaro, unindo irreverência e verdades ditas; e a Sombra, englobando vilões, antagonistas, entre outros.

Mônica Martinez (2008) explica o conceito de Jornada do Herói no JLA, de acordo com o que estipula o professor Edvaldo Pereira Lima, em seus estudos nos anos 1990. “Com o objetivo de torná-la mais funcional em termos jornalísticos, Pereira Lima sintetiza a Jornada em oito etapas: Cotidiano, Recusa, Desafios, Caverna Profunda, Desafios, Recompensa e Retorno” (MARTINEZ, 2008, p.4-5). Já Martinez (2008), em sua tese de doutorado defendida em 2002, sob orientação de Edvaldo Pereira Lima, combina as estruturas de Campbell, Vogler e Lima sobre a Jornada do Herói.

Ela engloba 12 etapas: Cotidiano, Chamado à Aventura, Recusa ao Chamado e Travessia do Primeiro Limiar. Testes, Aliados, Inimigos, Encontro com a Deusa -- onde o herói enfrenta os desafios do

relacionamento amoroso --, Caverna Oculta, Provação Suprema e Recompensa. Caminho de Volta, Ressurreição e Retorno com o Elixir (MARTINEZ, 2008, p.5).

No JLA, a Jornada do Herói precisa ser contada a partir de fatos reais, com personagens reais. Isso vai ao encontro do que determina a próxima característica do Jornalismo Literário Avançado: narrativas de transformação.

4.3.2 Narrativas de Transformação

O Jornalismo Literário Avançado, assim como o Jornalismo Literário, é, conforme Lima (2014), prisioneiro da realidade. Segundo o autor, o jornalista literário deve contar histórias, mas de modo articulado e elegante, com um texto pessoal, sem evitar a emoção ou intensidade.

Diante disso, Lima (2009) explica que o desenvolvimento pleno do JLA depende da familiarização dos escritores-jornalistas do presente e do futuro e que, morfogeneticamente, o processo está “em curso”. Lima (2009) destaca, no entanto, que o mais importante no JLA é que o que chama de “narrativas do real” sejam trabalhadas no estilo do Jornalismo Literário ou de acordo com a proposta do JLA.

[...] dediquem cada vez mais atenção ao seu potencial papel transformativo. Que sejam narrativas de transformação, capazes de estimular a ampliação da consciência do leitor. Não basta, hoje, diante dos problemas sérios que o mundo atravessa, exigindo respostas eficazes baseadas numa nova visão da realidade, que as narrativas fiquem presas a apenas relatar as misérias da sociedade, ou o lado sombrio das pessoas, como faz boa parte da mídia periódica (LIMA, 2009, p.444-445).

Lima (2014) defende o conceito de realidade no Jornalismo Literário e JLA de acordo com o que acredita ser a “raiz” do Jornalismo: o compromisso com a verdade. “Em princípio, quando lemos uma reportagem, esperamos estar diante de fatos verdadeiros, não uma imaginação artisticamente desenhada pela cabeça criativa de um bom ficcionista” (LIMA, 2014, p.51). Lima (2014) também explica que o Jornalismo Literário desvenda a realidade social, aquela que não vemos ou que não queremos ver, a mesma que adoramos descobrir.

Isso só é possível com base em narrativas reais, com personagens reais. Segundo Lima (2014), o Jornalismo Literário desempenha um papel de conotação sociológica, pois traça os retratos de situações e grupos sociais, ao mesmo tempo em que exerce o que o professor chama de “leitura dos indivíduos”. Ainda sobre as Narrativas de Transformação, Lima (2009) aponta o que é preciso fazer.

Não basta criticar, apontar mazelas. Isso é um papel importante, mas precisamos dar um salto além. Precisamos sair do território escravizante do pensamento destrutivo, entrarmos firmes na geração de pensamentos produtivos [...] A comunicação coletiva gera conteúdos que circulam no inconsciente da sociedade, alimentam campos morfogênicos, para o bem ou para o mal (LIMA, 2009, p.445).

Lima (2009) explica que também é preciso que os comunicadores tenham consciência dessa afirmação e trabalhem em favor dos processos transformativos. Isso por meio de narrativas que não se atenham apenas à crítica ou à denúncia, mas que foquem em ações proativas e transformadoras. Lima (2009) comenta que “as pessoas estão cansadas do excesso de negativismo na mídia. Seu efeito é gerar um estupor paralisante. Precisamos gerar o contrário”. (LIMA, 2009, p.445).

Por fim, Lima (2014) resume essa característica do JLA com base no que preza a escola do realismo social: realidade, lugar e personagens. “Mas é jornalismo literário: arte narrativa da vida real” (LIMA, 2014, p.56).

4.3.3 Contextualização e foco nos personagens

Segundo Lima (2014): “No jornalismo literário é fundamental que o autor conte a história ancorada em um ou mais personagens centrais” (LIMA, 2014, p.70). Esta frase explica porque a contextualização e o foco nos personagens fazem parte de uma característica só: não há como ter uma sem a outra. Por mais que haja uma contextualização de cenários, situações, experiências, entre outras, o foco do JLA são os personagens, como visto nas características anteriores. Se o JLA foca em personagens reais, portanto, não há como deixar de contextualizar suas histórias ao longo da narrativa. O foco, vale ressaltar, não precisa ser necessariamente em um único personagem, mas, como exemplifica a Jornada do Herói e reforça Lima (2014), em dois ou mais.

Acontece, porém, que às vezes o escritor pesquisa apuradamente uma realidade social, mas não encontra um caso humano ilustrativo que represente o padrão típico total daquela situação. Encontra dois, três ou mais casos, cada um representando fielmente uma parte daquela realidade. Mas não tem um caso único, isolado, que represente o conjunto (LIMA, 2014, p.70).

Um dos recursos que o Jornalismo Literário utiliza para contextualizar e focar na história de seus personagens é o **perfil**. Segundo Lima (2014), o perfil é um gênero que só existe no Jornalismo Literário.

Ninguém sabe exatamente onde começa, há sinais-embriões aqui e ali, mas as evidências levantadas pelos historiadores do jornalismo revelam que a

revista é que de fato abriga o gênero incipiente, dando-lhe força, ampliando seu alcance. Percebe ali um caminho para oferecer ao leitor um conteúdo narrativo diferente. E acerta em cheio (LIMA, 2014, p.60).

Lima (2014) explica que o perfil tem por objetivo compreender a pessoa na sua grandeza e na sua finitude. O jornalista que trabalha com o perfil não deve julgar, defender ou condenar a pessoa que está sendo entrevistada, mas buscar compreendê-la. O perfil coloca a personagem da história sempre em primeiro plano, ocupando o centro da narrativa. Isso ocorre, segundo Lima (2014), não porque essa pessoa está representando um grupo social ou um fato de interesse público, nem mesmo porque tem algo importante a contar a respeito de um evento histórico. A personagem recebe o foco porque ela, em si, é a pauta.

Seguindo essa lógica, tudo o que vem dela (personagem) importa para o resultado final da matéria. Lima (2014) explica que o perfil começou a ser trabalhado na revista estadunidense *New Yorker*, e que a partir daí se espalhou e ganhou o mundo.

Da *New Yorker* o gênero se espalha, chega às revistas concorrentes, esparrama-se para todo o jornalismo, atravessa o tempo. É cultivado também na *Esquire*, na qual um dia outro expoente magnífico da arte, Gay Talese, escreveria um primoroso tratado psicológico narrativo, “A Psique Sensível de Joshua Logan” (LIMA, 2014, p.62).

O perfil também pode ser praticado nos jornais, conforme Lima (2014). Já Lima (2009) explica que o perfil é um estilo presente em textos biográficos e que “retrata um indivíduo como em uma arqueologia psicológica que vai escavando e trazendo à tona seus valores, suas motivações, talvez seus receios, seus lados luminosos e suas facetas sombrias” (LIMA, 2009, p.427). As narrativas biográficas de Lima (2009) também contam com a reportagem temática, a biografia, os textos de memórias, o ensaio pessoal e o Jornalismo de viagem.

A **reportagem temática**, de acordo com Lima (2009) é a mais próxima do Jornalismo Convencional. “Seu propósito é discutir, com imersão, humanização, pesquisa e bom texto autoral, pelo menos, um tema candente ancorado numa questão específica” (LIMA, 2009, p.424). O autor ainda explica que há variações da reportagem temática, como a **matéria-retrato**, que não focaliza totalmente em uma figura humana, mas em uma região geográfica, e a **matéria de acompanhamento**, que consiste no autor seguindo o personagem durante determinado tempo. Isso é feito com o intuito de o jornalista aprofundar-se mais na rotina do personagem.

A **biografia**, para Lima (2009), consiste em contar toda a vida de uma pessoa, esteja ela viva ou morta. Se viva, obviamente, a vida é contada até o período de entrevista ou escrita da matéria ou livro-reportagem. A biografia utiliza bastante da capacidade descritiva do profissional que está escrevendo, pois são muitos detalhes que necessitam ser contados.

A **narrativa de memórias** é semelhante às biografias, com a exceção de que são obras autobiográficas ou não sobre determinada etapa da vida de quem está escrevendo ou sobre algum evento do qual fez parte de alguma forma. A diferença com relação à biografia, como explica Lima (2009), é que não há um compromisso em narrar toda a vida do indivíduo.

O **ensaio pessoal**, de acordo com Lima (2009), deriva do ensaio tradicional, que tem por objetivo discutir um tema com base nas reflexões do próprio autor.

A versão mais moderna desse gênero, no jornalismo literário atual, mescla narrativa e reflexão, sempre com forte conotação pessoal. Significa que o autor escreve sobre um tema porque há um motivo individual muito forte que o impele a fazer isso, de caráter emocional ou intelectual, ou ambos. Há uma necessidade premente de compreensão (LIMA, 2009, p.431).

O **Jornalismo de viagem**, como destaca Lima (2009), se aproxima do ensaio pessoal e dos textos de memórias, porque também é um estilo de texto biográfico. “Toda narrativa de viagem tem um propósito, um foco” (LIMA, 2009, p.433). Não serve apenas relatar a história da viagem, há a necessidade de um tema subjacente que precisa ser explorado para proporcionar a compreensão de uma questão-chave. O autor, nesse caso, é protagonista.

Para facilitar a compreensão do leitor a respeito da presença, na prática, do Jornalismo Literário Avançado em textos jornalísticos, a seguir foram selecionados trechos de três reportagens presentes no livro *Econautas*, uma co-produção coordenada por Edvaldo Pereira Lima.

4.4 JLA NA PRÁTICA

O livro *Econautas: Ecologia e Jornalismo Literário Avançado* (1996), coordenado por Edvaldo Pereira Lima, foi um projeto desenvolvido dentro da lógica do livro-reportagem abordado anteriormente, neste capítulo. Nele, há a presença de diversos textos-reportagem produzidos por profissionais que participaram da

disciplina de Jornalismo Literário Avançado, do curso de pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP).

Para exemplificar a presença do JLA nos textos jornalísticos conforme apresentado até aqui, nesta pesquisa, foram selecionados trechos de três reportagens presentes no *Econautas*, que utilizam o estilo conceituado por Lima, ainda na década de 1990. Os autores dos três textos são Maria Luiza Cardinale Baptista, com *Decifra-me ou te devoro*, Toni André Scharlau Vieira, com *Lição de ecologia e cidadania*, e Beltrina Côrte, com *Campo, cidade, vida*.

É importante ressaltar que a proposta do livro-projeto *Econautas* também incluía que os próprios autores, ao final de suas reportagens, escrevessem sobre o processo de construção do conteúdo. Dessa forma, ambos explicaram algumas das trilhas seguidas para chegar ao objetivo final de suas respectivas matérias. As justificativas de cada um serviram de inspiração para os comentários feitos sobre cada trecho, como é possível ver a seguir.

4.4.1 Decifra-me ou te devoro

A reportagem de Maria Luiza Cardinale Baptista se passa na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Segundo Baptista (1996), um de seus pensamentos foi o de procurar não focar nas pautas convencionais de ecologia. O texto se desenvolve nas ruas de Porto Alegre, onde a autora vai conhecendo, ao longo do percurso, diferentes personagens e suas histórias.

O trecho selecionado como exemplo da presença do Jornalismo Literário Avançado é o diálogo descrito entre a autora e uma doméstica com suas duas filhas.

Caminho em direção ao Largo. Paro. Encosto-me próximo a um tapume de uma construção. Fico observando o zigue-zague das pessoas, enquanto reencontro com o olhar o Mercado Público. Avisto ao longe a Praça Uruguai - em frente à Prefeitura e vejo prédios, muitos prédios. Ao meu lado, está Maria Adelaide Tavares, doméstica, com as filhas Janaína, três anos, Maria Lúcia, seis anos. As três estão sujas, mal vestidas. Dividem um saquinho de amendoim, com avidez, demonstrando que, provavelmente, esta é sua primeira refeição. São quatro horas da tarde. Cumprimento, apresento-me. Digo que estou fazendo uma reportagem sobre a vida nas cidades, sobre a relação das pessoas com o ambiente urbano. Ela sorri. As crianças sorriem mais. A Janaína vem direto para perto de mim. Fica com o rosto próximo da minha bolsa, sorrindo, quase que pondo a mão. Faço de conta que não percebo. Impressiona-me o seu tamanho e a espécie de instinto. Vem direto à bolsa. Bom, pergunto para a mãe o que é a cidade para ela. Ela responde que é bom. É melhor.

“A senhora gosta?”

“Gosto” - seca.

“O que a senhora gosta?”

“É que aqui ... (pensa) ... tem mais oportunidades...” (baixa a cabeça e olha para si mesma). Eu fico triste, pensando que não sei se pra ela tem mesmo oportunidades.

O interessante é que a filha mais velha, Maria Lúcia, no momento em que a mãe começa a balbuciar coisas sobre a cidade, grita prolongando as palavras: “Cuidado com o perigo. Cuidado com o perigo” - e ri mexendo a cabeça. Eu procuro entrar no ritmo da fala dela e respondo perguntando. “Onde eestaá o peeriigo? Na cidade?” Ela ri.

“É um hino.”

“Um hino?”

“É coisa de gente grande.”

“Ah! E a cidade?”

“Cuidado com o perigo (ela repete), cuidado com o terror...”

“E o que mais?” - pergunto.

“Não sei, ainda não aprendi.”

Depois de conversar um pouco, despeço-me e a Maria Lúcia, menina morena de olhos grandes, cabelos cacheados, roupa, pés e mãos sujas, diz: “eu te ensinei, né?” “Ensinou. Ensinou muito” - respondi, sinceramente, sorrindo (BAPTISTA, 1996, p.14-15).

Nota-se que há, no trecho destacado, a presença de características essenciais para a prática do Jornalismo Literário Avançado. Baptista (1996), ao contar a história de Maria Adelaide e suas filhas, busca “mergulhar” na realidade da mãe e suas duas filhas, partindo da proposta central da reportagem. As personagens são colocadas como centro da história, ao mesmo tempo em que a autora se permite sentir, emocionar. Há, portanto, uma contextualização e foco nos personagens, assim como a narrativa busca ater-se ao real, sem criar ficção.

4.4.2 Lição de ecologia e cidadania

Em Lição de ecologia e cidadania, que também se passa em Porto Alegre - RS, Toni André Scharlau Vieira (1996) foca sua narrativa em contar a história da Ação Democrática Feminina Gaúcha - Amigos da Terra (ADFG-AdT). Vieira (1996) explica que buscou, na reportagem, expor os principais trabalhos da ONG, com ênfase para o projeto de despoluição do Arroio Dilúvio.

O trecho destacado é sobre a entrevista que Scharlau Vieira fez com a presidente da ADFG-Adt à época, Magda Renner.

No início dos anos 70, os debates sobre questões ambientais ampliaram-se. Na Sociedade de Agronomia, José Lutzemberg realizava palestras e discussões sobre ecossistemas. Magda participava de uma destas palestras e se apaixonou pela causa ecológica. Estavam sendo dados os primeiros passos de um movimento que se expandiria por todo o Brasil. Lutzemberg alertava para a necessidade de repensar o relacionamento do homem com a natureza.

“Cresci num ambiente familiar, onde preservar a natureza era um hábito. Separávamos o lixo orgânico do inorgânico, produzíamos adubos e economizávamos energia”, explica Magda. Ela lembra que as palestras de José Lutzemberg na Sociedade de Agronomia lhe abriram janelas para ver o mundo de outra forma e aí passou a enxergar novas possibilidades de atuação da ADFG na sociedade rio-grandense e brasileira.

Mesmo sem usar a palavra ecologia, o grupo de mulheres que formava a ADFG já desenvolvia campanhas para promover o plantio de árvores em escolas, a limpeza urbana e pela criação de hortas sem o uso de defensivos agrícolas. Em 1974, a entidade instituiu um setor para debater a questão ecológica. Neste período ela contava com um quadro de 400 sócios (VIEIRA, 1996, p. 83-84).

Na reportagem de Toni André Scharlau Vieira é possível encontrar os mesmos traços de JLA presentes na reportagem de Maria Luiza Cardinale Baptista. Há, neste caso, um foco, que é o de contar a história da ADFG, mas a partir do ponto de vista de uma personagem principal, a ativista Magda Renner. Ao longo do texto, Vieira aprofunda ainda mais a relação de Magda e da entidade com a ecologia no Rio Grande do Sul e no Brasil. Há profundidade, realidade, contexto e foco. A história de Magda possui traços da Jornada do Herói, como o “chamado” que ela parece ter recebido ao assistir uma palestra sobre ecologia e, então, apaixonar-se pelo tema.

4.4.3 Campo, cidade, vida

Em Campo, cidade, vida, Beltrina Côrte (1996) conta a história do projeto Campo-Cidade/Vida, que trabalha com produtores rurais e consumidores, da classe mais pobre à época. A personagem principal é Marieta Haels, membro do projeto e residente em São Paulo, onde a reportagem se desenvolve.

Forrou o chão, carpete de madeira, e pegou a tábua de passar. As roupas, dobradas, já estavam em cima do sofá. Estávamos na sala. Cecília, na cama, lendo o jornal.

“- Você se importa?”, pergunta a repórter, mostrando o gravador que acabara de tirar da bolsa.

“- De jeito nenhum, o que é que você vai me entrevistar? Estou importante assim?”

Só então ela explica o motivo da entrevista. “- É o trabalho final de curso e achei que o projeto no qual você está trabalhando vai de encontro ao tema por nós selecionado: ecologia urbana. Tinha planejado ir até Ibiúna, mas quando soube que você viria a São Paulo, não pensei duas vezes.”

“- Você não se importa se eu passar ...”

Pegou uma camiseta branca, e enquanto passava começou a falar sobre o projeto que une a cidade ao campo. Seus olhos, duas contas azuis, ficavam entre o ferro e a repórter.

“- No campo a gente trabalha com a organização dos lavradores, da terra, através do Sindicato e da Associação dos Pequenos Agricultores. Uma equipe acompanha os lavradores no sentido de entender também a cooperativa de venda de produtos... No momento estão muito envolvidos com a implantação da primeira escola da família agrícola no Estado de São Paulo. No Brasil já existem 79” (CORTE, 1996, p. 96-97).

A reportagem de Beltrina Côrte é um pouco diferente das outras duas aqui exemplificadas. A autora opta por escrever o texto em terceira pessoa do singular, narrando os fatos como se estivesse apenas observando, não interagindo diretamente. Fora isso, a matéria coloca Marieta como personagem principal e Côrte conta a história do projeto a partir da percepção da entrevistada. Há um aprofundamento na relação entre Marieta e o projeto, assim como traços da Jornada do Herói, em trechos não exibidos nesta pesquisa, mas que destacam a história da própria Marieta com a ecologia urbana e organizações agrícolas. A reportagem possui foco, contexto e uma narrativa do real.

4.5 RELEMBRANDO

O quarto capítulo desta pesquisa introduziu o Jornalismo Literário em seu contexto histórico, assim como o Jornalismo Literário Avançado, a partir dos estudos, especialmente, de Edvaldo Pereira Lima (criador do conceito) e Mônica Martinez. Outros autores também foram citados ao decorrer deste capítulo.

Na sequência, houve a explanação das diferentes definições do Jornalismo Literário Avançado. Este subcapítulo culminou no estudo sobre as características do jornalista literário, profissional responsável por executar o texto com base seja no Jornalismo Literário tradicional ou no JLA. A partir disso, há a listagem das características do JLA e, após, o desmembramento de cada uma, explicadas de maneira aprofundada. Por fim, foram mostrados exemplos práticos do uso do JLA na construção de narrativas, utilizando, para isso, trechos de textos retirados do livro

Econautas: Ecologia e Jornalismo Literário Avançado (1996), uma coprodução coordenada por Edvaldo Pereira Lima.

A seguir, no capítulo cinco, há a análise de seis reportagens. Três delas foram extraídas do veículo G1-Globo e três do El País edição América Latina. Todas foram desmembradas parte por parte, no intuito de determinar a presença do Jornalismo Literário Avançado em suas narrativas, ou se foram escritas apenas com base no Jornalismo Convencional, ou se, de alguma forma, mesclam características de ambos os estilos.

5 ANÁLISE DAS MATÉRIAS

A análise das matérias jornalísticas selecionadas será feita levando em consideração as características do Jornalismo Convencional e do Jornalismo Literário Avançado - JLA expostas nesta pesquisa. Foram escolhidos seis textos no total, sendo três deles extraídos do *site* G1-Globo e três do *site* *El País*, em sua edição América Latina.

Os textos selecionados foram publicados em seus respectivos veículos durante a semana do dia 13 ao dia 17 de junho de 2022. A escolha dos textos ocorreu com base no entendimento sobre a relevância jornalística dos temas no período em que esta análise está foi feita.

A primeira reportagem escolhida, publicada no G1-Globo e nesta pesquisa chamada de Matéria 1, é intitulada *Irmãos confessam envolvimento nas mortes de Bruno Pereira e Dom Phillips na Amazônia, dizem fontes da PF (2022)*. O caso do desaparecimento do indigenista brasileiro Bruno Pereira e do jornalista inglês Dom Phillips tomou uma proporção global. O repórter inglês estava na Amazônia para entrevistar povos indígenas e ribeirinhos para um livro-reportagem que estava escrevendo sobre a região. Durante o percurso, Phillips era acompanhado e auxiliado por Bruno Pereira, com experiência em se relacionar com os nativos da área. Tanto Pereira quanto Phillips foram dados como desaparecidos em um primeiro momento. No dia da publicação da reportagem, dois irmãos, Amarildo da Costa Oliveira, conhecido como Pelado, e Oseney da Costa de Oliveira, conhecido como Dos Santos, confessaram o envolvimento na morte dos dois homens.

A segunda reportagem escolhida, nesta pesquisa chamada de Matéria 2, também publicada no *site* G1-Globo, tem o título *Peças de mármore podem voltar ao Partenon: museu britânico defende acordo com Grécia (2022)*. O texto foi publicado na editoria *Pop & Arte*, e explica sobre o pedido dos gregos para que peças e esculturas retiradas do Partenon e da Acrópole de Atenas pelos ingleses, há muitos anos, voltem para o seu país de origem, a Grécia. O presidente do *British Museum* já sinalizou estar aberto a um acordo e uma devolução parcial das obras.

A terceira reportagem, chamada nesta pesquisa de Matéria 3, última das três escolhidas do *site* G1-Globo, é intitulada *Como surgiu o empreendedorismo? Especialistas explicam (2022)*. A matéria foi publicada na editoria de empreendedorismo do G1. O texto conta sobre a história de origem do termo

“empreendedorismo” e como ele foi tendo seu significado definido ao longo dos anos. A reportagem aborda a questão e o contexto histórico por meio da opinião e argumentos de especialistas no assunto.

A primeira matéria extraída do *site* do *El País* em sua edição América Latina, chamada nesta pesquisa de Matéria 4, é intitulada *A história de Rodolfo Hernandez sobre o desaparecimento de sua filha*¹ (2022). O texto, originalmente escrito em espanhol, foi traduzido para o português, utilizando o *Google Translate*. A justificativa para a tradução das matérias do *El País* para o idioma português consta no capítulo dois desta pesquisa. No texto, escrito pela jornalista Catarina Oquendo, há o relato da história do desaparecimento da filha do candidato à presidência da Colômbia, Rodolfo Hernández. A filha de Hernández foi sequestrada em 2004 pelas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), que exigiram um pagamento de dois milhões de dólares para devolver a criança para a sua família. Por mais que não esteja especificado no *site* do periódico, o texto é de conotação política, podendo ser inserido dentro da editoria de política, se esta estivesse bem definida na linha editorial do veículo.

O segundo texto extraído do *El País*, chamado nesta pesquisa de Matéria 5, tem como título *Inflação Argentina quebra a barreira de 60% interanual*². O termo interanual corresponde à comparação de mesmo período, entre dois anos, no caso, o período de janeiro a maio, entre 2021 e 2022. O índice se refere ao aumento da inflação, que foi de 60% nos cinco primeiros meses do ano. A matéria, escrita por Federico Rivas-Molina, também não está em uma editoria específica, mas possui conotação econômico-financeira. Em uma linha editorial “tradicional”, estaria localizada na editoria de economia.

O terceiro e último texto extraído do *El País*, chamado aqui de Matéria 6, é intitulado *Brasil privatiza a Eletrobras, a maior empresa de energia da América Latina*³ (2022). Escrita por Juan Royo Gual, a matéria destaca a privatização da Eletrobras, autorizada pelo Governo do Brasil. Em ato simbólico, o presidente Jair Bolsonaro, junto de Paulo Guedes, Ministro da Economia, encenou tocar a campanha na Bolsa de Valores de São Paulo. A matéria possui um viés político-econômico.

¹ *El relato de Rodolfo Hernández sobre la desaparición de su hija, El País, 2022*

² *La inflación argentina rompe la barrera del 60% interanual, El País, 2022*

³ *Brasil privatiza Eletrobras, la mayor empresa de energía de Latinoamérica, El País, 2022*

5.1 MÉTODO DE ANÁLISE

A análise foi feita desmembrando cada uma das publicações selecionadas. Buscou-se identificar, no título, subtítulo (linha de apoio) e no contexto geral (texto inteiro), a presença das características do Jornalismo Convencional e do Jornalismo Literário Avançado - JLA. A análise de cada matéria foi feita em um subcapítulo próprio, no intuito de facilitar a compreensão do leitor. Foram adicionados os *prints* de tela das reportagens publicadas nos *sites*, como forma de ilustrar o que está sendo analisado. Nas referências desta pesquisa, o link para ambas as matérias pode ser encontrado.

As matérias do *El País* em sua edição América Latina, como destacado no capítulo dois deste TCC, foram traduzidas para o idioma Português Brasileiro, usando a ferramenta *Google Translate*, a fim de facilitar a compreensão do leitor, que pode não ser letrado no idioma espanhol. As expressões que não fazem, em um primeiro momento, sentido, ao traduzi-las para o Português, também têm a explicação dos termos, com base nos conhecimentos do autor desta pesquisa no idioma estrangeiro.

É válido destacar que, em todos os textos, também há a presença de vídeos, que, por vezes, dão algum tipo de complemento ao que está escrito, ou são apenas o texto da reportagem “falado” em formato audiovisual. Como o foco desta pesquisa foi estudar e compreender o Jornalismo Convencional, Literário e Literário Avançado em sua forma escrita, não haverá análise sobre o conteúdo desses vídeos, apenas sobre o conteúdo jornalístico textual.

5.1.1 Matéria 1

Figura 4 - Captura de tela Matéria 1

Acompanhe o sobe e desce na
nossa área de índices e
cotações

Inteligência
Financeira



CLIQUE AQUI

Irmãos confessam envolvimento nas mortes de Bruno Pereira e Dom Phillips na Amazônia, dizem fontes da PF

Amarildo da Costa Oliveira, o Pelado, e Oseney da Costa de Oliveira, o Dos Santos, haviam sido presos durante investigações sobre desaparecimento do indigenista brasileiro e do jornalista britânico, em 5 de junho. Segundo fonte da PF, Pereira e Phillips foram mortos a tiros e depois tiveram os corpos queimados e enterrados.

Por Isabela Camargo e Mara Puljiz, TV Globo e g1 DF
15/06/2022 15h26 - Atualizado há 21 horas



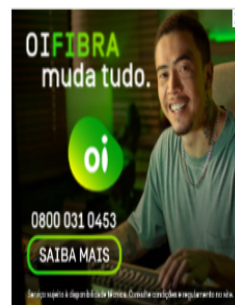
Fonte: G1-Globo

Figura 5 - Captura de tela Matéria 1



Irmãos confessam assassinato de Bruno Pereira e Dom Phillips, dizem fontes da PF

Os irmãos Amarildo da Costa Oliveira, conhecido como Pelado, e Oseney da Costa de Oliveira, conhecido como Dos Santos, confessaram envolvimento no assassinato do indigenista brasileiro **Bruno Araújo Pereira** e do jornalista inglês **Dom Phillips**, **desaparecidos desde 5 de junho na região do Vale do Javari**, na Amazônia, informaram nesta quarta-feira (15) fontes da Polícia Federal (**veja mais no vídeo acima**).



Fonte: G1-Globo

Figura 6 - Captura de tela Matéria 1

Segundo uma fonte da PF, Pereira e Phillips foram mortos a tiros e tiveram os corpos queimados e enterrados. A motivação do crime ainda é incerta, mas a polícia apura se há relação com a **atividade de pesca ilegal na região**. Segunda maior terra indígena do país, o Vale do Javari é palco de conflitos típicos da Amazônia: **tráfico de drogas, roubo de madeira e avanço do garimpo**.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE



Em seu depoimento, Amarildo teria dito que ouviu o barulho dos tiros e, ao chegar ao local, encontrou uma terceira pessoa. Então, no dia seguinte, ele e o irmão resolveram incendiar os corpos, esquarterar e enterrá-los.

Na noite desta quarta, o ministro da Justiça e Segurança Pública, Anderson Torres, informou, em uma rede social, que a PF encontrou

Fonte: G1-Globo

Figura 7 - Captura de tela Matéria 1

"remanescentes humanos" no local das buscas.

Ainda de acordo com a fonte, deverá ser feito exame de DNA com base em material fornecido por parentes das vítimas. A família do jornalista no Reino Unido afirmou não ter sido informada sobre a confissão de Pelado e Dos Santos.

Antes de sumir, Pereira, **que era servidor licenciado** da Fundação Nacional do Índio (**Funai**), e Phillips haviam partido da Comunidade São Rafael em uma viagem com duração prevista de duas horas rumo a Atalaia do Norte, mas eles não chegaram ao destino (*veja o mapa do percurso ao final deste texto*).

Logo após o desaparecimento, a União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Univaja) afirmou que Pereira recebia constantes ameaças de madeireiros, garimpeiros e pescadores. Em nota divulgada na ocasião, a entidade descreveu Pereira como "experiente e profundo conhecedor da região, pois foi coordenador regional da **Funai** de Atalaia do Norte por anos".

Fonte: G1-Globo

Figura 8 - Captura de tela Matéria 1

globo.com | g1 | ge | gshow | globoplay ASSINE JÁ ENTRAR >

MENU **g1** DISTRITO FEDERAL BUSCAR

Segundo o jornal britânico "The Guardian", do qual Phillips era colaborador, o repórter estava trabalhando em um livro sobre meio ambiente. **Ele morava em Salvador e escrevia reportagens sobre o Brasil fazia mais de 15 anos.** Também publicou em veículos como "Washington Post", "The New York Times" e "Financial Times".

Amarildo da Costa Oliveira, o Pelado, **está detido desde 7 de junho.** Segundo a polícia, ele foi visto por ribeirinhos, no dia do desaparecimento, **em uma lancha logo atrás da embarcação de Pereira e Phillips.** Os agentes encontraram **vestígios de sangue no barco de Pelado,** que vinha **negando ter qualquer relação com o caso.** Já Oseney, o Dos Santos, **foi preso temporariamente nesta terça-feira (14).**

No domingo (12), a Polícia Federal divulgou imagens de **objetos encontrados na área de buscas, no interior do Amazonas.** Foram localizados uma mochila, um notebook, camisas, bermudas, calça, chinelos e botas (*leia, mais abaixo, sobre as buscas e a investigação*).

LEIA TAMBÉM:

- **Quem é Amarildo da Costa Oliveira, o Pelado, preso nas buscas por Bruno Pereira e Dom Phillips**
- **Em 13 de junho, Bolsonaro afirmou que indícios 'levam a crer que fizeram alguma maldade' com Pereira e Phillips**

Fonte: G1-Globo

Figura 9 - Captura de tela Matéria 1

globo.com | g1 | ge | gshow | globoplay ASSINE JÁ ENTRAR >

MENU **g1** DISTRITO FEDERAL BUSCAR



Montagem com fotos do indigenista brasileiro Bruno Araújo Pereira e do jornalista inglês Dom Phillips — Foto: TV Globo/Reprodução

O g1 agora está no Telegram; clique aqui para receber notícias diretamente no seu celular.

Buscas e investigação

A operação de buscas para encontrar o indigenista **Bruno Araújo Pereira** e o jornalista **Dom Phillips** teve início no dia do desaparecimento, 5 de junho, um domingo. A operação foi inicialmente organizada por integrantes da Univaja. Como eles não conseguiram localizar a dupla, alertaram as autoridades sobre o sumiço na segunda-feira (6).

Fonte: G1-Globo

Figura 10 - Captura de tela Matéria 1

globo.com | g1 | ge | gshow | globoplay

ASSINE JÁ | ENTRAR >

MENU | **g1** | DISTRITO FEDERAL | BUSCAR

As buscas reúnem o Exército, a Marinha, a Secretaria de Segurança Pública do Amazonas (SSP-AM) e a Polícia Federal. O Exército na região do Vale do Javari com combatentes de selva da 16ª Brigada de Infantaria de Selva, sediada em Tefé (AM).

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

Economize 10%

Fita Dental Colgate Total Enxaguado 25m

★★★★★ 645

R\$ 14,86

Programa e Poupe

Em 7 de junho, o assessor jurídico da Unijava disse que a Marinha e a PF ignoraram informações sobre suspeitos que, no passado, ameaçaram o indigenista. Em 10 de junho, as equipes encontraram "material orgânico aparentemente humano" em um rio próximo ao porto de Atalaia do Norte.

Fonte: G1-Globo

Figura 11 - Captura de tela Matéria 1

globo.com | g1 | ge | gshow | globoplay

ASSINE JÁ | ENTRAR >

MENU | **g1** | DISTRITO FEDERAL | BUSCAR

Até esta quarta-feira (15), nove pessoas haviam sido ouvidas pela polícia. Entre elas, está a mulher de Amarildo, Josenete, que prestou depoimento na última sexta-feira (10) e preferiu não falar sobre a prisão do marido nem sobre o caso dos desaparecidos.

Desaparecidos na Amazônia

Indigenista e jornalista inglês sumiram na região do Vale do Javari

Distância: 72km
aprox. 2h de lancha

Rio Itaqui

Destino Atalaia do Norte
Nunca chegaram

PERU

BRASIL

Rio Amazonas

Partida Comunidade São Rafael
Onde foram vistos pela última vez (05/06 às 6h)

Manaus
Vale do Javari

g1 Infográfico elaborado em: 07/06/2022

Mapa mostra onde jornalista e indigenista desapareceram na Amazônia — Foto: Arte/g1

Foram encontradas características tanto do Jornalismo Convencional quanto do Jornalismo Literário Avançado na Matéria 1. No título *Irmãos confessam envolvimento nas mortes de Bruno Pereira e Dom Phillips na Amazônia, dizem fontes da PF*, é possível encontrar elementos do *lead convencional*, com as respostas para as perguntas: o quê (mortes de Bruno Pereira e Dom Phillips), quem (irmãos) e onde (na Amazônia).

Na linha de apoio, outras duas perguntas do *lead convencional* são respondidas: quando (5 de junho - referindo-se à data na qual os irmãos foram presos) e como (mortos a tiros e depois tiveram os corpos queimados e enterrados). O “porquê” não fica totalmente esclarecido, mas se tem uma ideia da motivação no seguinte trecho:

A motivação do crime ainda é incerta, mas a polícia apura se há relação com a atividade de pesca ilegal na região. Segunda maior terra indígena do país, o Vale do Javari é palco de conflitos típicos da Amazônia: tráfico de drogas, roubo de madeira e avanço do garimpo (G1, 2022).

O texto da Matéria 1 é escrito de maneira neutra. A publicação, assinada por Isabela Camargo e Mara Puljiz, não faz uso de juízo de valor, tampouco as autoras deixam algum tipo de emoção pessoal transparecer no texto. Narram apenas os fatos, de maneira que aparenta estar “distante” de qualquer aspecto sentimental. Também é utilizado um definidor primário como fonte da reportagem. Neste caso, dados e informações da Polícia Federal. O corpo do texto foi assinalado como “Narrativas de Transformação”, pois acredita-se que a matéria propõe uma reflexão aprofundada sobre o caso, detalhando, por exemplo, o período de buscas e investigação, fazendo uso de um infográfico ao final da reportagem, que ajuda a ilustrar o caminho percorrido por Pereira e Phillips antes de morrer.

A linha de apoio e o corpo do texto também inserem a contextualização e direcionam o foco aos personagens da matéria (os irmãos Amarildo e Oseney da Costa de Oliveira, além de Bruno Pereira e Dom Phillips). Toda a linha de apoio, por mais que seja extensa, proporciona uma contextualização do assunto:

Amarildo da Costa Oliveira, o Pelado, e Oseney da Costa de Oliveira, o Dos Santos, haviam sido presos durante investigações sobre desaparecimento do indigenista brasileiro e do jornalista britânico, em 5 de junho. Segundo fonte da PF, Pereira e Phillips foram mortos a tiros e depois tiveram os corpos queimados e enterrados (G1, 2022).

O corpo do texto amplia o foco nos personagens, explicando tanto quem eram os dois falecidos e o que estavam fazendo na Amazônia quanto informa sobre a atual situação dos irmãos detidos, que confessaram envolvimento no crime. Um exemplo sobre o foco em Pereira e Phillips está no trecho:

A operação de buscas para encontrar o indigenista Bruno Araújo Pereira e o jornalista Dom Phillips teve início no dia do desaparecimento, 5 de junho, um domingo. A operação foi inicialmente organizada por integrantes da Univaja. Como eles não conseguiram localizar a dupla, alertaram as autoridades sobre o sumiço na segunda-feira (6) (G1, 2022).

Já um exemplo do foco da reportagem também destinado aos irmãos Amarildo e Oseney está nos trechos:

Os irmãos Amarildo da Costa Oliveira, conhecido como Pelado, e Oseney da Costa de Oliveira, conhecido como Dos Santos, confessaram envolvimento no assassinato do indigenista brasileiro Bruno Araújo Pereira e do jornalista inglês Dom Phillips, desaparecidos desde 5 de junho na região do Vale do Javari, na Amazônia, informaram nesta quarta-feira (15) fontes da Polícia Federal [...] Amarildo da Costa Oliveira, o Pelado, está detido desde 7 de junho. Segundo a polícia, ele foi visto por ribeirinhos, no dia do desaparecimento, em uma lancha logo atrás da embarcação de Pereira e Phillips. Os agentes encontraram vestígios de sangue no barco de Pelado, que vinha negando ter qualquer relação com o caso. Já Oseney, o Dos Santos, foi preso temporariamente nesta terça-feira (14) (G1, 2022).

Os itens que não foram aqui explicados é porque, como comentado no início deste subcapítulo, não foram identificados no texto em questão.

5.1.2 Matéria 2

Figura 12 - Captura de tela Matéria 2

Plano **UltraTon**
Taxa de **2,87%**
no crédito à vista

Peça já a sua



Peças de mármore podem voltar ao Partenon: museu britânico defende acordo com Grécia

Presidente do British Museum de Londres disse estar aberto a um acordo para a devolução parcial das peças, um pedido de décadas do país.



Por RFI
15/06/2022 17h21 - Atualizado há 2 dias



Fonte: G1-Globo

Figura 13 - Captura de tela Matéria 2



Estátuas de mármore do Partenon em exposição no British Museum em 2015 — Foto: Matt Dunham/AP Photo

Fonte: G1-Globo

Figura 14 - Captura de tela Matéria 2

A Grécia há décadas pede ao Reino Unido a restituição das peças e esculturas de mármore do Partenon e da Acrópole de Atenas. A disputa é antiga, mas a solução pode estar finalmente à vista. O presidente do British Museum de Londres disse estar aberto a um acordo para a devolução parcial das peças.

Desde o início do século XX, a Grécia exige oficialmente a devolução de um friso de 75 metros que foi retirado do Partenon e levado para a capital inglesa. O país mediterrâneo quer ainda uma das cariátides de mármore que sustentava um pequeno templo da Acrópole de Atenas, guardada como um dos tesouros do British Museum.

Fonte: G1-Globo

Figura 15 - Captura de tela Matéria 2

O Reino Unido sempre se recusou a fazer a restituição sob o argumento de que as peças foram adquiridas legalmente, por meio de uma compra feita pelo diplomata britânico Lord Elgin em 1802, que revendeu as peças ao museu. No entanto, a Grécia afirma que as peças foram pilhadas durante a ocupação otomana de seu território.

O assunto voltou à discussão em março, quando o museu britânico foi processado por impedir que as peças de mármore fossem escaneadas em 3D. O Instituto de Arqueologia Digital de Oxford pretendia fazer a versão tridimensional das peças gregas como forma de ampliar o acesso ao material e resolver o imbróglio entre Atenas e Londres, segundo declarou o diretor do instituto ao jornal Guardian.

Em abril, o governo de Boris Johnson chegou a dizer que abriria a negociação com a administração grega diante da Unesco. Entretanto, o governo voltou atrás dizendo que tal decisão cabia ao museu.

Nesta semana, o presidente do British Museum deu uma declaração mostrando-se disposto a resolver a questão. Em entrevista à rádio LBC, George Osborne afirmou estar aberto a um acordo para compartilhar as peças.

"Acredito que um acordo seja possível para contar a história deles ao mesmo tempo em Atenas e em Londres se discutirmos essa situação sem muitas condições ou barreiras", afirmou.

Fonte: G1-Globo

Figura 16 - Captura de tela Matéria 2



Fonte: G1-Globo

Na Matéria 2 foram encontradas características apenas do Jornalismo Convencional. O texto, por mais que aborde um contexto histórico-cultural entre a Inglaterra e a Grécia, foca nas obras de artes ao invés de personagens em específico. Isso, portanto, já elimina qualquer possibilidade de Jornalismo Literário Avançado. Os elementos da Jornada do Herói, sendo assim, não se fazem presentes, tampouco a contextualização e foco nos personagens. A narrativa também não se encaixa na característica "Narrativas de Transformação" por causa da superficialidade do texto, no sentido de apenas apresentar os fatos, ao invés de proporcionar um aprofundamento, especialmente na questão histórica que envolve a repatriação de obras de arte.

O texto, assinado por "RFI" é um bom exemplo do que é o Jornalismo Convencional em sua essência. Responde algumas das perguntas do *lead convencional* no título, subtítulo e primeiro parágrafo do texto. O restante é localizado no corpo do texto. No título: *Peças de mármore podem voltar ao Partenon: museu britânico defende acordo com Grécia*, estão as respostas para as perguntas: o quê (Peças de mármore podem voltar ao Partenon), e quem (museu

britânico defende acordo com Grécia). Na linha de apoio: *Presidente do British Museum de Londres disse estar aberto a um acordo para a devolução parcial das peças, um pedido de décadas do país*, há a extensão do “quem”, na figura do presidente do *British Museum*, apesar de seu nome não ser citado neste momento. Também na linha de apoio há a resposta para “onde”, pois destaca o “*British Museum de Londres*”, localizado na capital da Inglaterra.

As demais perguntas são respondidas ao longo do texto. Por mais que esse não seja o uso do *lead* “convencional”, onde as seis perguntas são respondidas, no máximo, até o final do primeiro parágrafo, a presença de três elementos, “o quê”, “quem” e “onde” chama a atenção. O “quando” refere-se ao período de tempo onde ocorreu o fato, e pode ser encontrado no sexto parágrafo da publicação:

Nesta semana, o presidente do British Museum deu uma declaração mostrando-se disposto a resolver a questão. Em entrevista à rádio LBC, George Osborne afirmou estar aberto a um acordo para compartilhar as peças (G1, 2022).

Já a resposta para o “porquê” está no segundo parágrafo do corpo do texto:

Desde o início do século XX, a Grécia exige oficialmente a devolução de um friso de 75 metros que foi retirado do Partenon e levado para a capital inglesa. O país mediterrâneo quer ainda uma das cariátides de mármore que sustentava um pequeno templo da Acrópole de Atenas, guardada como um dos tesouros do British Museum (G1, 2022).

O “como”, referente ao modo como as peças de mármore e demais obras voltariam para a Grécia, não está bem especificado ao longo da reportagem, mas há alguns trechos que dão uma ideia do que será feito. Os trechos em questão são:

Em entrevista à rádio LBC, George Osborne afirmou estar aberto a um acordo para compartilhar as peças. [...] Perguntado se seria possível que as peças fossem expostas por um tempo na Grécia e, mais tarde, voltassem a Londres, ele afirmou que esse tipo de negociação seria possível. “Alguma coisa que permita vê-las em todo seu esplendor em Atenas e vê-las como exemplos de outras civilizações em Londres”, detalhou (G1, 2022).

A ideia de George Osborne (presidente do *British Museum*) é chegar a um acordo com os gregos para o compartilhamento das peças ou até mesmo um empréstimo das obras ao seu país de origem. O texto é construído segundo a lógica objetivista, do início ao fim, pois relata apenas os fatos apurados pelo G1, sem expressar qualquer emoção ou juízo de valor, por parte de quem escreve. É, também, superficial no corpo do texto. No título e linha de apoio, apresenta também traços de objetividade, a para transmitir qual o assunto da matéria ao leitor, sem

delongas. No decorrer dos parágrafos, porém, o texto é superficial, pois não aprofunda um conteúdo histórico-social que poderia render algo muito mais detalhado. A outra parte da história, nesse caso a Grécia, também não teve seu ponto de vista sobre o assunto, exposto no texto, o que contribui para o conteúdo ser caracterizado por uma abordagem superficial.

A soma de todos esses fatores, conseqüentemente, indica agilidade para transmitir as informações, o que segue caracterizando uma parte do jornalismo contemporâneo, de apuração às pressas. O foco no *lead convencional*, a ausência de personagens humanos, com exceção da figura de George Osborne que, no entanto, é um definidor primário, e a superficialidade no tratamento do assunto, decretam a agilidade do Jornalismo Convencional presente no texto.

5.1.3 Matéria 3

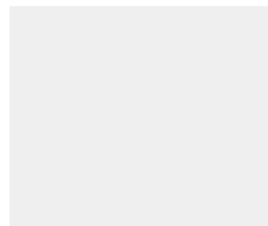
Figura 17 - Captura de tela Matéria 3



Fonte: G1-Globo

Figura 18 - Captura de tela Matéria 3

A história do empreendedorismo se confunde com a história do próprio homem, pois acredita-se que o “comportamento empreendedor” sempre existiu e que foi ele que impulsionou a sociedade a criar, construir e evoluir.



Entretanto, a **utilização do termo empreendedorismo é mais recente**. Ele surgiu no século XVII com o início da industrialização no mundo. Com a mudança do sistema econômico, os “empreendedores” passaram a se distinguir dos “fornecedores de capital”, chamados de capitalistas.

LEIA TAMBÉM:

- [O que é empreendedorismo?](#)
- [O que é empreendedorismo feminino?](#)
- [O que é empreendedorismo digital?](#)
- [O que é intraempreendedorismo?](#)

Enio Costa, gerente de relacionamento do **Sebrae**, explica que, na época, essas pessoas firmaram contratos com os órgãos governamentais para introduzir novos produtos no mercado com seus próprios planos de negócios e investimentos, sem a participação de agentes capitalistas.

net...

Fonte: G1-Globo

Figura 19 - Captura de tela Matéria 3

“Com o passar do tempo, o empreendedorismo foi se desenvolvendo e colaborando com o desenvolvimento econômico mundial pela transformação criativa de recursos em negócios lucrativos”, explica Enio.

Edson Barbero, professor e coordenador do Centro de Empreendedorismo da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP), acredita que o termo passou a ser mais usado a partir do século XX. Segundo ele, o teórico austríaco Joseph Schumpeter foi o primeiro a usar o termo e discutir o desenvolvimento desse fenômeno na sociedade.

Segundo Schumpeter, empreender é “inovar a ponto de criar condições para uma transformação radical de um determinado setor, ramo de atividade, território, onde o empreendedor atua.

“A oportunidade das pessoas desenvolverem os próprios negócios e não apenas serem colaboradores de negócios de outras pessoas surge primeiro nos países desenvolvidos e se espalha mundo afora”, afirma Edson.

Fonte: G1-Globo

Figura 20 - Captura de tela Matéria 3

O termo empreendedorismo surge mais forte no Brasil nos anos 90, durante a abertura da economia brasileira.

Com a entrada de fornecedores estrangeiros que controlavam nossos preços, alguns setores que não conseguiam competir com produtos importados começaram a abrir negócios em torno de produtos variados”, explica Enio.



Fonte: G1-Globo

Na Matéria 3, a exemplo da Matéria 1, também há a presença de elementos do Jornalismo Convencional e do Jornalismo Literário Avançado. No título e linha de apoio identificam-se alguns aspectos do *lead convencional*, a exemplo do “o quê” (o empreendedorismo), “quem” (especialistas), e “quando” (termo surgiu com o início da industrialização). As respostas para as perguntas “onde”, “como” e “por quê?” podem ser encontradas ao longo do texto, mas não no primeiro parágrafo, que não possui elementos do *lead convencional*.

O “onde” é localizado na metade do segundo parágrafo da reportagem, especificamente no trecho em que diz: “Ele surgiu no século XVII com o início da industrialização no mundo” (G1, 2022). Por mais que não haja um lugar determinado onde o termo “empreendedorismo” tenha surgido, a afirmação de que surgiu “no mundo” já basta para representar um local, quanto aos requisitos que precisam ser respondidos pelo *lead*.

O “como” está localizado no mesmo parágrafo do “onde”, no trecho: “Com a mudança do sistema econômico, os ‘empreendedores’ passaram a se distinguir dos ‘fornecedores de capital’, chamados de capitalistas” (G1, 2022). A frase dá a entender que o modo do empreendedorismo existir é motivado pela mudança do sistema econômico ao longo dos séculos, distinguindo os empreendedores dos capitalistas.

Já o “porquê” está localizado na sequência, nas explicações do gerente de relacionamento do Sebrae, Enio Costa:

Enio Costa, gerente de relacionamento do Sebrae, explica que, na época, essas pessoas firmaram contratos com os órgãos governamentais para introduzir novos produtos no mercado com seus próprios planos de negócios e investimentos, sem a participação de agentes capitalistas. [...] Com o passar do tempo, o empreendedorismo foi se desenvolvendo e colaborando com o desenvolvimento econômico mundial pela transformação criativa de recursos em negócios lucrativos, explica Enio (G1, 2022).

A publicação é de caráter impessoal, dedicando, a exemplo das outras duas matérias analisadas do G1, o foco do assunto a definidores primários. Uma forma de “quebrar” isso teria sido entrevistar um empreendedor “comum”, que está começando um negócio próprio ou alguém que já alcançou determinado sucesso, para explicar como “driblou” os empecilhos iniciais e conseguiu os resultados desejados. Esta seria uma forma de destacar, também, as soluções para o empreendedorismo, fugindo do clichê das dificuldades e apresentando soluções.

A agilidade e superficialidade são justificadas pela presença, após o final do texto, de um *link* de acesso ao áudio de um *podcast* que complementa o assunto. Nesse caso, a agilidade e a superficialidade do texto são compensadas pelo recurso radiofônico para ampliar o tema e levar mais informações ao leitor-ouvinte.

Por mais que esse foco não seja aprofundado ao longo do texto, há uma contextualização sobre cada especialista entrevistado e também o foco neles e no tema que está sendo abordado. Exemplos disso podem ser localizados nos seguintes trechos (um deles já destacado nesta análise):

Enio Costa, gerente de relacionamento do Sebrae, explica que, na época, essas pessoas firmaram contratos com os órgãos governamentais para introduzir novos produtos no mercado com seus próprios planos de negócios e investimentos, sem a participação de agentes capitalistas. [...] Edson Barbero, professor e coordenador do Centro de Empreendedorismo da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP), acredita que o termo passou a ser mais usado a partir do século XX. Segundo ele, o teórico austríaco Joseph Schumpeter foi o primeiro a usar o termo e discutir o desenvolvimento desse fenômeno na sociedade (G1, 2022).

A contextualização e o foco nos personagens são proporcionais ao tamanho da matéria.

5.1.4 Matéria 4

Figura 21 - Captura de tela Matéria 4

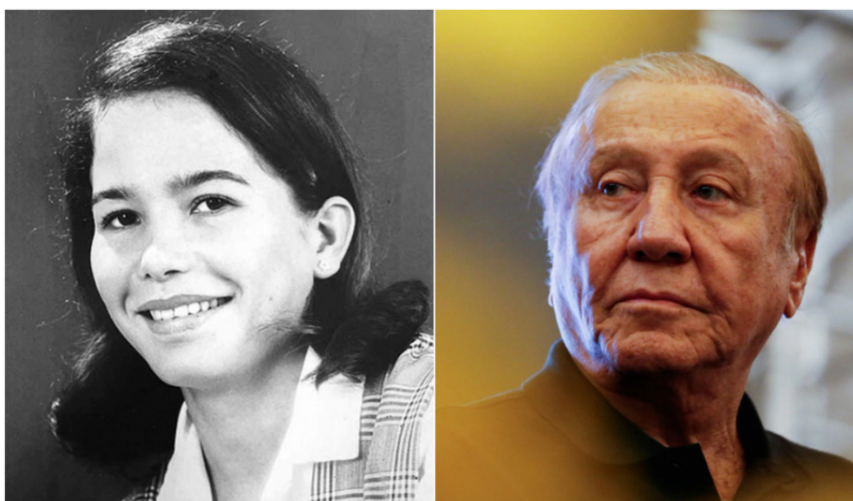
RODOLFO HERNANDEZ >

A história de Rodolfo Hernández sobre o desaparecimento de sua filha

O candidato presidencial colombiano pede respeito pela memória de sua filha, vítima de um sequestro cercado de desconhecidos

Fonte: *El País*

Figura 22 - Captura de tela Matéria 4



Juliana, filha de Rodolfo Hernández. À esquerda, o candidato à presidência da Colômbia. BRSS/REUTERS

Fonte: *El País*

Figura 23 - Captura de tela Matéria 4



CATARINA OQUENDO

Bogotá - 15 DE JUNHO DE 2022 - 16:50 BRT



Para [Rodolfo Hernández](#), a última semana da campanha presidencial foi marcada pelo desaparecimento de sua filha Juliana Hernández, que ele considera morta após anos de sequestro. Em meio ao alvoroço da mídia sobre o caso, sobre o qual não se sabe muito, Hernández divulgou um comunicado nesta quarta-feira dizendo que houve "manipulação baseada em fofocas e rumores" e que sua família foi vitimizada novamente. "Peço que respeitem a minha dor, peço que respeitem a memória da minha filha. Espero que esta seja a última vez que tenha que fazer uma declaração sobre esse assunto", disse o candidato. Socorro Oliveros, esposa de Rodolfo Hernández,

A Colômbia soube do caso em 2016, quando o então prefeito de Bucaramanga disse à jornalista Diana Calderón que sua filha havia sido [sequestrada pelas FARC](#). Esse guerrilheiro já havia capturado o pai de Rodolfo Hernández. Ele o manteve em cativeiro por 135 dias e o libertou depois que o construtor pagou um resgate. Com Juliana foi diferente, como ele mesmo explicou

Fonte: *El País*

Figura 24 - Captura de tela Matéria 4

caldeirão por 100 dias e libertou depois que o consultor pagou um resgate. Com Juliana foi diferente, como ele mesmo explicou na mesma entrevista. "[Minha filha foi sequestrada há 7 anos, eles me pediram dois milhões de dólares e eu não os entreguei enquanto os tinha](#)", disse. Calderón pediu precisão sobre o local onde ela havia sido sequestrada e perguntou quando foi o último contato. "Eu não sei sobre ela como há três anos. As FARC vieram me chantagear. Acho que isso não existe mais", respondeu ele para explicar que acreditava que sua filha já estava morta.



Pelo mesmo meio, [Mauricio Hernández, filho mais velho de Rodolfo, especificou dias depois que o sequestro não havia sido](#)

Fonte: *El País*

Figura 25 - Captura de tela Matéria 4

Pelo mesmo meio, [Mauricio Hernández, filho mais velho de Rodolfo, especificou dias depois que o sequestro não havia sido em 2009](#), como seu pai havia dito, mas em 4 de junho de 2004. O filho explicou que o fato ocorreu quando um amigo da universidade convidou Juliana para uma fazenda perto de Bucaramanga. "Os sequestradores aproveitaram o fato de Juliana ter ingerido bebida alcoólica para dominá-la e não se descarta que seu colega de faculdade tenha servido de cúmplice para facilitar a retenção", informou à *Rádio Caracol*.. Nessa comunicação, Mauricio disse ainda que durante os primeiros meses do sequestro receberam provas da sobrevivência de sua irmã em que "Juliana foi vista vestindo uniformes de guerrilha". Mauricio disse então que essas imagens mostravam a identificação do guerrilheiro do ELN e não das FARC, que estava em processo de desarmamento em 2016, contrariando a versão dada por seu pai poucos dias antes.

Os guerrilheiros do ELN apareceram em cena nesta campanha presidencial, na qual Hernández está no segundo turno, e através de um comunicado garantiram que a filha do candidato nunca esteve entre seus reféns. Na época do desaparecimento, gangues de criminosos comuns também sequestravam cidadãos para 'vendê-los' aos diferentes grupos armados da região.

Fonte: *El País*

Figura 26 - Captura de tela Matéria 4



O candidato à presidência da Colômbia, Rodolfo Hernández, cai em prantos durante entrevista ao canal de televisão CNN.
Foto: CHARLIE LAMB | Vídeo: CNN

A história do sequestro voltou à mídia de forma intermitente na campanha. O próprio Hernández o contou em várias entrevistas para insistir que, apesar do que vivenciou, apoia a implementação do acordo de paz que avança com as FARC e que negociaria com o ELN.

Fonte: *El País*

Figura 27 - Captura de tela Matéria 4

Em entrevista à CNN, o candidato não conseguiu conter as lágrimas e em outra, na RCN Television, desabou ao ver uma imagem gigante da filha na tela. Hernández disse à revista *Semana* que não acreditava que sua filha estivesse viva. “Se fosse, já teria me mandado um motivo. Ela foi executada, certamente, devido à minha recusa em não sacar dinheiro para pagar o grupo armado”, disse ele.

MAIS INFORMAÇÃO

Veja as propostas de Rodolfo Hernández: da redução da corrupção ao censo de viciados →

A família também confirmou que, após todo o processo, a seguía legalmente ativa, que conserva um aspecto com seu nome na junta diretiva de HG, a construtora do candidato, e que continua pagando seus impuestos. Assim como foi confirmado *Caracol Radio*, que não mostrou a solo que Juliana tem seus impulsos ativos, também é uma propriedade de seu nome.

Em entrevista à Univisión há alguns dias, Hernández entrou em detalhes até então desconhecidos. “Depois de 17 anos procurando por ela, já encontramos algumas informações que nos deram de

Fonte: *El País*

Figura 28 - Captura de tela Matéria 4

ativos, também é uma propriedade de seu nome.

Em entrevista à Univisión há alguns dias, Hernández entrou em detalhes até então desconhecidos. “Depois de 17 anos procurando por ela, já encontramos algumas informações que nos deram de que a mataram com um tiro na testa, muito doloroso.” Ao mesmo tempo, explicou que o Ministério Público não realizou nenhuma investigação. Segundo o candidato, só até o ano passado eles começaram a lamentar. “Agora tivemos que começar a fazer algo que eu não sabia que existia e que deveria saber e que é fazer o desaparecimento legal, que é cancelar a carteira de identidade, o NIT (Número de Identificação Fiscal) e cancelar seus bens para o mãe, para minha esposa”. Este é o processo a que se referia Oliveros, a mãe da mulher desaparecida, e que terá início nesta quarta-feira.

[Assine aqui](#) a newsletter do EL PAÍS sobre a Colômbia e receba todas as principais informações sobre a atualidade do país.

Na reportagem intitulada *A história de Rodolfo Hernández sobre o desaparecimento de sua filha*, publicada pelo *El País*, há traços tanto do Jornalismo Convencional quanto do Jornalismo Literário Avançado. No título e na linha de apoio existem respostas para as perguntas “o quê” e “quem”. O “o quê” (A história de Rodolfo Hernández sobre o desaparecimento de sua filha) e “quem” (Rodolfo Hernández). Ao contrário das matérias analisadas até agora, publicadas no site G1-Globo, não há a presença de nenhuma característica do *lead convencional* na linha de apoio. No primeiro parágrafo também não há resposta para quatro das seis perguntas ainda não respondidas. Pelo contrário, a introdução da jornalista Catarina Oquendo não se apressa em dar ao leitor todas as “principais” respostas logo de cara.

Há de se destacar que existem trechos onde a autora, mesmo de forma moderada, introduz sua opinião pessoal ao invés de algum fato embasado. Isso pode ser visto, por exemplo, no trecho do primeiro parágrafo:

Em meio ao alvoroço da mídia sobre o caso, sobre o qual não se sabe muito, Hernández divulgou um comunicado nesta quarta-feira dizendo que houve "manipulação baseada em fofocas e rumores" e que sua família foi vitimizada novamente (*El País*, 2022).

O “sobre o qual não se sabe muito” é uma opinião pessoal da jornalista, pois não saber muito emprega um juízo de valor sobre a história do desaparecimento da filha de Rodolfo Hernández. “Não saber muito” é algo relativo.

No âmbito do Jornalismo Literário Avançado, o texto tem traços de uma Narrativa de Transformação. Seguindo o estudo de Lima (2009), o texto de Oquendo amplia a consciência do leitor sobre o desaparecimento da filha do atual candidato à presidência da Colômbia. Também está expresso mais de um ponto de vista. Nesse caso, além do depoimento de Hernández, constam falas de seu filho, Maurício Hernández, que, inclusive, diverge da opinião do pai.

O que também contribui para a reportagem estar classificada como uma narrativa de transformação é que o texto aborda uma história real, dando ênfase aos personagens mesmo após anos de o fato ter acontecido. A história ainda traz a declaração de um dos grupos paramilitares da Colômbia, acusado de sequestrar Juliana Hernández, filha de Rodolfo e irmã de Maurício, o que representa a inclusão de um terceiro ponto de vista no texto.

Os guerrilheiros do ELN apareceram em cena nesta campanha presidencial, na qual Hernández está no segundo turno, e através de um comunicado garantiram que a filha do candidato nunca esteve entre seus reféns. Na época do desaparecimento, gangues de criminosos comuns também sequestravam cidadãos para 'vendê-los' aos diferentes grupos armados da região (*El País*, 2022).

A contextualização e foco nos personagens também está presente na matéria. Desde o início do texto, a jornalista preocupa-se em contextualizar a história do sequestro de Juliana Hernández, trazendo os principais fatos que cercam o desaparecimento da filha do candidato à presidência colombiana. Oquendo também expõe as versões do crime, que tornam mais difícil saber quem está falando a verdade. Por exemplo, Rodolfo Hernández afirma que sua filha sumiu em 2009, enquanto Maurício, seu filho, alega ter sido ainda em 2004 o fato. O foco nos personagens principais (Rodolfo e Juliana) e em personagens secundários, mas igualmente importantes para o desenrolar da trama (Maurício e os guerrilheiros da ELN), conseqüentemente, está presente no texto.

5.1.5 Matéria 5

Figura 29 - Captura de tela Matéria 5



Fonte: *El País*

Figura 30 - Captura de tela Matéria 5



Em frente a um supermercado com os preços de alguns produtos na vitrine, em Buenos Aires, em 17 de março de 2022. MARIANA NEDELCO (REUTERS)

A inflação na Argentina atingiu 60,7% ano-a-ano em maio, a maior alta desde 1992. No mês passado fechou com 5,1%, [um pouco melhor que os 6% registrados em abril e os 6,7 em março](#), mas longe dos valores que que o país sul-americano precisa se pretende cumprir as metas acertadas com o FMI no ano passado, abaixo de 50%. Os preços subiram 29,3% durante os primeiros cinco meses do ano. O último levantamento de expectativas que o Banco Central divulga mensalmente já prevê uma inflação de 72,7% para 2022.

Fonte: *El País*

Figura 31 - Captura de tela Matéria 5

No ano, chega a 29,3%. Os serviços de saúde e transporte foram os que mais cresceram em maio, seguidos por alimentação (4,4%). Dias antes dos dados divulgados pelo Indec, o escritório de estatísticas, [o ministro da Economia, Martín Guzmán](#), havia previsto um número menor do que em abril. “É claro que qualquer número desses sobre os quais estamos falando é alto”, disse ele, “problemático para o funcionamento de nossa sociedade e nossa economia”.



Fonte: *El País*

Figura 32 - Captura de tela Matéria 5

EL PAÍS	Argentina
	<p>A inflação é um problema crônico na Argentina. O aumento dos preços tem sido de dois dígitos anuais desde a saída da conversibilidade do peso com o dólar, em 2002. Nenhum governo, de esquerda ou direita, encontrou a fórmula para baixá-lo. No centro da questão está o déficit fiscal: a Argentina gasta mais do que produz e cobre esse vermelho seja com endividamento externo -como o governo de Mauricio Macri- ou com questão monetária -como o kirchnerismo tem feito historicamente. Hoje, a Argentina não pode fazer nem uma coisa nem outra: as taxas de juros que deve pagar a mantêm fora dos mercados internacionais de crédito e a questão monetária está no limite. Somente em 2021, o Tesouro transferiu 2,1 trilhões de pesos para o Estado nacional, o equivalente a 4,8% do PIB.</p> <p>A situação agora é agravada por um cenário internacional particularmente hostil para economias sem crédito e baixos níveis de reservas internacionais, como a Argentina. A pressão inflacionária continua inabalável nos Estados Unidos, onde o IPC registrou taxa interanual de 8,6% em maio, recorde desde dezembro de 1981. Os dados tornam cada vez mais provável que o Fed eleve os juros ainda mais do que o esperado. Em março, o aumento foi de 25 pontos e em maio outros 50 pontos. A incerteza global gera uma migração de dinheiro para</p>

Fonte: *El País*

Figura 33 - Captura de tela Matéria 5

EL PAÍS	Argentina
	<p>investimentos mais seguros e atinge mercados mais instáveis como a Argentina.</p> <p>Na semana passada, os títulos da dívida do país sul-americano entraram em colapso e o risco país - o diferencial de taxa que paga sobre a dívida dos EUA - ultrapassou 2.000 pontos. Em setembro de 2020, após acordo com credores privados para reestruturar a dívida, o risco-país argentino mal ultrapassou 1.000 pontos.</p> <p>Assine aqui a newsletter do EL PAÍS América e receba todas as principais informações sobre a atualidade da região.</p>

Fonte: El País

A matéria escrita pelo jornalista Federico Rivas-Molina é outro exemplo de reportagem que faz uso única e exclusivamente do Jornalismo Convencional, em sua composição. O texto é de puro viés econômico, focando apenas em números, e

não em personagens. A matéria de Rivas-Molina, por mais que foque em uma história real, com a economia da Argentina como personagem principal, não aprofunda a história, atendo-se apenas aos fatos estatísticos, como pode ser visto no título, linha de apoio e primeiro parágrafo.

No título, *Inflação argentina supera a barreira de 60% interanual*, há a presença do elemento do *lead convencional* “o quê” (inflação argentina supera a barreira de 60% interanual). Na linha de apoio há “quem” (IPC sobe 5,1%) e “quando” (em maio e acumula 29,3% desde janeiro). No primeiro parágrafo do texto, responde-se “onde” e “como”, visíveis no trecho:

A inflação na Argentina (**‘onde’**) atingiu 60,7% ano-a-ano em maio, a maior alta desde 1992 (**‘como’**). No mês passado fechou com 5,1%, um pouco melhor que os 6% registrados em abril e os 6,7% em março, mas longe dos valores que o país sul-americano precisa se pretende cumprir as metas acertadas com o FMI no ano passado, abaixo de 50%. Os preços subiram 29,3% durante os primeiros cinco meses do ano (*El País*, 2022).

No decorrer do texto, tem-se uma ideia do “porquê”, como, por exemplo, no trecho a seguir:

O aumento dos preços tem sido de dois dígitos anuais desde a saída da conversibilidade do peso com o dólar, em 2002. Nenhum governo, de esquerda ou direita, encontrou a fórmula para baixá-lo. No centro da questão está o déficit fiscal: a Argentina gasta mais do que produz e cobre esse vermelho seja com endividamento externo -como o governo de Mauricio Macri- ou com questão monetária -como o kirchnerismo tem feito historicamente (*El País*, 2022).

No texto, o jornalista limita-se a relatar apenas os fatos que tem conhecimento, tendo como base os dados oficiais divulgados pelo governo argentino. A superficialidade foi verificada, pois a reportagem não busca a fala de personagens, tampouco apresenta soluções, somente a visão negativa sobre a atual situação econômica do país e um futuro não muito promissor, de acordo com Rivas-Molina. A agilidade, como condição de ‘produção às pressas’, portanto, também se faz presente. Não há profundidade na narração dos fatos, apenas o *lead convencional* e explicações generalistas sobre o fato.

5.1.6 Matéria 6

Figura 34 - Captura de tela Matéria 6

BRASIL >

Brasil privatiza a Eletrobras, a maior empresa de energia da América Latina

Jair Bolsonaro selou simbolicamente a principal operação de desnacionalização de seu governo na Bolsa de Valores de São Paulo alguns meses antes das eleições

Fonte: *El País*

Figura 35 - Captura de tela Matéria 6



Bolsonaro toca la campana en la Bolsa de São Paulo este martes.
ALAN SANTOS (AFP)

Fonte: *El País*

Figura 36 - Captura de tela Matéria 6

JOAN ROYO GUAL

Rio de Janeiro -14 DE JUNHO DE 2022 - 19:40 BRT



O governo brasileiro encenou nesta terça-feira na Bolsa de Valores de São Paulo o início da reta final da privatização da [Eletrobras](#), maior empresa de energia da América Latina. O tradicional ato de tocar a campainha contou com a presença do presidente Jair Bolsonaro e do ministro da Economia, Paulo Guedes, que comemoraram a capitalização da empresa após [dois anos e meio de burocracia](#). O ministro argumentou que a empresa estava perdendo força porque não tinha mais capacidade de investir. Privatizá-lo foi a solução.

Após 60 anos, o Estado brasileiro deixou de ser o acionista majoritário da Eletrobras, empresa com 14.000 trabalhadores e que fechou 2021 com um lucro de 5.700 milhões de reais (1.094 milhões de dólares, 1.050 milhões de euros). Quando o processo de privatização terminar, nas próximas semanas, a participação do governo brasileiro passará de 72% para 45%. A oferta pública de ações arrecadou 29,29 bilhões de reais (5,724 milhões de dólares, 5,495 milhões de euros), com cada ação negociada a 42

Fonte: *El País*

Figura 37 - Captura de tela Matéria 6

dólares, 3,495 milhões de euros), com cada ação negociada a 42 reais (8,2 dólares, 8,9 euros). Esta é a maior oferta de ações na Bolsa de Valores brasileira desde a [megacapitalização da Petrobras em 2010](#).



“A missão é deixar esse legado para as gerações futuras. É a maior empresa de geração de energia limpa e renovável do mundo que é gratuita. É como um filho que saiu de casa aos 18 anos e foi procurar a vida. Agora vai expirar e não precisa mais estar sob a proteção do Estado”, disse Guedes, que acrescentou que a empresa é “uma garantia da segurança energética do Brasil”.

Fonte: *El País*

Figura 38 - Captura de tela Matéria 6

O ministro de Minas e Energia, Adolfo Sachsida, afirmou que a privatização vai beneficiar o consumidor final, reduzindo o risco hidrológico (a dependência do Brasil da água das barragens e o peso que isso tem na conta), para o qual prevê reduções nas tarifas. Além disso, afirmou que, a partir de agora, a empresa terá a obrigação de investir 8.700 milhões de reais (1.700 milhões de dólares, 1.631 milhões de euros) em projetos no norte, nordeste e sudeste do país. A privatização também inclui o compromisso de restaurar a Bacia do Rio São Francisco e mais investimentos em energia renovável.

O Governo apresentou o [projeto de privatização da Eletrobras ao Congresso Nacional em 2019](#) e, embora tenha superado a morosidade dos procedimentos parlamentares e tenha tido a aprovação do Tribunal de Contas da União em duas ocasiões, ainda não está totalmente concluído. O presidente da Eletrobras, Rodrigo Limp, explicou que a expectativa é que termine "no final de julho", após a aprovação nas assembleias de cada uma das empresas que compõem a gigante elétrica; Chesf, Eletronorte e Furnas.

Fonte: *El País*

Figura 39 - Captura de tela Matéria 6

PT vê processo "cheio de irregularidades"

Junta-se ao EL PAÍS para acompanhar todas as novidades e ler sem limites.

SE INSCREVER

A privatização da Eletrobras é a conquista mais importante da agenda liberal de Guedes no governo e ocorre em tempo de desconto, pouco mais de três meses antes das eleições presidenciais, que, segundo todas as pesquisas até o momento, podem devolver o ex-presidente [Luiz Inácio Lula da Silva](#) ao Palácio do Planalto.

O líder do Partido dos Trabalhadores (PT) se opôs à privatização da Eletrobras desde o início porque acredita que o governo perderia a capacidade de realizar programas sociais como o 'Luz para todos', que levou eletricidade às famílias mais pobres. Na semana passada, um de seus principais interlocutores, o ex-ministro Alexandre Padilha, garantiu em reunião com empresários que o processo de privatização poderá ser contestado na Justiça. "O investidor que colocar dinheiro nessa privatização cheia de irregularidades pode estar dando um tiro

Fonte: *El País*

Figura 40 - Captura de tela Matéria 6

contestado na Justiça. "O investidor que colocar dinheiro nessa privatização cheia de irregularidades pode estar dando um tiro no ar", alertou.

No entanto, ele esclareceu que se a privatização for confirmada, um possível governo Lula não reverteria a venda das ações. Nos portões da Bolsa de Valores de São Paulo, nesta terça-feira, dezenas de manifestantes protestaram contra o que consideram um ataque à soberania nacional.

[Assine aqui](#) a newsletter do EL PAÍS América e receba todas as principais informações sobre a atualidade da região.

Fonte: *El País*

A análise da Matéria 6 detectou a presença de características do Jornalismo Convencional e do Jornalismo Literário Avançado ao longo do texto. No título: *Brasil privatiza a Eletrobras, a maior empresa de energia da América Latina* e na linha de apoio: *Jair Bolsonaro selou simbolicamente a principal operação de desnacionalização de seu governo na Bolsa de Valores de São Paulo alguns meses antes das eleições* são encontradas as respostas para “o quê” (Brasil privatiza a Eletrobras), “quem” (Brasil) e “onde” (na Bolsa de Valores de São Paulo).

O “como” e “quando” encontram-se no primeiro parágrafo do texto, destacado a seguir:

O governo brasileiro encenou nesta terça-feira na Bolsa de Valores de São Paulo o início da reta final da privatização da Eletrobras, maior empresa de energia da América Latina. O tradicional ato de tocar a campanha contou com a presença do presidente Jair Bolsonaro e do ministro da Economia, Paulo Guedes, que comemoraram a capitalização da empresa após dois anos e meio de burocracia. O ministro argumentou que a empresa estava perdendo força porque não tinha mais capacidade de investir. Privatizá-lo foi a solução (*El País*, 2022).

O “porquê” não fica totalmente claro no texto. No primeiro parágrafo, contudo, há de se destacar um trecho que se encaixa como motivo para a privatização (O ministro argumentou que a empresa estava perdendo força porque não tinha mais capacidade de investir. Privatizá-la foi a solução). A matéria foi escrita seguindo a lógica objetivista, com o jornalista narrando apenas os fatos. Para isso, foram utilizados dados de um contexto histórico da Eletrobras e dados atuais sobre o desempenho da empresa brasileira, em termos financeiros.

Por mais que não haja uma grande profundidade sobre o tema, a reportagem atende ao propósito destacado no título, que é o de informar sobre a privatização da Eletrobras. O “gancho” do texto é a solenidade realizada na Bolsa de Valores de São Paulo, onde o Presidente Jair Messias Bolsonaro praticou o ato de tocar a campanha da instituição, o que simboliza a entrada da Eletrobras na Bolsa.

Procurou-se, no texto, expor diferentes opiniões sobre o fato. Por mais que o jornalista tenha utilizado falas e dados de definidores primários, houve a preocupação de adicionar à matéria um subtítulo focado na opinião do Partido dos Trabalhadores (PT) sobre a privatização. Vale lembrar que o PT lidera a principal frente de oposição ao atual governo.

A privatização de uma estatal é um assunto complexo, que envolve diferentes variáveis. Entrevistar um cidadão “comum” sobre o assunto, portanto, poderia não

resultar em opiniões que, de fato, teriam algum sentido para a matéria. O que o jornalista poderia ter feito e, então, dado mais ênfase a outros pontos de vista é entrevistar um ou mais manifestantes que, de acordo com a matéria, protestaram do lado de fora da Bolsa de Valores enquanto o ato simbólico ocorria. Para a matéria ter mais profundidade, poderia combinar dados atuais da empresa, com dados históricos, mais algum relato, mesmo que fosse de profissional ligado à empresa, que desse a dimensão do significado de entrega do capital da Eletrobras para o setor privado.

Por questões geográficas, é justificável que o jornalista que escreveu a matéria provavelmente não estivesse no Brasil, cobrindo o evento *in loco*. Em termos de Jornalismo Literário Avançado, porém, outro membro da equipe do jornal poderia ter feito essas entrevistas. Também é válido lembrar que, por conta da edição brasileira do *El País* ter sido extinta em dezembro de 2021, as notícias que digam respeito ao Brasil podem ser feitas apenas com informações de terceiros. Não com a presença física de jornalistas do *El País*, em sua edição América Latina, no Brasil. O distanciamento da produção também é sentido, não só na narrativa, mas na produção da matéria como um todo.

A contextualização e foco nos personagens também foi sinalizada, pois mesmo que de forma superficial, ela existe. O contexto explicando sobre a privatização é encontrado nos dois primeiros parágrafos da reportagem.

O governo brasileiro encenou nesta terça-feira na Bolsa de Valores de São Paulo o início da reta final da privatização da Eletrobras, maior empresa de energia da América Latina. O tradicional ato de tocar a campainha contou com a presença do presidente Jair Bolsonaro e do ministro da Economia, Paulo Guedes, que comemoraram a capitalização da empresa após dois anos e meio de burocracia. O ministro argumentou que a empresa estava perdendo força porque não tinha mais capacidade de investir. Privatizá-lo foi a solução. [...] Após 60 anos, o Estado brasileiro deixou de ser o acionista majoritário da Eletrobras, empresa com 14.000 trabalhadores e que fechou 2021 com um lucro de 5.700 milhões de reais (1.094 milhões de dólares, 1.050 milhões de euros). Quando o processo de privatização terminar, nas próximas semanas, a participação do governo brasileiro passará de 72% para 45%. A oferta pública de ações arrecadou 29,29 bilhões de reais (5,724 bilhões de dólares, 5,495 bilhões de euros), com cada ação negociada a 42 reais (8,2 dólares, 8,9 euros). Esta é a maior oferta de ações na Bolsa de Valores brasileira desde a megacapitalização da Petrobras em 2010 (*El País*, 2022).

Os personagens em foco no texto estão divididos entre os apoiadores e a oposição à privatização da Eletrobras. Estão inseridas, na matéria, falas do Ministro da Economia, Paulo Guedes:

A missão é deixar esse legado para as gerações futuras. É a maior empresa de geração de energia limpa e renovável do mundo que é gratuita. É como um filho que saiu de casa aos 18 anos e foi procurar a vida. Agora vai expirar e não precisa mais estar sob a proteção do Estado, disse Guedes, que acrescentou que a empresa é “uma garantia da segurança energética do Brasil” (*El País*, 2022).

Trecho da matéria sobre uma afirmação do Ministro de Minas e Energia, Adolfo Sachsida:

O ministro de Minas e Energia, Adolfo Sachsida, afirmou que a privatização vai beneficiar o consumidor final, reduzindo o risco hidrológico (a dependência do Brasil da água das barragens e o peso que isso tem na conta), para o qual prevê reduções nas tarifas. Além disso, afirmou que, a partir de agora, a empresa terá a obrigação de investir 8.700 milhões de reais (1.700 milhões de dólares, 1.631 milhões de euros) em projetos no norte, nordeste e sudeste do país (*El País*, 2022).

E o relato de uma explicação dada pelo presidente da Eletrobras, Rodrigo Limp:

O presidente da Eletrobras, Rodrigo Limp, explicou que a expectativa é que termine "no final de julho", após a aprovação nas assembleias de cada uma das empresas que compõem a gigante elétrica; Chesf, Eletronorte e Furnas (*El País*, 2022).

Do lado da oposição, a matéria destaca a oposição do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva:

O líder do Partido dos Trabalhadores (PT) se opôs à privatização da Eletrobras desde o início porque acredita que o governo perderia a capacidade de realizar programas sociais como o 'Luz para todos', que levou eletricidade às famílias mais pobres (*El País*, 2022).

E do ex-Ministro Alexandre Padilha:

Na semana passada, um de seus principais interlocutores, o ex-ministro Alexandre Padilha, garantiu em reunião com empresários que o processo de privatização poderá ser contestado na Justiça. "O investidor que colocar dinheiro nessa privatização cheia de irregularidades pode estar dando um tiro no ar", alertou. [...] No entanto, ele esclareceu que se a privatização for confirmada, um possível governo Lula não reverteria a venda das ações (*El País*, 2022).

Estas são as considerações sobre a Matéria 6. A seguir, observações complementares para justificar a sinalização das características do Jornalismo Convencional e Jornalismo Literário Avançado em cada matéria.

5.2 EXPLICAÇÕES COMPLEMENTARES À ANÁLISE

As análises, como destacado anteriormente, foram feitas com base nos estudos presentes nos capítulos três e quatro desta pesquisa.

De maneira geral, tanto nas matérias publicadas no G1 quanto no *El País*, há a predominância de características do Jornalismo Convencional diante do JLA. Em nenhuma matéria, seja do G1 ou do *El País*, houve a predominância de características do JLA ao invés do Jornalismo Convencional.

As matérias, extraídas de diferentes editorias em seus respectivos veículos de comunicação, possuem, no geral, o *lead convencional*, em sua composição. Por mais que, nas reportagens 3, 4 e 6, ele não tenha sido identificado no “corpo do texto”, as respostas para algumas das seis perguntas estão logo no título e na linha de apoio do conteúdo. O *lead convencional* não aparece em sua forma “tradicional” em nenhuma das publicações, ou seja, em nenhum dos textos analisados, as respostas para as perguntas: “o quê?, quem?, quando?, onde?, como?, e por quê?” estão visíveis todas no primeiro parágrafo.

O caráter de objetividade também foi sinalizado em todas as matérias. Na Matéria 4, no entanto, há a explicação de que alguns termos utilizados pela jornalista podem ser entendidos como uma opinião pessoal sobre o assunto. As matérias são escritas com o jornalista atuando mais como observador do que um participante ativo do fato. Isso, retomando o que nos diz Lima (2014), é uma característica do Jornalismo Convencional, pois os profissionais não colocam suas emoções no texto, tampouco mergulham no assunto de maneira a conhecer e contar a história de personagens reais.

A superficialidade foi sinalizada em todos os textos, com exceção das matérias 1 e 4. Mesmo que, na opinião do pesquisador que escreve este TCC, coubesse uma profundidade maior em todas as matérias analisadas, as matérias 1 e 4 buscam explorar mais pontos de vista, além de terem um texto mais longo e trabalhado. As demais reportagens se atêm única e exclusivamente aos fatos, sem emoção e profundidade. Acredita-se, no entanto, que todas cumpram o propósito básico informado nos seus respectivos títulos.

A agilidade foi sinalizada nas matérias 2, 3 e 5 por se tratar dos textos com menos profundidade, dentre os seis analisados. Por possuírem um viés econômico, houve a pressa em divulgar os números “que interessam” e encerrar a matéria. Não há grandes reflexões sobre o assunto abordado. Apenas reflexões rasas ou outras que poderiam ser mais bem exemplificadas nos textos. É válido ressaltar que em

algumas matérias há o auxílio de áudio ou vídeo para complementar o que está sendo dito. Isso, por mais que possa servir para justificar a agilidade presente no conteúdo textual escrito, não exime certa precariedade na escrita do texto.

Sobre as características do Jornalismo Literário Avançado, um ponto que chama a atenção é que, em nenhuma das publicações, foi encontrado algum traço da Jornada do Herói. Isso, muito provavelmente, se deve ao tamanho do texto e a sua finalidade, que é ser noticioso em um estilo *hard news*. Aqui, fica nítido que a Jornada do Herói, de Lima (2009), é mais comumente inserida em livros-reportagem, pois a agilidade é sua inimiga e ela precisa de mais tempo e mais páginas para ser trabalhada, de forma que faça sentido para o leitor.

A busca frenética pela agilidade leva à adoção de um tipo de Jornalismo Convencional, mas não é que seja impossível praticar JLA contemporaneamente e em veículos online. A questão está relacionada a vícios de produção e vinculada com o mercado de trabalho e o próprio sistema do Jornalismo.

As matérias 1, 4 e 6 estão sinalizadas como Narrativas de transformação, pois os textos buscam ampliar o conhecimento do leitor de alguma forma. Ambas expõem maior número de pontos de vista do que as matérias 2, 3 e 5. Por mais que alguns desses pontos de vista sejam definidores primários, como explica a teoria exposta no capítulo quatro desta pesquisa, isso serve como forma de proporcionar uma reflexão maior sobre o assunto. Opiniões únicas não favorecem o diálogo, portanto, se não há diálogo, não é possível haver transformação, e nas matérias 2, 3 e 5 constam apenas opiniões do “mesmo lado da moeda”.

A contextualização e o foco nos personagens encontram-se apenas nos textos 1,3, 4 e 6, pois, mesmo que de forma superficial, as matérias possuem contexto e focam nos personagens que estão se comunicando com o leitor. É válido ressaltar, novamente, que não está sendo avaliada a intensidade com que esse foco e a contextualização estão presentes, mas se estão ou não. A intensidade é um juízo de valor e varia de acordo com cada leitor que estiver lendo esta pesquisa.

Ambos os veículos, G1 e *El País* edição América Latina, tendem muito mais para o Jornalismo Convencional do que para o Jornalismo Literário Avançado. No caso do *El País*, em sua já extinta versão brasileira, o Jornalismo Literário Avançado era abordado com mais intensidade, tendo como figura-chave os textos da jornalista Eliane Brum. Em sua edição América Latina, o *El País* pouco faz uso do JLA, mesmo em colunas de opinião, onde o texto poderia ser escrito de maneira mais

“livre”, não apenas com opinião, mas também emoção, profundidade e foco em contar histórias de personagens reais, enfrentando situações reais.

Mesmo com a seleção de matérias de diferentes editorias, em ambos os veículos, o JLA pouco se faz presente. A evolução do Jornalismo tradicional para o *webjornalismo*, portanto, não aparenta ter representado uma evolução também na maneira de produzir. A ferramenta “*online*” possibilita acessar um “mundo” de facilidades não vistas antes dos anos 2000, como mesclar conteúdo textual com radiofônico e audiovisual na mesma publicação. O texto escrito, porém, parece estar sendo deixado de lado, preterido por outras formas de comunicar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Jornalismo de sua base à sua versão mais profunda e sincera. Isto foi o que este TCC proporcionou ao pesquisador conhecer. Analisar o uso do Jornalismo Convencional e do Jornalismo Literário Avançado - JLA na construção das narrativas do G1-Globo e *El País* edição América Latina foi um desafio desde o princípio. A motivação por entender como unir Jornalismo e Literatura em um mesmo texto, no entanto, foi o impulso necessário para que qualquer obstáculo fosse superado. O JLA surgiu como objeto de estudo em conversas realizadas entre o pesquisador e sua orientadora, Prof^a Dr^a Maria Luiza Cardinale Baptista, ainda na etapa do Projeto de Pesquisa, também chamado de TCC 1.

No caso do Jornalismo Convencional, seu estudo também tornou-se indispensável para esta pesquisa. Conhecer o Jornalismo desde o seu princípio até o presente, especialmente sua história no Brasil, foi fundamental para entender o ponto de partida da profissão, iniciando ainda na Antiguidade, e evoluindo até chegar na fase do *webjornalismo*. Não há, na opinião deste pesquisador, como compreender o Jornalismo Literário e o JLA sem antes compreender o que precedeu sua criação e desenvolvimento: o Jornalismo Convencional. Estilo este que, como visto ao longo deste TCC, ainda predomina nas redações.

Com isso, estabeleceu-se a questão de pesquisa: por meio de quais características é possível identificar o uso do Jornalismo Convencional e do Jornalismo Literário Avançado - JLA na construção das narrativas dos textos jornalísticos? A análise bibliográfica realizada pelo pesquisador foi feita a partir de duas frentes. Em primeiro lugar, se fez indispensável, como explicado no parágrafo anterior, antes de estudar o JLA, conhecer sua base, aqui chamada de Jornalismo Convencional. Houve um resgate histórico, focando em eventos importantes para a história da imprensa mundial, como as *Actas Diurnas*, do Império Romano, e a prensa de Gutemberg. O foco principal, contudo, foi compreender o Jornalismo Convencional no Brasil. Para isso, foi contextualizada a história da imprensa brasileira desde o período em que o País era governado sob um regime imperialista, passando pelos anos seguintes à independência, o período da ditadura, até chegar ao Jornalismo atual, também conhecido por *webjornalismo*. Com isso, o capítulo três desta pesquisa respondeu o primeiro dos objetivos específicos: definir o que é Jornalismo Convencional. Na definição, também está inclusa a lista de

características que definem o estilo tradicional do “fazer jornalístico”: **lead convencional; ênfase na objetividade; superficialidade; agilidade.**

No capítulo quatro deste TCC, por meio do estudo do Jornalismo Literário, cujo movimento conhecido como *New Journalism* é considerado um de seus principais expoentes, e do Jornalismo Literário Avançado, que tem como idealizador o professor e pesquisador Edvaldo Pereira Lima, foi definido o que é o JLA e como identificá-lo em textos jornalísticos. Para isso, a exemplo do que ocorreu no capítulo três, foram listadas as características primordiais para o JLA, seguindo os estudos de Lima (2009; 2014): **Jornada do Herói; narrativas de transformação; contextualização e foco nos personagens.** Pela inconsistência entre pesquisadores sobre uma ordem cronológica do Jornalismo Literário, esta pesquisa buscou elencar fatos históricos importantes para a construção do gênero, considerando, também, seu impacto no Brasil. Isso justifica o foco no *New Journalism*, pois, durante o século XX, o Jornalismo brasileiro foi se desprendendo de suas raízes européias e incorporando, cada vez mais, a influência norte-americana à sua cultura.

O estudo presente nos capítulos três e quatro, portanto, serviu de base para entender as diferenças entre o que é JLA e o que não é. Isso culminou no capítulo cinco, onde constam as análises sobre matérias extraídas do G1 e do *El País*. A análise foi feita de maneira qualitativa, buscando reconhecer as características de Jornalismo Convencional e Jornalismo Literário Avançado presentes nas narrativas. A construção dos capítulos foi feita a partir das matrizes rizomáticas propostas por Baptista (2014; 2020), onde foram justificadas a coerência da pesquisa, detalhamento do rizoma, composição da trama teórica-bibliográfica e a coerência da operacionalização da pesquisa.

Após feita a análise, o pesquisador chegou às considerações finais com algumas convicções sobre seu estudo. A primeira delas é que o Jornalismo Convencional é o gênero mais presente em nossa sociedade. O quanto a evolução tecnológica e a inserção da *internet* no dia a dia das pessoas influencia nisso é um assunto que cabe maior análise e diálogo. Talvez este possa ser, inclusive, um assunto para a continuidade deste trabalho. A segunda é que o Jornalismo Literário e o Jornalismo Literário Avançado são pouco abordados no ambiente acadêmico. O JLA, especialmente, por se tratar de uma teoria brasileira, deveria ser mais difundido nos cursos de comunicação das instituições nacionais de ensino superior, inclusive

na Universidade de Caxias do Sul. A partir desta pesquisa, foi possível perceber que a Literatura e o Jornalismo são como almas gêmeas, feitas para existirem em harmonia, uma com a outra. Da mesma forma que a Literatura traz mais emoção e sentimento ao texto, o Jornalismo contribui com a veracidade e o foco no que é real. Sua junção, portanto, só tem a agregar na profissão, o que, acredita este pesquisador, refletiria de forma positiva na sociedade.

Esta pesquisa, sem dúvida, é o que se pode chamar de “divisor de águas” na vida pessoal e profissional deste pesquisador. O Jornalismo Literário Avançado usado na construção das narrativas dos veículos de comunicação, sejam eles parte da grande mídia, veículos independentes, ou mesmo usado por jornalistas que trabalham desvinculados de empresas jornalísticas, é capaz de trazer mais sensibilidade e proporcionar uma experiência sensorial completa ao leitor. O intuito desta afirmação, porém, não é discriminar o Jornalismo Convencional, mas fazer uma crítica construtiva, no sentido de que ele pode ser melhorado.

Este autor já se sente um jornalista literário. Um pesquisador também. Ao final desta pesquisa, é possível afirmar que um dos objetivos pessoais iniciais foi alcançado: o entendimento e encantamento com o processo de construção de um trabalho acadêmico-científico. Sem dúvidas, o TCC proporcionou melhores experiências do que, infelizmente, grande parte das disciplinas cursadas ao longo dos anos de graduação.

O Jornalismo muda o mundo, a literatura também. A união de ambos tem poder para transformar sociedades, chamando a atenção para histórias reais, de personagens reais, que, diariamente, travam suas batalhas em busca de realizar seus sonhos. Mais do que um profissional qualificado, esta pesquisa me tornou um cidadão melhor, com consciência de que é possível encantar, ao mesmo tempo em que é mantida a essência jornalística, dos fatos.

A prática massiva do Jornalismo Convencional aparenta ser utilizada com a “desculpa” de que o público almeja, incessantemente, por informações rápidas sobre os assuntos. Mas até onde isso é realmente verdade? A solução, em um primeiro momento, é ouvir o que dizem os leitores, ouvintes ou espectadores desses conteúdos, e entender se agilidade é o que eles querem ou o que, de fato, precisam. A inserção do Jornalismo Literário Avançado na cultura atual é um processo que leva tempo, mas, mesmo que a passos lentos, precisa ser colocado em prática, e isso precisa partir tanto dos veículos - no papel de empresas -, quanto dos

jornalistas - no papel de profissionais da comunicação. A presença do JLA praticado de acordo com as características que o definem serviria como um incentivo à leitura na sociedade brasileira. Por consequência disso, incentiva-se o desenvolvimento de uma população emocionalmente mais estável e socialmente mais culta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGILIDADE é essencial na comunicação. **Publishnews**, São Paulo, 28 maio. 2014. Colunas/ Arquivos. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2014/05/28/77215-agilidade-e-essencial-na-comunicacao>. Acesso em: 30 maio. 2022.

AMORIM, Americo N. **Artigo: pedagogia, alfabetização e letramento nas escolas brasileiras, evolução histórica**. Escribo. [S. l.]. 5 abr. 2019. Disponível em: <https://escribo.com/2019/04/05/alfabetizacao-e-letramento-no-brasil-evolucao-historica/>. Acesso em: 06 maio. 2022.

ARAUJO, Washington. **O primado da superficialidade**. Observatório Imprensa. CIDADE, 21 jun 2011. Jornal de Debates. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/o-primado-da-superficialidade/>. Acesso em: 24 maio. 2022.

AREAS, Daiana Maciel. **Imprensa e política na década de 1950: o caso do Correio da Manhã**. 2012. Artigo (Mestrado em História Social), XV Encontro Regional de História Ofício do Historiador: ensino & pesquisa, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338498472_ARQUIVO_Daiana_Anpuh2012_revisado.pdf. Acesso em: 07 maio. 2022.

ARQUIVO da tag: jornalismo convencional. **Jornalismo Literário Blog**. [S. l.]. 11 nov. 2013. Disponível em: <https://jornalismoliterarioblog.wordpress.com/tag/jornalismo-convencional/>. Acesso em: 10 maio. 2022.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e ética - História da imprensa brasileira Volume 1**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2009. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=DI5QBAAQBAJ&pg=GBS.PT3&hl=en>. Acesso em: 05 maio. 2022.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale; BERNARDO, Joice dos Santos. **Cartografia dos saberes e histórias de vida: aproximações metodológicas para a pesquisa com 'sujeitos entre mundos', na perspectiva de 'com-versar' lugares e sujeitos**. Revista Observatório, Palmas, v.6, n. 5, p-1-20, 31 ago. 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/9559/18123>. Acesso em: 01 maio. 2022.

BARBOSA, Marialva Carlos. **Imprensa e poder no Brasil pós-1930**. Em questão, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 215-234, jun./dez. 2006. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/47471>. Acesso em: 07 maio. 2022.

BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=jOMbBAAQBAJ&pg=GBS.PT55&hl=en>. Acesso em: 05 maio. 2022.

BERGAMO, Alexandre. **“Antigos” e “novos” no jornalismo brasileiro nos anos de 1980 e 1990: uma identidade profissional em disputa.** Política e Sociedade. Santa Catarina, v. 19, n. 45, p. 337-368, 19 nov. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/61732/44725>. Acesso em: 08 maio. 2022.

BIOGRAFIA - Hipólito da Costa. **Academia Brasileira de Letras.** Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/hipolito-da-costa/biografia>. Acesso em: 04 maio. 2022.

BUGELLI, Alexandre Hamilton. **A crise econômica brasileira dos anos 1960: uma reconstrução do debate.** 2008. Dissertação (Mestrado em Economia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/9342/1/Alexandre%20Hamilton%20Bugelli.pdf>. Acesso em: 07 maio. 2022.

CAMARGO, Isabela; PULJIZ, Mara. **Irmãos confessam envolvimento nas mortes de Bruno Pereira e Dom Phillips na Amazônia, dizem fontes da PF.** TV Globo e G1 DF. Distrito Federal, 15 jun. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/06/15/confissao-assassinato-de-bruno-pereira-e-dom-phillips-na-amazonia-dizem-fontes.ghtml>. Acesso em: 17 jun. 2022.

CAMPOS, Pedro Celso. **A entrevista no jornalismo literário avançado.** Observatório Imprensa. [S. l.], 6 jan 2004. Primeiras Edições. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/a-entrevista-no-jornalismo-literario-avanado/>. Acesso em: 06 jun. 2022.

CARVALHO, Guilherme. **O jornalismo brasileiro finalmente é majoritariamente digital.** Plural Curitiba. Curitiba, 25 fev 2022. É ciência. Disponível em: <https://www.plural.jor.br/colunas/e-ciencia/o-jornalismo-brasileiro-finalmente-e-majoritariamente-digital/>. Acesso em: 09 maio. 2022.

CASTANHEDE, Ytalo Silva; ZANFORLIN, Sofia Cavalcanti. **As definições do newsmaking: um estudo bibliográfico sobre as perspectivas do conceito.** Revista Anagrama, São Paulo, v. 1, n. 14, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/164265/161421>. Acesso em: 20 maio. 2022.

CASTRO, Alexandre. **Teorias do Jornalismo, Universidade e Profissionalização: desenvolvimento internacional e impasses brasileiros.** 2012. Artigo (Jornalista e professor, graduado em Jornalismo Gráfico e Áudio-Visual). GP Teorias do Jornalismo do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Fortaleza, 2012. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/castro-alexandre-2013-teorias-jornalismo.pdf>. Acesso em: 16 maio. 2022.

CAVALCANTI, Ivo Henrique França de Andrade Dantas. **O webjornalismo e suas potencialidades: um estudo de caso do portal NE10**. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/10786/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20IVODANTAS.pdf>. Acesso em: 07 maio. 2022.

CERVELLINI, Silvia. **Espiral do silêncio e liberdade de expressão: fronteiras entre a civilização e a barbárie**. Futura. [S. l.]. 18 mar. 2022. Cidadania. Disponível em: <https://www.futura.org.br/espiral-do-silencio-e-liberdade-de-expressao-fronteiras-entre-a-civilizacao-e-a-barbarie/>. Acesso em: 17 maio. 2022.

CERVI, Emerson Urizzi; MASSUCHIN, Michele Goulart; ENGELBRECHT, Camila Wada. **Jornalismo público ou convencional: que faz diferença para a democracia brasileira?** 2009. Artigo (Professor do Mestrado em Ciência Política; Mestrado em Ciência Política; Graduação em Comunicação Social), III Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação Política, São Paulo, 9 a 11 dez. 2009. Disponível em: http://compolitica.org/novo/anais/2009_emerson_michele_camila.pdf. Acesso em: 10 maio. 2022.

CLEMENTE, Tatiany Araújo. **A função do lead no jornalismo impresso atual**. 2005. Monografia (Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo) - Centro Universitário de Brasília. Brasília, 2005. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1339/2/20164756.pdf>. Acesso em: 18 maio. 2022.

CÓDIGO de Ética. **El País**. Madrid. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/estaticos/codigo-de-etica/>. Acesso em: 23 maio. 2022.

COMO surgiu o jornalismo - conheça como surgiu o jornalismo passou a ser uma atividade na história e no Brasil. **Educa mais Brasil**. 28 jun. 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/cursos-e-faculdades/jornalismo/noticias/como-surgiu-o-jornalismo>. Acesso em: 04 maio. 2022.

COSTA, Livia Cunto Salles da. **Jornalismo literário: história e experiências contemporâneas nos Estados Unidos e no Brasil**. 2015. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015. Disponível: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/5212/1/LCosta.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2022.

COSTA, Marcelo. **10 diferenças essenciais entre português e espanhol**. [S. l.]. 27 nov. 2019. Disponível em: <https://www.thefools.com.br/blog/post/10-diferencas-essenciais-entre-portugues-e-espanhol>. Acesso em: 01 maio. 2022.

COSTA, Siliana Dalla. **Conceito de Verdade como Compromisso Ético Jornalístico**. 2017. Artigo (Mestrado em Jornalismo), XVIII Congresso de Ciências

da Comunicação na Região Sul, Caxias do Sul, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2017/resumos/R55-0775-1.pdf>. Acesso em: 22 maio. 2022.

DALL'BELL, Ezekiel. **A imparcialidade no jornalismo**. Em pauta, Pelotas, 20 nov. 2015. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/empauta/a-imparcialidade-no-jornalismo/>. Acesso em: 22 maio. 2022.

DANTAS, Ivo Henrique; ROCHA, Heitor Costa Lima da. **Webjornalismo: dos portais às redes sociais**. 2016. Artigo (Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação; Orientador e professor no Programa de Pós-Graduação em Comunicação), XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2705-1.pdf> . Acesso em: 07 maio. 2022.

DIANA, Daniela. **Texto jornalístico**. Toda matéria. [S. l.]. 2003. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopez-debora-ivo-superficialidade-reportagens.pdf>. Acesso em: 24 maio. 2022.

DIANA, Marina. **Rapidez do noticiário: edição digital da agilidade à empresa e conforto ao leitor**. Terra. [S. l.], 24 ago 2016. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/rapidez-do-noticiario-edicao-digital-da-agilidade-a-empresa-e-conforto-ao-leitor,7b85cfe59b5fa8e33be6c43687515bc453cxe2f0.html>. Acesso em: 01 jun. 2022.

DIGITAL deu agilidade ao jornalismo, mas estimulou fake news, lamente ciberjornalista. **Universidade Metodista de São Paulo**. São Paulo. Mar. 2022. Notícias. Disponível em: <https://metodista.br/noticias/digital-deu-agilidade-ao-jornalismo-mas-estimulou-fake-news-lamenta-especialista>. Acesso em: 01 jun. 2022.

EL País chega aos 100 milhões de leitores mensais. **El País**. Madrid, 07 nov. 2017. Actualidad. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/04/actualidad/1509821900_271947.html. Acesso em: 02 maio. 2022.

ESCLAREÇA suas dúvidas: leads. **Estadão**, São Paulo. Manual de Redação. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/manualredacao/esclareca/leads>. Acesso em: 20 maio. 2022.

ESTATÍSTICA de veículos agrupados por localização e formatos. **Atlas da Notícia**. [S. l.]. 21 fev. 2022. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/dados/estatisticas/>. Acesso em: 09 maio. 2022.

ESTEVES, Emerson. **A superficialidade do jornalismo esportivo diante de casos de racismo no futebol**. Ludopédio. [S. l.]. 17 nov. 2020. Arquibancada. Disponível em:

<https://ludopedio.org.br/arquibancada/superficialidade-jornalismo-racismo/>. Acesso em: 21 maio. 2022.

FERNANDES, Bruno Rafael Duarte. **A Teoria Clássica do Gatekeeper e do Newsmaking na rádio: O caso do RDP**. 2011. Relatório de Estágio (Mestrado em Jornalismo) - Universidade da Beira Interior. Covilhã, jun. 2011. Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/13111/1/Tese_Bruno_Fernandes.pdf. Acesso em: 17 maio. 2022.

FIGUEIREDO, Pedro de. **Teoria Organizacional: Uma Análise a partir dos Conceitos de Papel Social e de Novo Espírito do Capitalismo**. 2016. Artigo (Mestrado em Comunicação Social), XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1690-1.pdf>. Acesso em: 15 maio. 2022.

GONÇALVES, Mariana Couto. **O jornalismo literário no século XIX: a imprensa entre folhetins, crônicas e leitores**. 2013. Artigo (Mestrado em História), XXVII Simpósio Nacional de História, Natal, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371346244_ARQUIVO_artigoanpuh_versaofinal_.pdf. Acesso em: 02 jun. 2022.

GRUPO Globo bate recorde de acessos no digital e passa de 100 milhões de usuários únicos. **G1**, [S. l.], 26 nov. 2018. Disponível em: < <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2018/11/26/grupo-globo-bat-e-recorde-de-acessos-no-digital-e-passa-de-100-milhoes-de-usuarios-unicos.ghtml>. Acesso em: 01 maio. 2022.

GUARNIERI, Dayane Cristina. **Os periódicos brasileiros e sua trajetória na década de 1960**. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 7, n. 8, p. 77357-77375, ago. 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/33944/pdf>. Acesso em: 10 maio. 2022.

GUIDOTTI, Gabriel Bocorny. **A tribo jornalística**. Observatório Imprensa. [S. l.], 30 dez. 2014. Feitos & Desfeitos. Disponível em: https://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/_ed831_a_tribo_jornalistica/. Acesso em: 16 maio. 2022.

HENRIQUES, Rafael Paes. **O lugar de onde se fala: o jornalismo e seus princípios fundamentais**. 2009. Artigo (Mestre em Ciências da Comunicação), XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2376-1.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2022.

HISTÓRIA do Jornal. **Jornalista**. Disponível em: <https://www.jornalista.com.br/historia-do-jornal.html>. Acesso em: 04 maio. 2022.

IMPrensa Alternativa. **Memórias da Ditadura**. [S. l.]. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/imprensa-alternativa/>. Acesso em: 07 maio. 2022.

JORNALISMO ideal: imparcialidade e outros mitos em textos e fotos. **Repórter Brasil**. [S. l.]. 29 mar. 2006. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2006/03/jornalismo-ideal-imparcialidade-e-outros-mitos-e-m-textos-e-fotos/>. Acesso em: 22 maio. 2022.

JORNALISMO literário: muito além do factual. Caxias do Sul: UCS Play, 2018. Disponível em: <https://ucsplay.ucs.br/video/jornalismo-literario-muito-alem-do-factual/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

LIMA, Aleff. **A importância do jornalista na era da informação**. Notícias do Acre. Acre, 1 dez. 2019. [S. l.]. Disponível em: <https://agencia.ac.gov.br/a-importancia-do-jornalista-na-era-da-informacao/>. Acesso em: 31 maio. 2022.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. rev. e ampl. Barueri, SP: Editora Manoele Ltda, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira (org.). **Econautas: Ecologia e Jornalismo Literário Avançado**. 1. ed. Canoas, RS: Editora da Ulbra, 1996.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo literário avançado**. Disponível em: <https://blog.edvaldopereiralima.com.br/jornalismo-literario-avancado/>. Acesso em: 07 jun. 2022.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Memória do futuro: jornalismo literário avançado no século XXI**. Inovcom. São Paulo, v. 5, n. 2, p. 68-78, 2013. Disponível em: <https://blog.edvaldopereiralima.com.br/wp-content/uploads/JLA-1-Inovcom.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2022.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Memória do futuro: jornalismo literário avançado no século XXI - 2**. Inovcom. São Paulo, v. 6, n. 1, p. 12-23, 2014. Disponível em: <https://blog.edvaldopereiralima.com.br/wp-content/uploads/JLA-2-Inovcom.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2022.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Construtivo**. Jornalismo Construtivo. [S. l.]. 2022. Disponível em: <https://blog.edvaldopereiralima.com.br/jornalismo-construtivo/>. Acesso em: 10 maio. 2022.

LIMA, Raphaella Gomes de. **O new journalism: análise do padrão das produções do gênero jornalístico**. 2016. Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2016. Disponível em:

<https://www.ufjf.br/facom/files/2016/06/TCC-Raphaella-Gomes-de-Lima-New-Journalism.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2022.

MADUREIRA, Daniele. **Jornal El País encerra edição brasileira e pega equipe de surpresa**. Folha de São Paulo, São Paulo, 14 dez. 2021. Mercado. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/12/jornal-el-pais-encerra-edicao-brasileira-e-pega-equipe-de-surpresa.shtml#_. Acesso em: 01 maio. 2022.

MARINHO, Roberto Irineu; MARINHO, João Roberto; MARINHO, José Roberto. **Princípios Editoriais**. Canais Globosat. Disponível em: <http://canaisglobosat.globo.com/principios-editoriais/>. Acesso em: 18 maio. 2022.

MARINHO, Roberto Irineu; MARINHO, João Roberto; MARINHO, José Roberto. **Princípios Editoriais das Organizações Globo**. Rio de Janeiro, 6 ago. 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.pdf>. Acesso em: 20 maio. 2022.

MARQUES, Carolina Lopes. **Memória no jornalismo digital como alternativa de combate a desinformação durante a pandemia**. Centro de Crítica da Mídia. [S. l.]. 25 jun. 2020. Observatório Covid-19. Disponível em: <https://blogfca.pucminas.br/ccm/memoria-no-jornalismo-digital-como-alternativa-de-combate-a-desinformacao-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 21 maio. 2022.

MARTINEZ, Fernanda. **Como surgiu o empreendedorismo? Especialistas explicam**. G1. [S. l.]. 15 jun. 2022. Empreendedorismo. Disponível em: <https://g1.globo.com/empreendedorismo/noticia/2022/06/15/como-surgiu-o-empendedorismo-especialistas-explicam.ghtml>. Acesso em: 15 jun. 2022.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói: a estrutura narrativa mítica na Construção de Histórias de Vida em Jornalismo**. 2004. Paper (Doutorado em Ciências da Comunicação), [S. l.]. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/errata2003/jornada_heroi.pdf. Acesso em: 10 jun. 2022.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas**. Intercom - RBCC, São Paulo, v.40, n.3, p.21-36, set./dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/YywYmt85GZrc4NRsjHytXYm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 jun. 2022.

MICHAELIS. **Imparcialidade**. [S. l.]. 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=poPxj>. Acesso em: 22 maio. 2022.

NEW Journalism - A reportagem como criação literária. **Prefeitura do Rio de Janeiro**: A Secretaria, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101399/estudos7.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2022.

OQUENDO, Catarina. **El relato de Rodolfo Hernández sobre la desaparición de su hija**. El País, Bogotá, 15 jun. 2022. Elecciones Colombia 2022. Disponível em:

<https://elpais.com/america-colombia/elecciones-presidenciales/2022-06-15/el-relato-de-rodolfo-hernandez-sobre-la-desaparicion-de-su-hija.html>. Acesso em: 15 jun. 2022.

PEÇAS de mármore podem voltar ao Partenon: museu britânico defende acordo com Grécia. **G1**. [S. l.]. 15 jun. 2022. Pop & Arte. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2022/06/15/pecas-de-marmore-podem-voltar-a-o-partenon-museu-britanico-defende-acordo-com-grecia.ghtml>. Acesso em: 17 jun. 2022.

PEIXOTO, Fernanda. **Os anos 80, o novo jornalista e a imprensa no Brasil**. Estudos de Sociologia. Araraquara, v. 3, n. 4, p. 31-42, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/904>. Acesso em: 12 maio. 2022.

PENA, Felipe (org.). **1000 perguntas sobre teoria da comunicação**. Rio de Janeiro, RJ: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora, 2012.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 3. ed. [S. l.]. Contexto, 2007.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2. ed. [S. l.]. Contexto, 2006.

PENA, Felipe. **O jornalismo Literário como gênero e conceito**. Contracampo - Brazilian Journal of Communication. Dossiê: comunicação e documentários, Rio de Janeiro, n. 17, p. 43-58, 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17241/10879>. Acesso em: 07 jun. 2022.

PEREIRA, Luisa. **New journalism: entenda como a técnica marcou a escrita**. Capital News. Campo Grande, 24 jan 2021. Cultura. Disponível em: <https://capitalnews.com.br/colunistas/cultura/new-journalism-entenda-como-a-tecnica-marcou-a-escrita/352157>. Acesso em: 03 jun. 2022.

PETRARCA, Fernanda Rios. **Por uma sociologia histórica do jornalismo no Brasil**. 2007. Artigo (Doutorado em Sociologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/POR%20UMA%20SOCIOLOGIA%20HISTORICA%20DO%20JORNALISMO%20NO%20BRASIL.pdf>. Acesso em: 06 maio. 2022.

PIMENTA E SILVA, Marcelo. **Mudança radical na imprensa completa 50 anos**. Observatório Imprensa. [S. l.], 24 nov 2009. Imprensa em Questão. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/mudanca-radical-na-imprensa-completa-50-anos/>. Acesso em: 06 jun. 2022.

PONCHIROLI, Rafaela. **Jornalismo: o que é e qual a sua importância?** Politize, [S. l.], 07 nov. 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/jornalismo/#:~:text=O%20jornalismo%20surgiu%20no%20mundo,publica%C3%A7%C3%B5es%20peri%C3%B3dicas%20conhecidas%20como%20jornais>. Acesso em: 04 maio. 2022.

REINHOLZ, Fabiana. **Um contraponto à superficialidade**. Observatório da Imprensa. [S. l.], 24 jun 2007. Feitos & Desfeitos. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/um-contraponto-a-superficialidade/>. Acesso em: 25 maio. 2022.

REIS, Daniel Aarão; ROLLEMBERG, Denise. **Memórias Reveladas - Censuras no meio de comunicação**. Governo Federal. Arquivo Nacional. [S. l.]. Disponível em: <http://memoriasreveladas.gov.br/campanha/censura-nos-meios-de-comunicacao/#:~:text=A%20imprensa%20foi%20alvo%20da.%2C%20em%201970%2C%20a%20autocensura>. Acesso em: 07 maio. 2022.

RIVAS-MOLINA, Federico. **La inflación argentina rompe la barrera del 60% interanual**. El País, Bon Ares, 14 jun. 2022. Inflación en Argentina. Disponível em: <https://elpais.com/argentina/2022-06-14/la-inflacion-argentina-rompe-la-barrera-del-60-interanual.html>. Acesso em: 17 jun. 2022.

RODRIGUES, Luiz Felipe Ribeiro. **Os limites da liberdade de expressão na internet**. Estado de Minas, Minas Gerais, 21 abr. 2022. Direito e Inovação. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/columnistas/direito-e-inovacao/2022/04/21/noticia-direito-e-inovacao.1361386/os-limites-da-liberdade-de-expressao-na-internet.shtml>. Acesso em: 08 maio. 2022.

ROSA, Marília Alves da. **A relação entre jornalismo literário avançado e universo feminino, a partir da produção de perfis jornalísticos**. 2019. Monografia (Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo) - Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/5457/TCC%20Mar%c3%adlia%20Alves%20da%20Rosa.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 02 jun. 2022.

ROYO GUAL, Joan. **Brasil privatiza Eletrobras, la mayor empresa de energía de Latinoamérica**. El País, Rio de Janeiro, 14 jun. 2022. Internacional. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2022-06-14/brasil-privatiza-eletobras-la-mayor-empresa-de-energia-de-latinoamerica.html>. Acesso em: 17 jun. 2022.

SAMARA, Sthael. **A velocidade da informação e a ética jornalística**. Observatório Imprensa. [S. l.], 14 maio 2013. Feitos & Desfeitos. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/ed746-a-velocidade-da-informacao-e-a-etica-jornalistica/>. Acesso em: 27 maio. 2022.

SAMPAIO, Bruna Pessoa; BRUMATTI, Vítor Pachioni. **Um breve estudo exploratório a respeito da evolução do jornalismo**. 2017. Artigo (Graduação em Jornalismo; Professor do curso de graduação), XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Volta Redonda, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2017/resumos/R58-0088-1.pdf>. Acesso em: 07 maio. 2022.

SANTI, Vilso Júnior Chierentin. **O processo de apuração no webjornalismo de quarta geração**. Eco-Pós, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 181-194, set./dez. 2009.

Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/939/879. Acesso em: 10 maio. 2022.

SANTOS, Thalyta dos. **A liberdade de expressão na República Federativa do Brasil: aspectos destacados acerca da ratificação da Convenção Americana sobre direitos humanos pelo Brasil**. Revista Direito UFMS, Campo Grande, v. 2, n. 1, p. 101-119, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/revdir/article/view/2276>. Acesso em: 16 maio. 2022.

SILVA, César Agenor Fernandes da. **O Correio Braziliense e o seu projeto de civilização (1808-1822)**. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita. Franca, 2006. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93267/silva_caf_me_fran.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 04 maio. 2022.

SOUZA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no ocidente**. Porto. Universidade Fernando Pessoa. 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>. Acesso em: 20 maio. 2022.

SOUZA, Licia Oliveira. **Jornalismo e biografias: reconstrução de identidade e a busca pelo humano**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2008. Disponível em: <https://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/LiciaOliveira.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2022.

TEIXEIRA PRIMO, Alex Fernando; TRÄSEL, Marcelo. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. 2006. Artigo (Professores em Comunicação Social), Limc UFRGS, Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/webjornal.pdf>. Acesso em: 09 maio. 2022.

TEORIA do agendamento ou agenda setting. **Casa dos Focas**. [S. l.], 17 jul. 2014. Focabulário. Disponível em: <https://www.casadosfocas.com.br/a-teoria-do-agendamento-ou-agenda-setting/>. Acesso em: 17 maio. 2022.

TEORIA gnóstica. **Comuniqueiro**. Brasília. Disponível em: <https://comuniqueiro.com/blog/Teoria-Gnostica>. Acesso em: 16 maio. 2022.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo Volume II: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Editora Insular, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5537285/mod_resource/content/1/teorias-do-jornalismo-vol-2-nelson-traquina.pdf. Acesso em: 10 maio. 2022.

VALENTE, Jonas. **Pesquisa: notícias falsas circulam 70% mais do que as verdadeiras na internet**. Agência Brasil. Brasília, 10 mar 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2018-03/pesquisa-noticias-falsas-circulam-70-mais-do-que-verdadeiras-na>. Acesso em: 01 jun. 2022.

VIEIRA, Livia de Souza; MÁXIMO, Maria Elisa. **Etnografia e Pesquisa em Jornalismo: Aproximações Teórico-Methodológicas para os Estudos de Newsmaking**. 2018. Artigo (Doutorado em Jornalismo; Doutorado em Antropologia Social), 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Joinville, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1766-1.pdf>. Acesso em: 17 maio. 2022.

VIENA, Thiago Mena Barreto. **Comunicação Comparada**. 1. ed. [S. l.]. Aiamis, 2017. Disponível em: <https://md.uninta.edu.br/geral/comunicacao-comparada/mobile/index.html#p=20>. Acesso em: 04 maio. 2022.

VIOLÊNCIA: superficialidade no jornalismo é o maior problema. **Núcleo Piratininga de Comunicação**. Rio de Janeiro, maio. 2005. Disponível em: <http://nucleopiratininga.org.br/violencia-superficialidade-no-jornalismo-e-o-maior-problema/>. Acesso em: 23 maio. 2022.

WEISE, Angélica Fabiane. **Para compreender o jornalismo literário**. Observatório Imprensa. [S. l.], 22 jan 2013. Diretório Acadêmico. Disponível em: https://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/ed730_para_compreender_o_jornalismo_literario/. Acesso em: 02 jun. 2022.

5G no Brasil: quando chega? Precisa trocar de celular? Veja as respostas. **G1**, [S. l.], 02 nov. 2021. Tecnologia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/11/02/leilao-do-5g-acontece-nesta-semana-quando-chega-precisa-trocar-de-celular-veja-respostas.ghtml>. Acesso em: 09 maio. 2022.